ano 5 - edição 57 – Outubro/2009 - R$ 12,00 periodicidade mensal www.direcionalescolas.com.br

DIRECIONAL EDUCADOR

E MAIS:

- Teatro: uma contribuição na formação do sujeito reflexivo
- O corpo em movimento e a aprendizagem dos bebês
- A inteligência da afetividade
- A psicopedagogia e a aprendizagem em sala de aula, por Isabel Parolin

Por Emília Cipriano Sanches, Gláucia de Melo Ferreira, Marisa Del Cioppo Elias e Silmara Rascalha Casadei

ENTREVISTA
Rosa Maria Whitaker Sampaio
Freinet: Pedagogia em curso

CÉLESTIN FREINET

venda proibida: exemplar de assinante

GRUPO DIRECIONAL

I Simpósio Educando na Diversidade
IV Seminário de Psicopedagogia

11 e 12 de dezembro de 2009

Cine Metrópolis (UFES)

11/12 (SEXTA-FEIRA), À NOITE • 12/12 (SÁBADO), PELA MANHÃ

Faculdade SABERES

DIA 12/12 (SÁBADO), À TARDE

PÚBLICO ALVO

Professores da Rede Pública e Privada, Gestores e Educadores em Geral

PROGRAMAÇÃO

11/12

- 18:00 - Cadastramento e Entrega do Material
- 19:00 - Abertura com apresentação de um grupo do Centro Cultural Caieiras - CECAES
- 19:30 - Palestra: **A trajetória da escola e seus diferentes paradigmas** Prof. José Pacheco - Portugal (autor do livro A Escola da Ponte)
- 20:00 - Debates

12/12 - manhã

- 08:00 às 09:15 - Palestra: **Diversidade linguística na escola: um caminho a trilhar** - Profa. Dra. Euzi Rodrigues Moraes
- 09:30 às 11:30 - Mesa Redonda: **Diversidade, inclusão e organização na escola: caminhos e descaminhos** - Prof. Me. José Pacheco - Portugal, Prof. Dr. Hiran Pinel/UFES e Profa. Dra. Denise Meireles/UFES
- 11:30 às 12:00 - Intervalo para café
- 12:00 às 14:00 - Almoço

12/12 - 14:00 às 15:00

PALESTRAS: 1 - **A diversidade em sala de aula e o trabalho do professor** - Profa. Dra.Nivea Fabricio - ABPp-SP
2 - **Educação Ambiental em diferentes contextos de formação** - Profa. Dra. Martha Tristão - UFES
3 - **Práticas de intervenção psicopedagógica** - Profa. Me. Graça Pimentel e Maristela do Valle - ABPp-ES/SABERES

MINI-CURSOS: 1 - **Avaliação diagnóstica** - Cheila Mussi Montenegro, Profa. Esp. ABPp-ES
2 - **Música e expressão oral** - Profa. Me. Meri Nádia Marques e Márcia Coradini - UFES/SABERES

OFICINAS: 1 - **Jogos psicopedagógicos** - Profa. Ms. Simone Chabudee e Prof. Dr. Carlos Ortega - UFES/SABERES
2 - **Jogos simbólicos** - Yara Feldman, Profa. Mestranda - ABPp-ES

16:00 às 17:15 - **Relato de Experiência:** visita técnico-pedagógica à Escola da Ponte (Portugal) - Prof. Me Ricardo Figueiredo - PMV

17:30 - Encerramento

REALIZAÇÃO

FACULDADE SABERES

abpp-es
Associação Brasileira de Psicopedagogia
Núcleo Espírito Santo

MAIS INFORMAÇÕES
(27) 3227-8203
www.saberes.edu.br

PATROCÍNIO

ArcelorMittal
Secretaria da Educação
UM NOVO ESPÍRITO SANTO
importbras

APOIO

SINEPE ES
FCAA
METROPOLIS

DIRECIONAL
EDUCADOR

ISSN 1982-2898

Diretores
Sônia Inakake
Almir C. Almeida

Editora
Luiza Oliva

Colunistas
Cassiano Zeferino de Carvalho Neto
Celso Antunes
Maria Irene de Matos Maluf

Colaboraram nesta edição
Alice Mattos Machado
Ângela Antunes
Emília Cipriano Sanches
Érika Ratkevicius
Gláucia de Melo Ferreira
Isabel Parolin
Jucineide Santana
Maria Dolores Fortes Alves
Marisa Del Cioppo Elias
Patrícia Gusmão Maciel
Paulo Roberto Padilha
Rosa Maria de Freitas Rogerio
Silmara Rascalha Casadei
Silvio Valentin Liorbano

Diretora de Arte
Thais Moro

Assistentes de Arte
Bno Moreira
Gabriela Maciel
Hugo Leonardo

Atendimento ao Leitor e Circulação
Catia Gomes

Coordenador Depto de Assinaturas
João Elias Pereira

Jornalista Responsável
Luiza Oliva - MTB 16.935
jornalista@condominio.inf.br

Impressão
Prol Gráfica

Filiada à

Apoio

O Grupo Direcional apóia:

Direcional Educador é uma publicação mensal do Grupo Direcional, com circulação nacional.
Dirigida a diretores, educadores, coordenadores e todos os profissionais que atuam na área da educação.
Não é permitida a reprodução total ou parcial das matérias, sujeitando os infratores às penalidades legais. As matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista Direcional Educador.

R. Vergueiro, 2556 8º Andar
Vila Mariana 04102-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 5573-8110 - Fax: (11) 5084-3807
faleconosco@direcionalescolas.com.br
www.direcionalescolas.com.br

Foto: © Association Amis de Freinet - www.amisdefreinet.org

Edição 57
Outubro 2009

Caro leitor,

Quantas vezes, em educação, não ouvimos dizer que é preciso sair da mesmice, inovar, fugir do marasmo? Foi o que procuramos fazer com esta edição de *Direcional Educador* quando decidimos dedicá-la à Célestin Freinet. Cultuado por educadores do mundo todo, Freinet decididamente ainda não tem o espaço que merece. Talvez por não ter sido um acadêmico, ou ainda pela origem humilde. Filho de camponeses, nasceu em 15 de outubro de 1896, em Gars, no sul da França. Menino ainda, colhia flores de lavanda e pastoreava cordeiros. Viveu os horrores da guerra e criou sua pedagogia, contra todas as regras vigentes na época. "Freinet é mais atual que nunca mas ainda não é valorizado como deveria", diz Rosa Maria Whitaker Sampaio, nossa entrevistada desta edição, estudiosa de Freinet há quase 40 anos.

A ideia de publicar diversos textos sobre Freinet surgiu há exatamente um ano, quando entrevistei a educadora Emília Cipriano. Também seguidora dos ideais do professor francês, Emília foi taxativa: "É preciso falar de Freinet." Emília e Rosa estão cobertas de razão. Basta ler essa citação de Freinet para se certificar de sua atualidade: "No passado o mundo mudava ao ritmo dos séculos, o que se ensinava para as crianças ainda era válido 30 anos depois. O que ensinamos hoje talvez não seja importante daqui a dois anos. Quando os nossos alunos de 14 anos tiverem 18, sejam soldados ou trabalhadores, o que nós lhes ensinamos será obsoleto. Essa é a realidade nova. Portanto devemos preocupar-nos menos em ensinar noções, princípios e conhecimentos às crianças e prepará-las a adaptarem-se com habilidade e inteligência ao mundo em mudança no qual irão se integrar." Freinet morreu em 8 de outubro de 1966, há exatos 43 anos.

Além da entrevista de Rosa Maria, textos brilhantes que abordam diversos aspectos da educação proposta pelo revolucionário francês recheiam esta edição de outubro. Emília Cipriano, Gláucia de Melo Ferreira, Marisa Del Cioppo Elias e Silmara Rascalha Casadei formam nosso time de colaboradoras freinetianas. Através desses textos, espero que todos os seguidores de Freinet se sintam representados em nossas páginas.

Neste outubro, vale celebrar, além do dia do professor, o nascimento de Freinet, criador da Escola Moderna e legítimo representante do professor crítico e criativo.

A equipe de ***Direcional Educador*** deseja um feliz Dia do Professor a todos os nossos leitores!

Um abraço e boa leitura,

Luiza Oliva
Editora

Seja colaborador da *Direcional Educador*

Para publicar seus artigos na revista Direcional Educador, basta enviá-los para: faleconosco@direcionalescolas.com.br aos cuidados do editor.
Os artigos serão analisados e, caso aprovados, serão publicados oportunamente, conforme a programação das edições.
Envie também no e-mail:

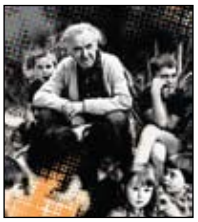
- Seu mini-currículo para ser publicado junto ao artigo.
- Sua foto em tamanho 600x600 pixels ou maior (opcional).
- Seu endereço, para que possamos lhe enviar exemplares da revista.
- Declaração de que o artigo é inédito e que não foi enviado para nenhuma outra revista da área de educação, autorizando sua publicação na revista Direcional Educador, tanto na versão impressa quanto na versão digital (internet e CD).

ENTREVISTA 06

Rosa Maria Whitaker Sampaio
Por Luiza Oliva

CAPA 10

Célestin Freinet: um educador comprometido com a vida das crianças
Por Emília Cipriano Sanches



CAPA 16

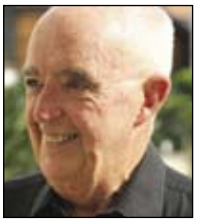
Significados e contribuições das Pedagogias de Paulo Freire e Célestin Freinet para a educação popular
Por Marisa Del Cioppo Elias

CAPA 22

Freinet – uma inspiração para a Gestão Escolar
Por Silmara Rascalha Casadei

CURSO 25

Módulo 8
Por Ângela Antunes
e Paulo Roberto Padilha



11 MÁGICOS & FADAS

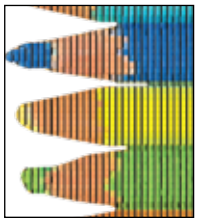
Um certo professor Celestino
Por Celso Antunes

15 PÁGINA DO PSICOPEDAGOGO

Janelas de oportunidades
Por Maria Irene Maluf

21 CRÔNICA

O menino e suas laranjas
Por Silvio Valentin Liorbano



24 REFLEXÃO

As faces da educação
Por Jucineide Santana

29 CAPA

Pedagogia Freinet:
possibilidades de alfabetização
Por Gláucia de Melo Ferreira

PSICOPEDAGOGIA 32

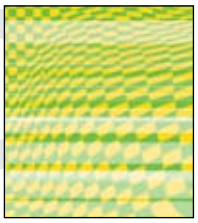
A psicopedagogia e a
aprendizagem em sala de aula
Por Isabel Parolin

34 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A Inteligência da Afetividade:
a complexidade, o pensamento
ecossistêmico e a transdisciplinaridade
como nutridores da humanidade
do humano.
Por Maria Dolores Fortes Alves

TEATRO 37

Relação do teatro com a
efervescência juvenil: uma
contribuição na formação do
sujeito reflexivo
Por Patrícia Gusmão Maciel



40 BERÇÁRIO

O corpo em movimento e a
aprendizagem dos bebês
Por Rosa Maria de Freitas Rogerio

PSICOPEDAGOGIA 44

Limite: isto é realmente
necessário?
Por Alice Mattos Machado

46 E AGORA PROFESSOR?

"ALFA, BETA, ÔMEGA"
Por Cassiano Zeferino de
Carvalho Neto

BRINCADEIRAS CULTURAIS 48

Pomponeta
Por Érika Ratkevícius

50 AGENDA

Precursora da Pedagogia Freinet no Brasil, a educadora Rosa Maria Whitaker Sampaio aponta aspectos históricos do movimento, suas técnicas pedagógicas e passos para o futuro.

Por Luiza Oliva
Fotos: João Elias

Freinet: pedagogia em curso

Pode-se dizer que na casa da educadora paulista Rosa Maria Whitaker Sampaio respira-se Célestin Freinet. Atuante no movimento Freinet no Brasil e no mundo, Rosa dispõe de uma completa biblioteca sobre o educador francês e é autora de *Freinet – Evolução Histórica e Atualidades* (Editora Scipione). Álbuns de fotos reúnem lembranças de inúmeras viagens de Rosa pelo mundo nas RIDEFs – Reunião Internacional de Educadores Freinet, evento que acontece em países diferentes a cada dois anos, reunindo associações ligadas à FIMEM – Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna/Pedagogia Freinet. Rosa comenta que há 43 países hoje com grupos de educadores Freinet, todos se comunicando. O Brasil é representado pela Associação Brasileira para Divulgação, Estudos e Pesquisas da Pedagogia Freinet (ABDEPP), da qual Rosa é coordenadora do Pólo São Paulo. Rosa é uma entusiasta de Freinet desde os anos 1970, quando já praticava princípios da escola propostos pelo educador. "Freinet propõe a pedagogia mais simples do mundo, mas profunda", avalia.

Rosa frisa que Freinet fazia questão de dizer que outros educadores o ajudaram a criar sua pedagogia. Ela cita como influências de seu trabalho Decroly e seus centros de interesse, Maria Montessori e suas inovações para a primeira infância, Cousinet e o seu trabalho por grupos, Férrière e a sua Escola Ativa, Pierre Bovet, Claparède e Dottrens, da Escola de Genebra, Miss Pankhurst e Washburne nos Estados Unidos, além de John Dewey, o teórico de uma concepção nova de escola, Wallon, Piaget, Dalcroze, Freud, Paul Gheeb, além de grandes pensadores da época: Romain Rolland, Barbusse, Jean-Richard Bloch, e mais Gandhi, Gorki e Tagore.

Rosa resume a pedagogia Freinet nas palavras do italiano Rinaldo Rizzi, que já foi presidente da FIMEM: "A Pedagogia Freinet é uma pedagogia em curso. Uma proposta que confia na responsabilidade direta dos professores como educadores, que reivindica e propõe a assunção não mediada nem delegada do próprio desenvolvimento profissional e cultural, ou seja, da 'função social'. Dessa proposta, nasce a busca e a prática da mudança, da luta, da necessidade da associação e da cooperação, proposição que é ao mesmo tempo política e didática."

Nada é mais atual que as ideias de Freinet, acredita Rosa. "Atualmente, os educadores do mundo inteiro encontram-se face aos mesmos problemas. Em pleno século XXI a Pedagogia Freinet nos dá respostas realistas e profundas às duas principais características de nossa época: a universalidade dos problemas e a necessidade de um real respeito às diferenças de cada um", afirma.

Confira nas próximas páginas a entrevista que Rosa Maria Sampaio concedeu à *Direcional Educador*.

DIRECIONAL EDUCADOR - Freinet foi revolucionário para o seu tempo? Quem foram os pedagogos que o influenciaram?

ROSA MARIA WHITAKER SAMPAIO - Na década de 1920, no sul da França, Freinet já sonhava em modificar a escola, porque ele tinha lembranças pesadas e tristes da escola vivida na sua infância. Ele lembrava que passava com seus colegas pelos campos, alegres, e chegavam na porta da escola. Soava uma campainha estridente, todos se calavam e seguiam para os corredores frios, em silêncio. As portas se fechavam atrás deles e a VIDA ficava lá fora. Todos se transformavam em alunos, impessoais, todos iguais. Alunos que iriam passar horas naquele lugar lúgubre. Em silêncio escutariam coisas que os professores sabiam e pretendiam ensinar às crianças. Visivelmente os colegas suportavam tão mal quanto ele aquele clima pesado das aulas. Freinet começou seu plano de vida entrando na Escola Normal para ser professor primário. Mas Freinet foi convocado para a 1a Guerra, com 18 anos. Foi ferido e voltou inválido. Enfrentou dois anos de hospitais, cuidando para não morrer, que era o esperado pelos médicos. Mas, conseguiu viver. Enquanto esperava o restabelecimento decidiu estudar para depois enfrentar os exames para se tornar um professor primário. Nessa temporada, ele decidiu ir em busca de seu sonho. Começou a ler muito, para descobrir caminhos que o levassem a resolver os problemas que ele sempre teve na escola. Estudou os autores inscritos no programa e ainda mais. Buscou as diversas tendências da psicologia, da filosofia, da pedagogia, no presente e no passado. Mas ele sentia que todos falavam sobre a criança abstrata. Tudo parecia pertencer a um universo situado acima da vida cotidiana. Nada valia para esclarecer os seus problemas de educador, para o ajudar a compreender as personalidades infantis e a conduzir a aula. Enfim, em 1924 Freinet fez seus exames e começou a trabalhar numa escola agrupada de aldeia em Bar-Sur Loup. Como ele mesmo dizia: "Eu me joguei na água sem saber nadar." Houve grandes homens que o inspiraram: Rabelais, Montaigne, Rousseau e Pestalozzi sempre o acompanharam. Na escola, aos poucos Freinet foi rompendo as regras estabelecidas. Na França, era proibido por lei que as crianças falassem a língua provençal, a Languedoc. Mas era a única língua que elas sabiam! Os professores eram obrigados a impedir que elas falassem a Languedoc e elas deviam falar o francês, que não sabiam. É claro que Freinet desobedeceu essa regra, e começou a ensinar o francês de maneira muito livre, através de conversas e do que ele chamava de "texto livre", escrevendo na lousa pequenos textos. Montava livrinhos com as crianças, com uma página em francês e outra em Languedoc. Ele respeitava a personalidade das crianças. Dizia que elas eram, antes de mais nada, como ele, filho de camponeses, gente que gostava de correr pelas montanhas, que não gostava de ficar numa sala de aula, mas de aprender na natureza. Freinet queria que seus alunos se desenvolvessem e, como todas as pessoas de sua geração que haviam passado pela guerra, desejava que as crianças não tivessem a mesma experiência. Era uma ideologia pacifista. Sua vontade era prepará-los contra qualquer militarismo. E foi assim que ele entrou noutra batalha, a batalha pedagógica. Nessa época as classes na França tinham de 50 até 90 crianças. Freinet tinha dificuldades para respirar por causa de seus pulmões feridos na guerra. Para resolver esse problema, ele saía da classe abafada para passear com suas crianças. Na volta à sala, ouvia e falava com elas, explorando o que as crianças falavam. Ou seja, levava as crianças para fora dos muros da escola. Em São Paulo, em 1972, o professor francês Michel Launay deu um curso na Faculdade de Letras da USP e nos introduziu na pedagogia Freinet. Era uma grande novidade para os alunos universitários.

Como se deu seu envolvimento com a pedagogia Freinet?

Eu cursei Belas Artes em Campinas e fiz um curso de extensão sobre Criatividade na Universidade de Nova York. Trabalhava com artes numa escola em São Paulo e organizei um trabalho de textos livres e ilustrações com as crianças de 6 a 10 anos. Ganhamos o primeiro lugar em um concurso organizado pela Unesco cujo tema era Paz na Terra. Quando levei o boneco desse projeto do livro ao professor Launay, ele me perguntou: "Você faz Pedagogia Freinet? Essa é a pedagogia que trabalha com produções escritas de alunos, produzindo revistas e livros feitos por eles." Eu respondi que nunca tinha ouvido falar desse educador... Foi o início de uma grande amizade. Comecei a trabalhar com o grupo da USP e os resultados foram muito importantes. Assim começou o Movimento Freinet no Brasil. Launay e alguns de seus alunos, principalmente Maria Lúcia dos Santos e Marinez Cabral, organizaram muitos encontros pelo Brasil, e assim se formaram também importantes grupos em vários estados brasileiros. Marinez é autora de *De Rousseau*

a Freinet. Em 1975 fundei uma Oficina Pedagógica e convidei Maria Lúcia dos Santos para trabalhar comigo. Foi o início dos 25 anos que trabalhamos juntas, ela na escola pública, sempre divulgando essa nova pedagogia. E eu na Oficina, e depois somente na formação de professores. Michel Launay trouxe alguns professores franceses para nos ajudar a conhecer mais sobre Freinet e o grupo foi aumentando. Em 1978 Michel voltou para a França mas nos deixou sementes. Chegamos a ter grupos entusiasmados em 10 cidades paulistas. No sul e no norte do Brasil outros grupos também foram se formando. E começamos a participar dos encontros nacionais e internacionais. Fiz estágios em classes Freinet na França, na Bélgica e na Itália. Maria Lúcia foi especialmente ativa e mais tarde foi a secretária da Federação Internacional Freinet. Seu trabalho no Brasil foi excepcional, publicando até um livro, *A expressão livre no aprendizado da língua portuguesa.* Sua morte prematura em 2004 foi muito sentida por todos do Movimento Freinet, do Brasil e fora dele.

Qual a gênese da Pedagogia Freinet?

Roger Ueberschlag, professor francês que veio ao Brasil em 1987, diz que Freinet teve sucesso no seu trabalho pedagógico porque ele não se fechou a nada. Ele teve várias influências, quatro delas muito importantes. A primeira foi a influência dos médicos: Montessori e Decroly, médicos higienistas que insistiam no respeito à saúde da criança. A segunda influência foi a Revolução Russa, que fez aparecer uma nova forma de educação apoiada no trabalho e valorizando o trabalhador. Freinet foi visitar as escolas russas e voltou entusiasmado. Mas quando ele voltou às suas salas de aula, viu que queria fazer diferente: desejava que as crianças se expressassem, que elas fossem gente, e na Rússia não era assim. Elas eram direcionadas. Freinet aproveitou o que havia de bom nas escolas russas. A terceira zona de influência foi a dos psicólogos e dos psicanalistas, que o fizeram compreender como as relações sociais se estabelecem, como se desenvolve a psicologia da criança na sociedade. E o quarto setor foi o dos partidários das novas tecnologias. Ele começou a fazer cinema na escola, rádio. Ele não aceitava que todas as crianças da classe fizessem a mesma coisa a partir de um manual escolar. Freinet era aberto a todos os domínios para poder aperfeiçoar sua pedagogia. Portanto, o militante Freinet deve ser tudo menos fechado. Deve ler tudo, deve dar acolhida favorável a tudo mas não deve aceitar os modismos. A moda é brilhante mas dura apenas um instante, e a pedagogia está cheia de moda.

Uma escola não pode se dizer Freinet?

Ela não pode se não houver uma conscientização de quem era Freinet. Só fazer as técnicas Freinet não funciona. Não se pode fazer Pedagogia Freinet sem Freinet, como alguns tentam, simplesmente utilizando uma técnica aqui ou outra ali. Muitas escolas fazem jornal, levam para aulas passeio, mas como isso é feito? A pergunta que se coloca hoje é a de saber se, mais de 40 anos após a sua morte e 113 anos após o seu nascimento, aquilo que Freinet pensava e dizia ainda é válido na era atual, da informática, na era atômica. Freinet conhecia na sua época três problemas importantes que ele tentava abordar: o problema da saúde, do trabalho e do desemprego e o problemas das relações inter-pessoais, visto do ângulo da violência e da cooperação. Ele tentava resolver esses problemas com poucos recursos materiais. O primeiro livro que Freinet escreveu com sua esposa Élise dizia respeito à saúde da criança. Em relação à realidade francesa da saúde, Freinet lutava em três frentes: as vacinações obrigatórias, a Ordem dos Médicos, que atuava com uma medicina oposta à medicina branda, ou seja, só conhecia a medicina que procura curar a doença e não o doente, e o problema da alimentação. Freinet tinha que lutar contra esses três obstáculos a um desenvolvimento normal da saúde das crianças. Diante do problema do trabalho, Freinet propôs que a educação do trabalho não fosse um treino para a mecanização dos indivíduos. Mas que essa educação do trabalho se fizesse através de realizações criativas. Que não fosse um trabalho Taylorizado, um trabalho em pedaços. Essa concepção de trabalho começa a ser aceita hoje, mas na época de Freinet não era tão aceita e toda a instrução francesa era feita através de um trabalho em cadeia. Após o trabalho do professor de língua havia o trabalho do professor de matemática, do de ciências, do de música. Era o trabalho em cadeia que Freinet queria transformar em trabalho produtivo e de criatividade na escola. Por outro lado, o trabalho proposto por Freinet nas escolas devia ser de dedicação. Que o aluno trabalhasse para a coletividade: imprimindo um jornal; escrevendo uma correspondência; organizando um encontro com os pais para contar sobre descobertas que aconteceram numa aula passeio; organizar uma exposição ou um museu de classe, por exemplo. O trabalho que Freinet propunha era totalmente socializado. O terceiro problema que ele enfrentava era o das relações fraternais entre as pessoas. Nos estabelecimentos escolares franceses essas relações eram muito difíceis. Um professor não podia entrar na sala de aula do outro, isso era mal visto. Portanto, não poderia haver colaboração entre os professores num estabelecimento escolar secundário francês. Mesmo num estabelecimento primário, havia um corte entre os professores do primário e do ginásio. As crianças, que procuram

modelos, tinham diante de si professores que não se comunicavam, que não tinham uma postura fraternal, uma gentileza natural. Isso é grave tanto para os professores como para os alunos. Foi aí que Freinet interveio propondo a cooperação pedagógica, que é um ponto básico em sua pedagogia. Freinet promovia encontros entre os professores para que eles se apresentassem uns aos outros, como faziam na prática com as crianças, para que eles se conhecessem, discutissem e se ajudassem.

É preciso então imaginar o mundo de Freinet, que estava diante de pais que não tinham tanta consciência da saúde das suas crianças. Que estava diante de uma situação do trabalho escolar considerado sob um ângulo industrial – era preciso fazer exercícios, exercícios, como na indústria, onde fabrica-se, fabrica-se, fabrica-se. E, em terceiro lugar, numa situação de ensino onde não havia um modelo de cooperação que pudesse inspirar as crianças. Eles viviam um pós-guerra, coisa que nós nunca enfrentamos. Freinet estava numa situação tão difícil que nunca pôde aconselhar os professores quanto ao funcionamento de uma escola. Pôde apenas aconselhar um professor sobre o funcionamento de sua classe. E essa era a "fraqueza" da Pedagogia Freinet, sua falta de penetração. Era uma pedagogia para um professor em sua classe, porque Freinet nunca viu uma escola funcionar de forma cooperativa.

É por tudo isso que podemos dizer que é impossível para um professor brasileiro fazer Pedagogia Freinet, sem ter como pano de fundo todos os aspectos econômicos, políticos e sociais atuais. Não se pode simplesmente dizer: "Na minha classe vou fazer um jornal, uma aula passeio, um teatro de fantoches." Fazendo só isso, estaremos traindo a Pedagogia Freinet. É preciso ter como pano de fundo presente no seu espírito a ideologia sobre a saúde, sobre o trabalho, sobre as relações fraternas. Sem ter uma ideologia política, mas não partidária, mas uma posição de cidadão responsável diante da saúde, do desemprego, da violência e da convivência, não é possível declarar querer fazer Freinet.

Quais são as técnicas educativas propostas por Freinet?

A obra de Freinet estava orientada para uma pedagogia para todos porque ele visava uma educação popular. Há críticas a Freinet de que ele era empírico. Ele era mesmo, mas bem rapidamente ele chegou ao empirismo experimental, através do respeito às leis da vida, e iniciou uma renovação no ensino. Esse empirismo da ação naturalmente chegou à criação de ferramentas que determinam técnicas educativas. São essas técnicas que introduziram a prática experimental. É nessa hora que a vida entra na classe. Os meninos e

meninas entram na classe Freinet enchendo-a de Vida. O professor está lá, pronto para recebe-los. Para ouvir tudo o que trouxeram para contar. Sentam-se em roda e o professor também e começam a conversar. É um grupo de amigos, mas é preciso seguir regras que eles mesmos elaboraram quando começaram essa entrevista da manhã. Todos têm novidades para contar mas é preciso que cada um fale bem claro, senão os outros não ouvem. Cada um se dirige a quem quiser, quem quiser poderá responder, os diálogos entre as crianças é o desejável. Perguntando, respondendo, colocando as dúvidas ou planos, os sonhos, as tristezas e as alegrias vão aparecendo e todos vão se conhecendo mais profundamente. Os corações vão se abrindo e a amizade fica cada vez mais forte no grupo. É a noção de pertinência, de pertencer a um grupo. São suficientes cerca de 20 minutos algumas vezes por semana para que o dia comece com todos os amigos do seu grupo sabendo quem está precisando de ajuda, ou de estímulo, ou de parabéns por algum sucesso. O dia de trabalho numa classe que Freinet sonhou um dia se inicia! Para Freinet essa entrevista da manhã é importantíssima. As crianças não são mais alunos, são crianças-gente, crianças-homem. Outra técnica é a das aulas passeios, que começaram a ser constantes. Eram saídas ao ar livre, não eram tempo perdido pois lá fora uma busca permanente dos olhos, dos ouvidos, de todos os sentidos abertos à magia do mundo, fazia surgir de todas essas paisagens transformadas como novas uma incessante descoberta, imediatamente comunicada e tornada coletiva. Chegando de volta do passeio, para prolongar esse momento de natureza livre, o mestre escrevia na lousa os pontos mais notáveis das descobertas feitas. As crianças acompanhavam, conversavam e depois copiavam em seus cadernos. Isso depois foi se tornando um trabalho das crianças com correção coletiva. Mas tudo ia para as gavetas. Um dia Freinet teve a incrível ideia de levar para a classe uma impressora. Assim ele abria espaço para que, anos mais tarde, ficasse muito claro que a criança podia acompanhar os avanços tecnológicos mundiais sem se afastar dos aspectos culturais, familiares e sociais que fazem parte da vida de qualquer pessoa. Freinet proporcionaria a comunicação pela expressão livre, através do cinema, do vídeo, das copiadoras, do fax, das redes de informática, da correspondência interescolar e interprofessores, dos multisuportes à multimídia. O elemento fundamental que condensa toda a obra de Freinet é a expressão livre da criança. A expressão livre não é a invenção de um cérebro particularmente fértil: é a própria manifestação da vida. É justo dizer que a expressão livre foi para Freinet uma aventura. A sua prática escolar completamente submetida ao tateamento de puro acaso, abre todavia o caminho da expressão livre da criança. A expressão livre cria na classe um clima privilegiado de liberdade e de confiança. Essas ideias de Freinet não nasceram de especulações teóricas sobre os dados de um passado. Freinet começou fazendo, depois teorizou a prática. Na pedagogia mundial, a Pedagogia Freinet foi a primeira a fornecer os instrumentos e as técnicas que permitem formas novas de trabalho. Ninguém tirava as crianças da escola, ninguém fazia as crianças escreverem livros, ninguém ouvia as crianças para fazer jornal! Freinet usou a imprensa, o jornal escolar, o jornal de parede, que era um mural com três envelopes com as senhas Eu critico, Eu sugiro, Eu felicito. Uma vez por semana, na reunião de conselho, as opiniões das crianças eram lidas e discutidas e coladas no grande caderno de documentos, o limógrafo (uma espécie de silk-screen atual), montado pelas crianças na oficina de carpintaria e manuseado em classe. Havia também os BT, Bibliotheque de travail, pequenas brochuras organizadas e elaboradas por grupos de alunos sobre o tema que lhes interessasse. Esses BT eram impressos às centenas, organizados por temas e distribuídos a outras classes Freinet. Também se promoviam encontros com os pais e outras classes para cada grupo da classe apresentar suas descobertas com as aulas passeio, que chamamos de aulas de descobertas. A correspondência traz o mundo e os amigos para junto de cada um. Desenhos e pinturas são organizados em exposições temáticas, para os pais e a comunidade. Hoje, já no século XXI, as classes Freinet trabalham essas técnicas e mais outras, que são desenvolvidas com ajuda de computadores, vídeos, impressoras e outras descobertas que vão sendo introduzidas no trabalho diário. É notável como todos os suportes que surgem favorecem novas formas de aprendizagem. Mas nenhum deles substitui o seu antecedente. Todos se completam e ajudam a criança no seu processo de realização pessoal e na aquisição de novas competências, no processo que fará com que cada um possa chegar ao sucesso, e isso é essencial.

A senhora pode resumir os ideais dos educadores Freinet pelo mundo?

Nós somos um movimento que ultrapassa as linhas, sempre numa prática inovadora. Para Freinet, os militantes dessa Pedagogia não devem se contentar em gerir os conhecimentos adquiridos, mas continuar sempre nas pesquisas das instituições, dos passos, das técnicas, dos instrumentos. Devem ser todos, em cooperação, pesquisadores práticos, teoria e prática juntos. Nas palavras de Freinet: "Nunca poderemos dar essa tarefa por concluída, pois, em grande parte ela continuará a ser um trabalho de adaptação constante. Não pode caber a um só homem, por mais genial que ele seja. Possuímos uma ideia pedagógica que nos ilumina e nos guia, como uma tocha. É a resultante dos muitos trabalhos teóricos e práticos dos pedagogos e dos pesquisadores de todos os tempos. Somos muito exigentes com os outros e conosco também. O nosso êxito, não devemos unicamente ao fato de termos implantado técnicas cujo interesse e cujo alcance são incontestáveis. Essas técnicas de vida nos dão a possibilidade de avaliarmos com mais precisão o caminho que nos falta percorrer." Ainda está tudo por fazer. Não é com palavras que queremos construir a nova pedagogia mas sim com a "atmosfera Freinet", um clima novo na classe. ■

Contatos com Rosa Maria Whitaker Sampaio: rosamsampaio@uol.com.br

Ilustração: Bino Moreira

UM CERTO PROFESSOR CELESTINO

Por Celso Antunes

Para quem gostava dele, e por isso bem o compreendia, Celestino era excelente professor que mortificado por problemas pulmonares dava a maior parte de suas aulas no pátio, embaixo de uma árvore ou andando com as crianças pelos caminhos que rodeavam a escola. Para quem não gostava – e muitos não gostavam – Celestino era apenas um enganador que se valia do magistério para incutir ideias políticas revolucionárias nas cabecinhas infantis e isolando-se nos campos, ficar mais distante da vigilância da Diretora. Em um ponto, entretanto, todos concordavam: Celestino era um professor fora de seu tempo e que empregava um método de ensino que se mostrava muito distante de monótonas aulas expositivas, com alunos sentados em carteiras enfileiradas, anotando tudo quanto podiam, entendessem ou não.

Com Celestino era diferente.

Conhecia cada um de seus alunos, tratava-os todos por igual. Na maior parte das vezes, colocava-os em círculo debaixo da grande árvore, solicitando a cada um para falar de suas ideias, contar suas experiências, expor sem medo de errar as suas preocupações. Sempre existiam os mais afoitos que, falantes, queriam mobilizar a palavra, mas que apreendiam que esta pertencia a todos, mesmo aos mais tímidos. Algumas vezes, interrompia este ou aquele para colocar em ordem os assuntos expostos e, quando acreditava que algumas ideias boas tinham sido propostas, fazia das mesmas os eixos de uma investigação que todos deveriam compartilhar. Para Celestino, conhecer a realidade das crianças ajudava-o a compreendê-la melhor e por isso cabia a elas a abertura de toda aula, a iniciativa para qualquer assunto. Após essa exposição, na lousa que lá para fora levara, Celestino ia escrevendo as notícias, sublinhando as descobertas e, através de frases curtas, expondo os sentimentos e os pensamentos da turma. Com essas mensagens, trabalhava a aprendizagem da escrita, somente aceitando a cópia se esta viesse associada de compreensão, trabalhava a fluência da leitura e não abria mão do desenho.

Pouco a pouco, a aula se transformava no que chamava de "texto-livre", analisando a realidade de sua turma, avançando em suas descobertas. Celestino chamava-se a si mesmo de "perguntador" e em sua classe a maior parte dos pontos de exclamação ficava com os alunos, posto que sua fala era uma sequência infinda de pontos de interrogação, fazendo sempre de cada resposta, uma nova pergunta. Em suas aulas, o espaço e o tempo se organizavam em função da contribuição dos alunos, uma vez que todos eram animados a trazer de casa ou de seu caminho tudo quanto lhes intrigassem. É natural que no início do ano os alunos competissem entre si, cada um desejando destacar-se dos demais. Mas, de forma quase imperceptível, Celestino ia mostrando que a força da pessoa está na organização de seu grupo e que sua turma era mesmo como um "time" sustentado pelo amor recíproco e pelo sentimento de que quem mais coopera, melhor é.

Com turmas de mais idade, organizava o trabalho sempre a partir de uma assembleia, na qual debatiam propostas relativas à cooperação grupal, organização e gestão da coletividade. Ali se discutia o que aprender, para irritação dos demais professores da escola que não suportavam aquele flagrante desrespeito à "programação oficial". Não poucas vezes chamado à ordem, Celestino defendia-se dizendo que não ensinava menos que o que os outros ensinavam, apenas usava a interdisciplinaridade como veículo para responder as curiosidades que a vida propunha. Celestino também não gostava de provas, mas anotava com diligência em seus cadernos a ação de seus alunos, desde suas indagações, até seus sentimentos de alegria e tristeza. Avaliava-os, é verdade, se não por um papel com respostas decoradas, pelas opiniões que de aula em aula cresciam de valor, pelo desenho livre que eram estimulados a produzir, pela expressão plástica que, com a argila do rio, falavam suas múltiplas linguagens.

Impossível saber se Celestino é professor real ou se esse estranho tipo foi fabricado pela ficção. Sabe-se menos ainda se vive agora nos espaços distantes do Brasil onde imperam classes multisseriadas, ou se está sepultado em Gars, na França, onde em um 15 de outubro de 1896 nasceu. ■

Foto: Almir Cândido

Celso Antunes é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo, mestre em Ciências Humanas e especialista em Inteligência e Cognição. Membro consultor da Associação Internacional pelos Direitos da Criança Brincar, reconhecida pela UNESCO, é autor de cerca de 180 livros.

www.celsoantunes.com.br

Célestin Freinet: um educador comprometido com a vida das crianças

Por Emília Cipriano Sanches

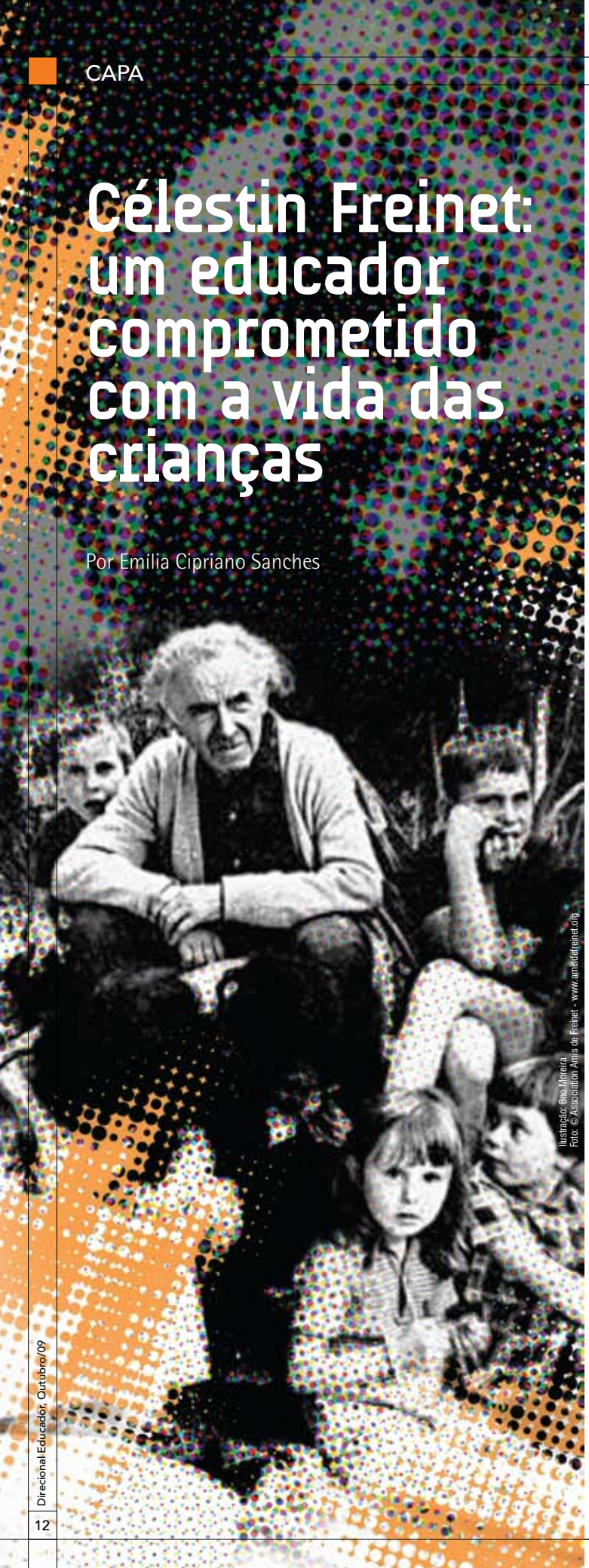


Ilustração: Bino Moreira
Foto: © Association Amis de Freinet - www.amisdefreinet.org

Minha identificação com Célestin Freinet se deu, inicialmente, pela própria trajetória do educador que, em sala de aula, indignado com as mesmices pedagógicas, dispôs-se a inovar as ações educativas a partir das necessidades das crianças.

Sua formação na escola Normal, interrompida por causa da guerra, que lhe acarretou sérios problemas de saúde, não o impediu de se envolver profundamente com o trabalho de ser professor.

Suas falas revelam o encantamento com a profissão e com as descobertas que tiveram início em 1920 em uma pequena aldeia chamada Bar-Sur Loup nos Alpes Marítimos.

Acreditar que grandes transformações pudessem ocorrer na sala de aula fizeram com que eu mergulhasse sobre a história de Freinet e me tornasse uma educadora comprometida com o movimento da Escola Moderna fundada por ele.

Os estudos e, principalmente, as experiências desse Autor serviram-me de incentivo e, com certeza, foram decisivos para o delineamento das minhas crenças e valores, olhando com mais profundidade para o ambiente partilhado com as crianças, ao educar em diferentes contextos socioculturais.

Sua história de ousadia inicia-se em uma escola com precárias condições de trabalho, sala de aula com carteiras em péssimo estado e alunos enfileirados, quando Freinet teve coragem de romper com o retrato de uma escola tradicional para investigar novas formas de trabalho com as crianças, construindo sentido para aquelas vidas e concomitantemente para a sua própria vida de Educador.

Sua experiência pedagógica foi pautada em estudos constantes, reflexões e análises mediadas pelas suas observações cotidianas. Anotava tudo o que acontecia naquele espaço a partir dos alunos: situações de sucesso e fracassos, diferentes comportamentos das crianças e as ações com as quais elas mais se envolviam.

Agindo assim percebeu as diferenças entre crianças, e descobriu um mundo infinito em cada uma das situações. Todas as descobertas despertavam-lhe o desejo de saber mais sobre educação tornando-o ainda mais comprometido com aquela realidade.

Aprofundando o olhar sobre os alunos, Freinet foi desenvolvendo outras maneiras de educar.

Todos os seus questionamentos estão intimamente ligados à prática educativa e fazem parte das questões que permearam a minha trajetória de educadora brasileira, vivendo numa sociedade tão desigual e desrespeitosa com os direitos das crianças.

A incansável busca de novos caminhos, rompendo com as paredes da sala de aula para olhar o universo em suas múltiplas dimensões é o princípio que mais me faz sentir em sintonia com o pensamento de Freinet, diante da indignação com a distância entre a proposta desenvolvida pela escola e o desejo dos alunos de descobrir o mundo.

Neste sentido, Freinet buscou estratégias concretas para enfrentar as suas insatisfações e surge uma proposta sensivelmente instigadora: a *aula passeio*.

Freinet com seus alunos passeava, diariamente, pelas ruas estreitas daquela vila, desenvolvendo com eles a capacidade de observar tudo o que acontecia, descobrindo os fazeres dos trabalhadores (marceneiros, agricultores, ferreiros, entre outros).

Tudo era fonte de aprendizagem, desde o tempo, o clima, a chuva, o sol e as mudanças percebidas pelos alunos. Todos tinham muito a dizer e isso era motivo de satisfação para Freinet.

Afirmo que esta visão de Freinet inspirou-me muito em meu trabalho pedagógico da creche ao curso superior, onde realizei muitas aulas tendo como principal intenção que a vida entrasse na sala de aula.

Posso afirmar que os meus alunos com diferentes faixas etárias, em contextos sociais diversos, aprenderam a ler o mundo, na maioria das vezes encoberto por uma ideologia dominante, e a enxergar essências, muito além das aparências.

Desse modo, as estratégias sucediam-se. O ato de ir ao cinema com alunos da Universidade, proporcionava-nos, além do exercício da escolha do filme, a convivência de uma efetiva troca de experiência (o lanche, a condução, a compra dos ingressos, as trocas de ideias posteriores), permitindo a todos o aguçamento da sensibilidade do olhar e da escuta.

Com as crianças da creche, visitar o circo que havia chegado ao bairro, investigando, também, as histórias de vida dos trapezistas, bailarinas e palhaços, trazia-nos a magia do espetáculo e as formas mais diferenciadas de leitura daquilo que as crianças observavam. Aprendi muito com essa prática e ampliei a minha visão de mundo.

A prática pedagógica de Freinet não se centrava apenas em uma estratégia; ele rompia no dia a dia a posição hierárquica do professor, ao sentar-se no chão com as crianças, embaixo de árvores, caminhando por trilhas, sempre próximo, olhando para os olhos dos alunos.

Entendo que esta atitude de Freinet diante de seus alunos correspondia a uma mudança de paradigma em relação à ação pedagógica, que então vigorava e a confiança, a cumplicidade, o respeito mútuo na relação professor aluno constituíam-se em valores a serem cultivados.

Dialogando com a minha experiência sempre reflito: quantas coisas aprendi com as crianças sentadas com elas num tanque de areia?

É fundamental destacar, ainda, que Freinet tinha uma preocupação constante em relatar o vivido e sempre registrava suas experiências relacionando-as às várias áreas do conhecimento: história, matemática, geografia, entre outras, estabelecendo uma visão de totalidade interdisciplinar ao desvelar as barreiras da fragmentação do conhecimento.

O sentido do registro como prática pedagógica intencional e sistemática, para Freinet, era considerado um tesouro. O Autor valorizava o vivido, ao mesmo tempo, como fonte de pesquisa da ação desenvolvida e o exercício de teorização da sua prática. Com ele aprendi a entender a tão complexa relação entre ação/reflexão/ação, não apenas como um discurso mas como necessidade do ofício de ser educador.

Considero que a maior "revolução" que Freinet propôs na sala de aula foi a ideia da imprensa escolar, decorrente da angústia de ver os textos escritos dos alunos dentro do armário e a não socialização das experiências vividas. A disseminação do conhecimento e das descobertas ocorreu através da impressão dos textos na perspectiva de que outras pessoas pudessem ler, uma ação que representava a derrubada dos muros da escola.

Na minha atuação como educadora sempre enfatizei o trabalho de socialização das produções dos alunos, inclusive na orientação de teses. Ocorre, ainda, que muitos trabalhos com grande contribuição nas áreas de pesquisa tornam-se textos empilhados em prateleiras.

A ousadia de Freinet sempre supera qualquer expectativa. Ao construir com as crianças uma relação de confiança, oportuniza aos alunos exteriorizarem os seus sentimentos. Aguçando o olhar sobre a família, sua vida, os seus interesses, as crianças constroem as histórias do "Livro da Vida", um registro das experiências, um exercício de documentação viva daquilo que não poderia ser esquecido.

A proposta de Freinet ultrapassou os muros da aldeia onde o mestre trabalhava. Através da correspondência interescolar, os alunos se correspondiam com crianças do outro extremo da França, além de trocar presentes, frutas e produtos típicos.

Vivenciei uma experiência desta natureza com meus alunos, em São Paulo, através da correspondência interescolar com alunos da cidade de Santos, no litoral paulista. Ao final do ano, realizamos o encontro dos correspondentes e foi maravilhoso ouvir as crianças, que não conheciam o mar, serem apresentadas a ele por outras crianças. Um verdadeiro movimento de partilha.

A obra de Freinet passou a ser conhecida quando o Autor começou a escrever para revistas de educação.

O Autor acreditava que a inteligência, os atos científicos e artísticos não deveriam ser explorados como filosofia tradicional através de ideias, mas pela criação livre, pelo trabalho artesanal e também pela pesquisa experimental. Apontava, desse modo, para a necessidade de uma nova escola.

Nasce, assim, a "Pedagogia Freinet", fundamentada na ousadia, na insatisfação, no estudo e no compromisso com uma democracia popular em uma escola que possibilitava aos alunos a construção dos instrumentos necessários a sua emancipação.

Nessa perspectiva, Freinet deixava muito claro a serviço de quem ele trabalhava. Assumia uma posição política em defesa dos direitos do ser humano e do exercício pleno de cidadania.

Mais uma vez, identifico-me com Freinet no que se refere à concepção de educação, pautada na transformação da realidade e a serviço das camadas populares, destacando a escola como um lugar de produção de conhecimentos, relacionamentos, compromisso social e cultural, envolvimento com o outro, engajada com as questões de nosso tempo. Uma escola como lugar da diversidade, comparação de diferentes pontos de vista, ao mesmo tempo em que se compromete com a ética, com o contexto social que a envolve.

Freinet organizou vários princípios que denominou "Invariantes pedagógicas", princípios pedagógicos que representam uma postura de vida, uma concepção de mundo/sociedade/cultura.

Hoje, a cada trabalho que realizo, nas mais diferentes regiões brasileiras, nas redes públicas e privadas, com os educadores de diversos segmentos - da Educação Infantil ao Ensino Superior - destaco a importância de explicitar nas suas propostas pedagógicas os princípios que fundamentam sua prática, tendo claro qual o significado e as implicações das escolhas realizadas.

Em seu livro *Ensaio da Psicologia Sensível*, Freinet afirma que a grande ignorância dos homens diante da vida autoriza todos os procedimentos explicativos, inclusive os mais simples ou os mais extravagantes.

Convido todos os educadores a degustarem as palavras de Freinet:

Os educadores devem, sem mais tardar, tomar consciência dessa desadaptação, realizar o esforço de rejuvenescimento que se impõe, rejeitar os chapelões e as saias pregueadas de uma época que ficou para trás, pôr-se ousadamente à escuta da nova vida, adaptar-se a essa vida, a seu espírito, a suas técnicas, a suas obrigações; parar de desdenhar o futuro em nome de uma rotina que nada mais é que um freio perigoso à vida ascendente; atualizar-se.

A escola tem que se modernizar (...). A escola tem de reencontrar a vida, mobilizá-la, dar-lhe um objetivo. E, para isto, deve abandonar as velhas práticas, mesmo que elas tenham tido a sua majestade, e adaptar-se ao mundo do presente e do futuro (...). É necessário, sobretudo, que os pais e os educadores tomem consciência do fato evidente de que a vida mudou, as necessidades das crianças e do meio já não são as mesmas, e, que, em virtude disto, as respostas de ontem já não são forçosamente válidas e é necessário a todo custo reconsiderar os problemas (...). Nós somos educadores que tentamos dentro de nossas próprias aulas, fazer passar para a prática, as idéias e os sonhos dos teóricos (...). Temos de fazer nascer o futuro no seio do presente e do passado, o que implica não um espetacular apelo à novidade, mas prudência, método e uma grande humanidade.

Acredito que todo educador que assume a concepção de uma educação transformadora, ultrapassa os limites da sala de aula. As fronteiras se desfazem e o aluno ganha o Universo.

O espaço da aula é muito mais do que imaginamos quando queremos que ele se torne infinito. Esta é mais uma lição que aprendi com Célestin Freinet. Não estamos sós! ■

Foto: Almir Cândido

Emília Cipriano Sanches é Mestre em Psicologia da Educação, Doutora em Educação pela PUC/SP e autora de *Creche: realidade e ambiguidade* (Editora Vozes) e *Diálogo com educadores da infância – Do anonimato à autoria* (Editora Melo). É membro fundadora do Fórum da Pedagogia Freinet/SP.

E-mail: asaprenderaser@uol.com.br

Ilustração: Bino Moreira

JANELAS DE OPORTUNIDADES

Por Maria Irene Maluf

Recentes descobertas científicas reafirmaram a grande influência que a herança genética tem sobre o desenvolvimento das crianças, mas também confirmaram a decisiva importância das suas experiências com o meio, especialmente nos primeiros anos de vida.

Já por volta dos anos 70, segundo a neurocientista Rima Shore[1], surgiram as bases para essa evolução, quando o neurocientista Peter Huttenlcher, da Universidade de Chicago, pesquisou a formação das sinapses do cérebro e levou adiante estudos sobre um fato intrigante: por que os bebês possuem ainda no ventre materno uma tão expressiva quantidade de neurônios, muito maior do que aquela de que vão precisar, como se fosse uma espécie de margem de segurança para seu futuro desenvolvimento?

Ao nascer, o ser humano possui em seu cérebro cerca de 100 bilhões de neurônios, mas há poucas conexões entre essas células, ou seja, há poucas sinapses, já que para a produção de cerca das 150.000 conexões neurais que se estabelecerão, são indispensáveis as experiências do bebê com o meio. O mais interessante, entretanto, foi a descoberta de que aos 24 meses de vida o ser humano já dispõe desse número imenso de sinapses, que é o mesmo de um cérebro adulto e, portanto, muito mais do que a criança necessita!

Através de estudos, descobriu-se então que o cuidado inicial com a formação dessas sinapses é fundamental e tem impacto duradouro sobre o desenvolvimento, a capacidade de aprender e de se comportar. Cada experiência original, seja um contato, um estímulo, durante especialmente os primeiros anos da infância, promove novas e importantes sinapses, abrindo assim possibilidades de oportunidades mais enriquecedoras de aprendizagem para as crianças.

No nascimento, os dois hemisférios cerebrais ainda não estão completamente especializados, o que só acontece gradativamente entre os cinco e os dez anos de idade. Nos cinco primeiros anos, o cérebro vai crescendo na medida em que as novas sinapses neurais formam uma intrincada rede de informações que fundamenta o que chamamos de inteligência. Dentro de cada hemisfério, vão se conectando as terminações nervosas responsáveis por capacidades elementares, como a fala, a visão, o tato, ou tão refinadas quanto o raciocínio matemático, o pensamento lógico ou musical.

Toda experiência vivida em cada etapa de desenvolvimento da criança promove o aparecimento de novas conexões entre as células nervosas, o que cria as bases das condições favoráveis para o surgimento de determinadas habilidades observadas nos adultos. Os neurologistas têm denominado de "janelas de oportunidades" **a esses momentos ideais, mas não únicos**, onde há uma facilidade excepcionalmente maior para o aprender. São períodos especiais que ocorrem quando o cérebro demanda um certo tipo de estímulo, para criar ou reforçar algumas estruturas duradouras, durante os quais alguns tipos específicos de aprendizado são melhores efetivados. Igualmente, há períodos em que experiências negativas ou ausência de estimulação podem levar a prejuízos sérios e duradouros.

Assim, para dar um exemplo, a musicalidade, o raciocínio lógico-matemático, inteligência espacial, são capacidades que se consolidam na primeira infância. Nestas pesquisas verificou-se que a música é, de fato, um dos estímulos mais potentes para ativar os circuitos do cérebro, como também que a "janela de oportunidade" musical abre-se aos três e fecha-se aos dez anos. Em relação ao domínio de linguagem, estas "janelas de oportunidades" se abrem ao nascer e vão até os dez anos, sendo que após esta idade a dificuldade para se adquirir um novo idioma é maior.

E é aí que entra o papel dos pais e dos educadores. Os estímulos recebidos na primeira infância pelos órgãos sensoriais e pela experiência com o meio são fundamentais, e isso explica por que os neurocientistas tanto procuram chamar a atenção das famílias e professores para a necessidade de uma interação rica e cuidadosa com a criança a partir do seu nascimento, período em que cada tipo de percepção e de competência se organiza definitivamente.

O impacto no desenvolvimento dos reflexos negativos devido à ausência de atenção e afetuosidade por parte de suas famílias, a deficiente política pública dos países pobres, para o atendimento de crianças de zero a seis anos de idade, além da precariedade das instituições de ensino para esta faixa etária, enfim, o desconhecimento de pais e professores, podem estar trazendo um grande prejuízo para o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem de nossas crianças, perdendo-se as melhores oportunidades de aproveitar as "janelas de oportunidades"! ■

1 - Shore, R. Repensando o cérebro - novas visões sobre o desenvolvimento inicial do cérebro. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 2000)

Foto: J.R.Duran

Maria Irene Maluf é Pedagoga especialista em Educação Especial e Psicopedagogia, Editora da revista Psicopedagogia da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), Coordenadora do Núcleo de Aperfeiçoamento Profissional e Estudos Avançados em Dificuldades de Aprendizagem e Psicopedagogia-SP e Coordenadora do Curso de Especialização em Neuropedagogia e Psicanálise-Instituto SaberCultura-BA e SP.
E-mail: irenemaluf@uol.com.br

SIGNIFICADOS E CONTRIBUIÇÕES DAS PEDAGOGIAS DE PAULO FREIRE E CÉLESTIN FREINET PARA A EDUCAÇÃO POPULAR

Por Marisa Del Cioppo Elias

As pedagogias freiriana e freinetiana podem ser consideradas como marcos da educação popular contemporânea.

Surgidas em contextos de fortes disparidades econômicas, tensões políticas e mobilizações populares, bem como em épocas distintas (décadas de 1960 e 1920, respectivamente) ambas visam promover a autonomia, a cooperação e a cidadania ativa dos educandos através de um processo de reflexão crítica sobre problemas da realidade.

Este texto pretende traçar um paralelo para demonstrar os significados e contribuições qualitativas dessas duas pedagogias para a educação popular brasileira.

Ao lutarem pela causa pública – democrática ou "educação popular" – no início do século, Paulo Freire e Célestin Freinet visualizavam igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, liberdade de pensamento, garantia de padrão de qualidade e experiência profissional, vinculação da educação escolar com o trabalho e as práticas sociais, que ainda hoje não correspondem à realidade da educação brasileira, embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) proclame uma educação "inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana" e o preparo do educando "para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho"[1]. O que ainda se vê nas escolas é o uso de metodologias e estruturas inadequadas, professores mal formados, falta de vagas, o que agrava as diferenças e a marginalização social de grande parte da população.

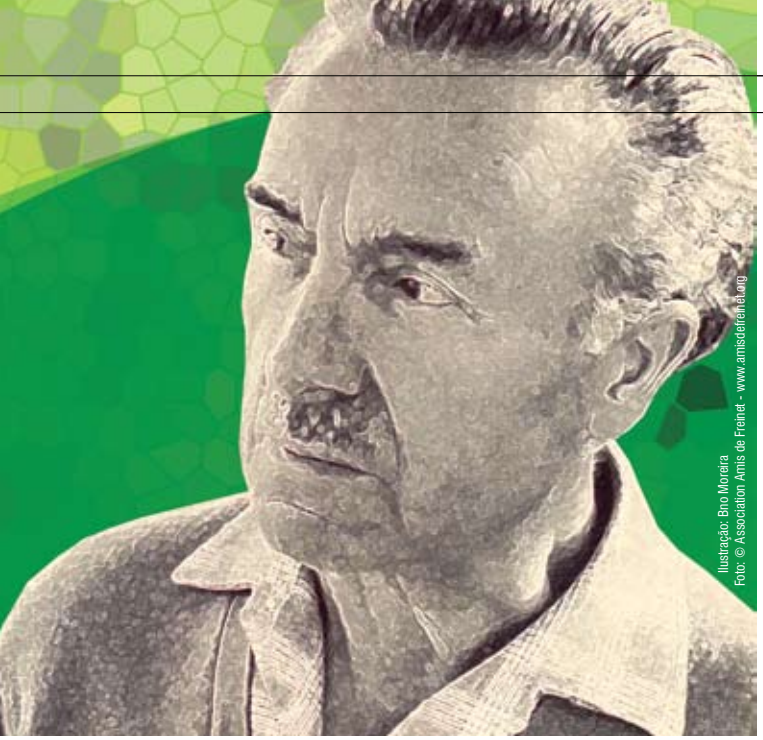
Muitas campanhas têm sido realizadas desde o final do século XIX, quando surgiram as primeiras escolas noturnas, em 1889 (período do Império), com o intuito de erradicar o analfabetismo entre as camadas populares, através da "educação de adultos". Com a arrancada para o desenvolvimento econômico no Brasil, vieram os processos de industrialização e urbanização, germinando os ideais nacional-populista (movimentos de valorização da cultura brasileira, por exemplo).

Intensificam-se campanhas e movimentos de educação de adultos[2], atingindo seu auge em 1963, quando o governo propõe a chamada Mobilização Nacional contra o analfabetismo, que sequer chega a ser colocada em prática, sendo extinta em 26/03/63.

Havia um papel complexo a ser atingido pela escola: o de integrar todos os indivíduos numa nova ordem mundial, marcada pelo desenvolvimento tecnológico e científico, tarefa que exigia altos investimentos na formação de professores e na aquisição de equipamentos adequados e em quantidade, para demonstrar as vantagens da alfabetização do ponto de vista econômico-social. Para a população em geral, passava-se a ideia de que só era possível progredir na vida frequentando a escola e que um país só se desenvolveria economicamente se educasse seu povo. Por mais de dez anos predominou essa visão da alfabetização, ligada ao desenvolvimento individual e social das pessoas.

Na década de 1970, uma realidade presente nos países pobres e que viviam em ditaduras militares alcançou os especialistas internacionais: não bastava dominar o código da língua escrita, ler e entender, e/ou se comunicar por escrito, tão pouco se desenvolver individualmente e integrar-se na sociedade. A própria sociedade tinha que ser reconstruída. Novamente se recorre à escola para essa tarefa, pois a alfabetização não é só um processo que leva ao aprendizado das habilidades de leitura, escrita e cálculo, mas sim uma contribuição para a liberação do homem e seu pleno desenvolvimento. Assim concebida por Célestin Freinet e Paulo Freire, a alfabetização deve criar condições para a aquisição de uma consciência crítica das contradições da sociedade onde o homem vive e de seus anseios; estimular a iniciativa e participação na elaboração de projetos capazes de agir sobre o mundo, transformá-lo, definir metas e obter um desenvolvimento humano autêntico. Pela primeira vez, se fala em alfabetização como direito de todos os seres humanos.

Hoje podemos considerar, de modo geral, como educação popular, os processos que visam garantir uma relação de reciprocidade entre sujeitos e a educação básica para todos os cidadãos.



Logo, expressões que já eram utilizadas entre esses educadores, como autonomia, mobilização, participação, cooperação, comunidade, direitos, cidadania ativa, etc., passam a ser definitivamente incorporadas à educação popular, no Brasil e no mundo, principalmente quando começaram a ser divulgadas, entre nós, pelos livros do professor Paulo Freire.

Através de um processo de reflexão crítica e ação cooperativa participante, Célestin Freinet e Paulo Freire buscam mostrar a importância do educando compreender e enfrentar os problemas da realidade em que vive, dando um sentido político qualitativamente consistente, a medida em que a educação popular se faz, segundo Paulo Freire (1992:28 e 130) "com o povo e não só para ele".

Muitas são as contribuições das pedagogias freiriana e freinetiana.

A Pedagogia Freinet, desenvolvida entre os anos de 1926 e 1996, com crianças da zona rural da França, foi introduzida no Brasil na década de 1970 pelo professor Michel Launay, da Universidade de Nice (França), período em que trabalhou como colaborador na Universidade de São Paulo (1972 a 1976). Na ocasião, iniciavam-se também os contatos de alguns brasileiros com educadores ligados ao Movimento da Escola Moderna francesa. Nessa mesma época, o professor Paulo Freire, enquanto exilado, participava de grupos de estudos sobre a obra de Freinet, na Universidade de Genebra, na Suíça. Em 1996, ao ser homenageado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), durante o I Simpósio Nacional da Pedagogia Freinet, ele nos relatou sobre a presença profundamente atual dessa pedagogia na sua vida e de seus contatos com Freinet na década de 1960, na França. Colocou-se como um primo próximo e mais novo, embora tão curioso quanto Freinet. Grupos de estudos foram se organizando, procurando conhecer melhor os princípios da Pedagogia Freinet e as possibilidades de aplicação prática de suas técnicas.

Da mesma forma, com o retorno de Paulo Freire ao Brasil, em 1979, começaram a ser oferecidos cursos na PUC/SP sob sua coordenação, nos quais suas ideias e escritos eram discutidos, conhecidos e divulgados.

A contribuição qualitativa destas duas pedagogias no campo da educação popular pode ser verificada, sobretudo, pela sua interrelação teórico-prática. Trata-se de educadores que, embora contemporâneos, atuaram em contextos culturais bastante diversos e com alunos também diferenciados. Freinet, enquanto professor primário que era, preocupou-se, sobretudo, com a educação escolar fundamental, de crianças de zero a 14 anos; Paulo Freire se ocupou, inicialmente, da educação de jovens e adultos que não haviam frequentado a escola na faixa regular de idade, criando os conhecidos "Círculos de Cultura".

Entre afinidades e diferenças, as duas propostas se complementam, apresentando pontos bastante comuns, os quais tentaremos expor a seguir.

Ambas as propostas não aceitam a manipulação do homem e destacam a importância da ação pedagógica para a mudança social. Consideram que, além de um ato de conhecimento, a educação é, também, um ato político. Só um ensino reflexivo pode provocar um conhecimento crítico, tentativa para entender a sociedade e o momento histórico vivido. E, vêem o meio como determinante da mudança. Daí a importância da integração entre família e escola, uma vez que estas dependem da sociedade na qual a criança pertence. Como não há neutralidade na educação, é necessária uma educação que "ilumine" a realidade no contexto do desenvolvimento da sociedade. Nesta direção, ambos, enquanto jovens professores, propõem mudanças na forma de trabalhar em sala de aula, criando uma nova pedagogia, uma pedagogia do bom senso, da autonomia, da construção e da criação. A competência é a principal marca desses dois pedagogos que, percebendo a importância do conhecimento, foram pesquisar os clássicos e os filósofos da educação; para depois, descobrirem com os estudantes sua linguagem, sua realidade, o que bloqueia o estudo crítico, abrindo espaço para que pudessem falar de suas vidas.

Considerando que "educar é construir junto", a Pedagogia Freinet tem alicerce em quatro eixos fundamentais:

- A cooperação – como forma de construção social do conhecimento. A cooperação favorece a interação do grupo, destaca aptidões naturais, valoriza características individuais permitindo a participação e a contribuição de todos.
- A comunicação – como forma de integrar esse conhecimento. Freinet defende que a Comunicação é necessária ao indivíduo para que possa interagir e crescer em seu próprio meio. Uma comunicação que deve ser espontânea, liberada, desinibida, autêntico reflexo e ressonância de sentimentos e que permite à criança manter o equilíbrio e a saúde mental e física. Todas as formas de comunicação são estimuladas e praticadas: a comunicação verbal, a mímica, a gravação, o canto, a comunicação através das artes plásticas, entre outras.

• A documentação – registro da história que se constrói diariamente é a sequência lógica do processo. Documentar significa, entre outros, dominar a escrita e tornar mais objetiva a comunicação. Da pergunta – que é importante guardar, intercambiar, imprimir – surge naturalmente o desejo de polir, sintetizar, aprimorar cooperativamente.

• A afetividade – elo de ligação entre as pessoas e o objeto de conhecimento. Nas salas de aula Freinet a cooperação leva naturalmente à afetividade, pois facilita o trabalho em equipe, comunicar diretamente, conviver. (ELIAS, 1996:40).

Assim, nos "Círculos de Cultura" criados por Paulo Freire e na Escola Moderna de Freinet, trabalhar as relações no grupo e a responsabilidade e autonomia significa oportunizar o desenvolvimento pessoal/social da classe e o engajamento na transformação do mundo. Mas alertam: a escola e o professor não devem ter pressa. É necessário dar tempo para o educando assimilar os conteúdos, pois o saber não é acúmulo de conhecimentos, mas uma maneira de enfrentar qualquer situação para depois analisá-la e comunicá-la.

Tanto um como outro consideram que o educador deve ser suficientemente sensível para acompanhar a construção do conhecimento pelo aluno. Sua postura deve ser a daquele que possui conhecimentos, mas sabe que são relativos. O educador deve estar sempre atento aos alunos, acompanhando suas aquisições naturais, participando da organização da classe, como membro do grupo, parceiro e orientador do aluno nas suas investigações. Ele precisa descobrir as tendências naturais do aluno para saber em que apoiar a sua intervenção, "não se opondo à corrente d'água", como lembra Freinet, mas trabalhar no seu sentido e ritmo.

Afirma Paulo Freire que "não há docência sem discência; as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (...). Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar" (1996: 25-26).

Paulo Freire e Célestin Freinet alertam para o fato de que ensinar exige pesquisa, pois não há ensino sem pesquisa. O professor precisa, em sua formação permanente, assumir-se enquanto pesquisador. Pesquisar para conhecer o que ainda não conhece e comunicar ou anunciar a novidade. É a chamada **curiosidade** epistemológica, o saber construído a partir da experiência feita, afirma Paulo Freire, para quem o preparo científico deve coincidir com a retidão ética do docente. "Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar (...). A formação deve ser permanente; quem forma se forma e re-forma ao formar" (1996:18).

Ambos consideram a aprendizagem como um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, torná-lo um grande criador, quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender e construir. "Sem a curiosidade epistemológica não se alcança o conhecimento cabal do objeto", diz Paulo Freire (1996:27), pois "aprendizagem é resultado de uma dialética permanente entre ação e pensamento, que permite a interpenetração entre a teoria e a prática".

Tanto no plano social, como no experimental e no teórico, há uma unidade de contradição. "A vida é uma constante corrida de obstáculo, os quais se aprende a dominar pela pesquisa, mesmo antes de saber o porque do sucesso", defende Freinet (In: ELIAS, 1996:48).

Os programas de ensino devem ser reformulados a partir da prática social. Daí a valorização que ambos dão à escrita, enquanto forma de registro livre, alfabetizando sem o uso dos manuais e ensinando a gramática a partir do que os alunos escreviam, e não de um compêndio. A prática do "texto livre", da correspondência e do jornal, de Freinet e os "Círculos de Cultura" de Paulo Freire foram instrumentos usados para dar a palavra ao educando.

Para esses pedagogos, a questão metodológica é de inteira responsabilidade do professor, uma vez que, com intuição e sensibilidade, com equilíbrio, domínio e autoridade poderá, mesmo com poucos e simples materiais, conseguir resultados satisfatórios. Basta dar a palavra ao educando e saber coordenar, e organizar os interesses dos alunos, incentivar a descoberta e aguçar a curiosidade. Segundo Freinet (1985, In: ELIAS, 1996), o emprego do método pessoal ou da postura de quem quer aprender sobre o mundo, sobre os alunos, sobre si mesmo, revendo a própria formação, escolástica e autoritária, será o primeiro passo para a mudança.

Consideram que, para haver transformação, os professores precisam, antes de mais nada, entender o contexto social do ensino, para, só então, perguntar como é que esse contexto distingue a educação libertadora dos métodos tradicionais. E, Paulo Freire pergunta: "Se a educação **não** é a alavanca da transformação, como é que podemos compreender a educação libertadora?" E é ele mesmo quem responde: "A educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação na qual **tanto** (grifo do autor) os professores como os alunos devem ser os que aprendem: devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes (...). A educação libertadora deve ser compreendida como um momento, ou um processo, ou uma prática onde estimulamos as pessoas a se mobilizar ou a se organizar para adquirir poder" (1990:46-47).

Este sempre foi o pensamento de Freinet ao dar a palavra à criança, ao propor como conceitos-chave de sua pedagogia o trabalho e a livre expressão. Dizia que o trabalho livre e criador é a forma de o ser humano ascender, dominar o meio, exercer o seu poder. Daí preconizar uma escola viva, feliz, onde se trabalhe e construa, dando verdadeiro significado social ao trabalho. Como Freire, Freinet via o trabalho como possibilidade dos homens se estruturarem e educarem, ao mesmo tempo em que transformam a natureza. Logo, o trabalho é o princípio, o motor e a filosofia dessas pedagogias (pedagogias populares) que partem da atividade e da crítica que ultrapassa os muros da sala de aula, para chegar às outras aquisições. Para Paulo Freire, o educador precisa conhecer as metas dos educandos de receber formação profissional e adquirir credenciamento para o trabalho. Não pode desconhecer os aspectos técnicos da educação se pretende preparar os estudantes científica e tecnicamente para as exigências reais da sociedade.

Logo, o professor libertador trabalha **com** os estudantes e **não** para os estudantes; se renova com os estudantes e aprende os limites da aplicação da educação libertadora aplicando-a.

Isto mostra porque ambos enfatizam ser necessário ao professor adotar uma atitude experimental em suas aulas. Para Freinet "todos somos pesquisadores: pesquisar é um processo instintivo através do qual o homem busca o próprio crescimento; tateia porque quer caminhar em direção a um objetivo que serve à vida" (In: ELIAS, 1996: 48). Não são a observação, a explicação e a demonstração – processos essenciais da escola – as únicas vias normais de aquisição do conhecimento, mas a experiência tateante, que é uma conduta natural e universal. Da mesma forma, a experimentação é o eixo em torno do qual devem girar todas as aquisições infantis, organizando o meio para favorecer a tentativa experimental.

Tanto Freinet como Freire defendem a abordagem dialógica e o rigor metodológico no ensino. Postulam que o educador democrático deve, na prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão, aproximando os educandos dos objetos cognoscíveis. Paulo Freire afirma (1996:26) que, "quando vivemos a autenticidade pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade". Freinet trabalha o exercício da vivência cooperativa como um dos elos do processo experimental, centro do próprio conhecimento e das técnicas de vida; propõe a transformação do ambiente escolar e a utilização de métodos naturais de ensino, livres do artificialismo imposto pelos métodos tradicionais, uma vez que eles têm como ponto de partida o interesse e a livre expressão da criança.

A reflexão crítica sobre a prática é uma exigência de ambas pedagogias, ao considerarem que ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. "É ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado" (FREIRE, 1996:25). Ensinar e aprender,

priorizar o trabalho (meio) para atingir o conhecimento integral e interdisciplinar (fim), ou seja, a libertação pedagógica cabe aos próprios educadores e aos procedimentos que utiliza. Freinet afirma que se o ensino não interessa ao aluno é porque lhe é, de alguma maneira, inacessível. "É lamentável qualquer método que pretenda fazer beber o cavalo que não está com sede" (1985:16). O trabalho pedagógico deve ser dinâmico, partir do conhecimento que a criança já domina, respeitar o seu ritmo, para que ela atinja a plena realização do seu potencial. Para ele, a pedagogia do trabalho é algo natural, resultante de uma ação intelectual ou física. Através do trabalho, o homem desenvolve total e afetivamente suas potencialidades e não se lhe retira o encanto de construir. Os conhecimentos das crianças, adquiridos nas trocas e cooperação mútua, são os pilares na construção de sua escola viva: a Escola Moderna.

Reafirmamos que, entre semelhanças e diferenças, as duas propostas pedagógicas se completam. Nenhuma se preocupa com a quantidade de conhecimentos, mas sim com o processo e a sua construção, uma vez que os conhecimentos ou as lições só têm valor se ligados às experiências pessoais dos educandos.

Enquanto Freinet cria e aprimora o uso de técnicas na prática educativa, pressuposto fundamental de sua pedagogia da cooperação e atividade, Paulo Freire desenvolve um método de alfabetização com a preocupação de conscientizar o educando para lutar pela sua libertação, alertando para os perigos dos modismos no emprego de métodos e técnicas.

Vale ressaltar que Freinet propõe uma educação que não se limita à sala de aula. O professor deve trocar com os colegas as dúvidas, as incertezas e, também, a forma que encontrou para ajudar, precisar, enriquecer, complementar e respeitar o pensamento da criança, sem imprimir nele um rumo determinado.

Dessa forma, a cultura libertadora e a preocupação com a clareza do ato político, que é o ato de ensinar, situado nas condições reais das pessoas que estão fazendo e refazendo sua sociedade, tão enfatizados por Paulo Freire, encontra eco na proposta pedagógica de Freinet, para quem a educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético.

"Se tirarmos essa máscara acadêmica, se soubermos reencontrar as normas de trabalho a serviço da vida verdadeira e complexa, a escola não será mais uma igreja onde se entra tirando o chapéu e de mãos postas, evitando fazer ranger no piso sonoro os pregos dos sapatos velhos, mas uma oficina, um canteiro de obras em que todo trabalhador se encontra em seu elemento, certo que está de trazer sua pedra, por mais modesta que seja, para o edifício do qual o aspecto intelectual será apenas a majestosa coroação. (..) Conjuntamente com essa corrente da vida em direção à escola, teremos a da escola em direção à vida." (FREINET, 1995:115-116). ■

1 - LDBEN 9394/96, título II, dos princípios e fins da educação nacional.

2 - A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos é iniciada em 1947 e a Campanha Nacional Rural, em 1952, ambas com o objetivo de promover a alfabetização junto à população rural.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei *de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20.12.1996.

ELIAS, Marisa Del Cioppo (org.). *Pedagogia Freinet:* teoria e prática. 7.ed. Campinas: Papirus, 1996.

_____. *Célestin Freinet*: uma pedagogia da atividade e cooperação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. *De Emílio a Emília*: a trajetória da prática da alfabetização. São Paulo: Scipione, 2000.

FREINET, Célestin. *A educação do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Pedagogia do Bom Senso*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

_____. *Para uma escola do povo*: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREINET, Elise. *Nascimento de uma pedagogia popular*. Lisboa/Portugal: Estampa, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 6.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *A educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da Esperança*: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. *Medo ou ousadia*: o cotidiano do professor. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Foto: Abilio Del Cioppo Elias

Marisa Del Cioppo Elias é Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pesquisadora da ABDEPP (Associação Brasileira para Divulgação, Estudos e Pesquisas da Pedagogia Freinet), CNPQ e FAPESP – Brasil.
E-mail: marisa_elias@terra.com.br

Foto: João Elias

O menino e suas laranjas

(Singela homenagem aos professores)

Por Silvio Valentin Liorbano

Basta manter os olhos abertos e algo acontece na sala de aula, nas ruas, nos momentos de lazer e em todos os locais onde exista alguém querendo ensinar e alguém ao lado a fim de aprender.

Agora que nossos olhos já estão bem abertos eu escrevo daqui e você observa o caso que virou texto só para lembrar as pessoas que trabalham nas escolas – porque são vidradas em gente.

Em uma noite (que o tempo quase apagou da memória) um homem e uma mulher assistiam ao telejornal e tentavam relaxar depois de um dia de trabalho duro, quando dois menininhos entram na sala e ocupam uma parte do sofá.

Enquanto os apresentadores elencavam as notícias os dois pequenos telespectadores iniciaram uma conversa que os pais não conseguiram identificar o conteúdo. No momento em que o telejornal exibia imagens de uma reportagem interessante os dois são interrompidos pelos pais com um pedido de silêncio.

Havia entre eles (os dois irmãos) uma diferença de três anos de idade, o mais velho (o Silvinho) estava com seis anos e o mais novo (o Lucas) com três anos. O Silvinho já cursava a Escola de Educação Infantil e o Lucas não via a hora de estudar também.

Sem mais nem menos os dois deixaram a sala e entraram na cozinha. Os pais a esta altura já estavam ligadíssimos na atitude suspeita dos filhos. Os pais pediram que os dois saíssem da cozinha o mais rápido possível.

O pai alegou que cozinha é um lugar perigoso para brincar e o Lucas repetiu: "Cozinha é um lugar perigoso!" Quando finalmente os meninos saíram da cozinha o Silvinho estava com a camiseta cheia de laranjas e o Lucas com a chupeta no canto direito da boca.

Os pais fingiram assistir ao telejornal e de rabo de olho viram e de rabo de ouvido ouviram o seguinte diálogo:

(Silvinho retira uma laranja da camiseta e põe sobre o sofá)

– Uma laranja!

(Lucas repete)

– Uma laranja!

(Silvinho retira mais uma laranja da camiseta e põe sobre o sofá)

- Uma laranja mais uma laranja?

(Lucas toca as duas laranjas com o dedo indicador direito)

- Duas laranjas!

(Silvinho acrescenta mais uma laranja)

-Duas laranjas mais uma?

(Lucas responde)

- Três!

(E o professor Silvinho acariciando a cabeça do seu aluno com a mão direita)

- Muito bem! Muito bem! Muito bem!

Talvez a professora do Silvinho tenha tratado ele com muito carinho e assim ele aprendeu a dividir, somar, multiplicar e transmitir amor. ■

Foto: Silvinho Liorbano

Silvio Valentin Liorbano é professor efetivo das redes Municipal e Estadual de ensino de São Paulo e escritor. É autor de *Carol Carolina e o Lado Escuro da Lua*, *Um Anjo sem nome* e *A fuga do nariz vermelho* (todos pela Paulinas), e *A Vida é um ZZZZUUUUMMMM...* (Nova Prova Editora).

E-mail: silviopoeta@ig.com.br

Freinet – uma inspiração para a Gestão Escolar

Ilustração: Bno Moreira

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo....
Por isso a minha aldeia é grande como outra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
(Fernando Pessoa)

Por Silmara Rascalha Casadei

A Gestão Escolar tem sido foco de estudos e pesquisas em Universidades de todo o mundo que também propõem cursos, MBAs, especializações e graduações nesta área. Neste percurso, vários teóricos contribuem para nossos estudos e Freinet inspira-nos com sua prática vivenciada num tempo passado e distante, mas que apresenta linhas de pensamento que sobrevivem nos dias atuais, tornando possível aplicá-las em nosso cotidiano escolar e em nossa própria ação de vida.

Na gestão de uma escola os conceitos de Freinet contribuem para a constituição de uma equipe cooperativa, motivada, alegre, comprometida e dinâmica. O que Freinet iniciou a partir da década de 1920, numa aldeia localizada no sul da França, numa escola pobre e escura, pode ser transportado para os dias de hoje.

Freinet tinha o hábito de ouvir e registrar as falas dos alunos, seus interesses e comportamentos frente aos fracassos e sucessos, pois acreditava que "suas experiências sempre podem trazer informações ao mestre". Freinet os conhecia individualmente e nutria um profundo respeito pela humanidade representada em cada um.

Diante desta perspectiva, podemos como gestores trazer essa prática para nossa escola. Um grupo, em primeiro lugar, precisa ser ouvido em todas as suas instâncias. Conhecer bem cada profissional da equipe, desde os educadores de apoio (limpeza, inspetoria, portaria, secretaria) até os professores e coordenadores, por meio de entrevistas individuais, representa um recurso precioso. Conheceremos a historicidade de suas vidas, o que inclui as principais memórias, a formação escolar, as experiências e o sonhos. Os encontros coletivos apresentarão sinais do modo como interagem entre si.

No cotidiano, a observação e o diálogo, em diferentes situações, possibilita a investigação e a reflexão sobre a prática que facilitará a articulação dos pares no processo educativo. A escuta mostra ao outro o interesse sincero do gestor em participar do seu trabalho, assessorando-o nas dificuldades, acompanhando-o no percurso ou mesmo partilhando seus êxitos diante de metas estabelecidas a partir de um projeto coletivo.

Freinet sabia que deveria propiciar oportunidades do encontro entre todos para a troca de experiências e conceitos no espaço da sala de aula, mas percebia também que seus alunos nutriam muito interesse e motivação quando saiam da sala. Propôs então a aula-passeio, muito utilizada entre nós nos dias de hoje. A consciência do mundo físico e social oportunizaria temáticas de interesse para o aprendizado. As aulas-passeio de Freinet são hoje nossas saídas de estudo do meio. Desde o bairro em que a escola está inserida até as saídas mais distantes, essas saídas trazem a todos os benefícios de integração e aprendizado não só para o processo de formação dos alunos, mas também para os professores. Com seus educadores, o gestor poderá propor saídas com a equipe: conhecer outras escolas, facilitar a participação em Congressos e Seminários, por meio de rodízios sistematizados, para que todos tenham oportunidades e depois possam transmitir suas impressões ao grupo; buscar novas parcerias com ONGs e instituições facilitando inserções mais amplas no mundo da educação. Outra possibilidade é que a reunião entre professores seja realizada em vários espaços da escola, como em diferentes salas de aula, na biblioteca, na sala de informática, utilizando ainda diferentes recursos.

Muitos falam dos cantos, com várias possibilidades que devemos ter em nossas salas de aula e logo imaginamos pequenos locais com exposição de uma experiência, uma mini-biblioteca... Entretanto, em Freinet, o que se verificavam eram grandes ambientes de aprendizagem onde a prática pudesse ocorrer, ou seja, onde todos pudessem realizar suas pesquisas e experiências, elaborar seus textos, fazer leituras, bem como participar de ateliês de arte e aulas ao ar livre. Podemos refletir sobre isso ao pensarmos na organização

e nos objetivos de cada espaço escolar para que todos se sintam mais motivados aos "fazeres educacionais".

Freinet propôs a correspondência interescolar. Aliás, foi por meio desta prática que seu trabalho foi sendo mais divulgado e conhecido. As crianças leriam e seriam lidas por outros, dividindo suas experiências de vida, falando dos locais em que viviam e, mesmo à distância, fariam novos amigos. Essa prática começou a ocorrer também entre professores que escreviam sobre suas dúvidas, dificuldades, além de trocarem ideias. Ora, por que não podemos propor aos educadores o intercâmbio de culturas e valores? Conhecer novos formatos de gestão escolar e apresentar as próprias práticas contribui para a reflexão e formação de novos desenhos no cotidiano escolar. Inscrever os projetos da escola para serem apresentados em eventos e revistas educacionais e até propor a correspondência interescolar entre alunos e entre professores trará um sentido de igualdade e amizade entre todos.

O livro da vida constitui também uma diferenciada característica do trabalho de Freinet. Nele são registrados os mais importantes momentos da vida do grupo. Realizar registros do programa de formação de uma equipe com suas memórias, descobertas e considerações escritas são verdadeiros documentos do processo escolar. Um museu pode ser criado com os livros da vida das turmas de alunos e também de todos os envolvidos no processo escolar. Registros de ações com pais, eventos educacionais, ações solidárias... São várias as possibilidades temáticas para o livro da vida. O registro nos aproxima afetuosa e reflexivamente do percurso de nossas práticas. O livro da vida deve ser constituído por muitas mãos pois ele é a prova viva de uma escrita coletiva.

Cuidar para que todos se desenvolvam, tenham êxito em seu trabalho e em seus estudos será a grande meta de um gestor, se Freinet servir-lhe como inspiração. A colaboração atenta, o envolvimento afetivo, a busca de possibilidades para a melhoria do ensino e do aprendizado é a função do educador Freinet.

De acordo com Rosa Maria Whitaker Ferreira Sampaio, uma grande estudiosa de Freinet, *"para uma criança desabrochar como um ser socialmente responsável, autônoma, co-dententora e co-edificadora da cultura deverá partilhar de uma escola que lhe desenvolva o senso de responsabilidade, o senso cooperativo, a sociabilidade, o julgamento pessoal, a reflexão individual e coletiva, a criatividade, a expressão, a comunicação, o saber fazer, os conhecimentos úteis, a capacidade de reduzir os pontos de desigualdades sócio-culturais respeitando todos os tipos de conhecimentos e de trabalho".*

Será que só uma criança precisa deste espaço? Ou será que todos nós, como educadores e educadoras, mesmo que já adultos, não necessitamos destes mesmos espaços para relembrarmos nossos compromissos com a educação e com a vida?

O trabalho de gestão, tendo como um dos seus inspiradores, Célestin Freinet, será possível quanto mais possibilitar a escuta, a partilha de projetos existenciais na elaboração de projetos comuns, a motivação, a incansável comunicação e divulgação das ações escolares, o intercâmbio entre a comunidade escolar e entre educadores de outras escolas na criação de uma grande e bem tecida rede de pessoas cooperativas.

Teoria e prática, pedagogia e psicologia, trabalho e estudo, historicidade pessoal e novos conhecimentos, cooperação e comunicação, são eixos que se desdobram na pedagogia do bom senso, conceito apresentado por Freinet, que nos servirá como uma bússola para a tomada de decisões e nos guiará para o futuro da sociedade.

Uma educação, orientada para o conhecimento e o trabalho criativo integrados ao mundo, possibilitará a emancipação de comunidades com mais chances de apoiar novas e necessárias transformações sociais.

Freinet nos ensina a olhar para dentro e para fora elaborando, juntos, as perguntas que estão no contexto do mundo e obtendo as respostas que estão no grupo. Assim nos tornaremos vinculados pela afetividade e pelo compromisso, com as pessoas e com o conhecimento.

Em 1927, com seu primeiro livro, *A imprensa na Escola,* e a participação no Congresso de Tours para falar sobre o Movimento Internacional de Material Impresso na Escola, Freinet começa a ser divulgado. Junto com sua esposa Elise funda, em 1935, com muitas dificuldades, uma pequena escola e depois a Escola de Vence, repleta de ações cooperativas, textos livres, aulas passeios e oficinas de trabalho. Tornou-se mundialmente famoso porque propiciou a comunicação e a partilha de aprendizados entre as diferentes camadas sociais, não só no coração das escolas em que esteve, mas também com grupos de outras escolas, de outras regiões e países.

Freinet não só olhava para o mundo. Freinet olhava mais além, olhava para dentro do mundo. Foi um "trabalhador homem", que transpôs sua aldeia com suas plantações e a partir da participação de todos que ali habitavam. Simplesmente porque a olhou e a viu mais longe...

Célestin Freinet, como educador-poeta nos deixou a inesquecível e acalentadora frase:

"Não estamos mais sós!" ■

Referências bibliográficas

OLIVEIRA. Anne Marie Milon. Célestin Freinet: Raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica. RJ: Escola de Professores.

SAMPAIO. Rosa Maria Whitaker Ferreira. FREINET: Evolução Histórica e Atualidades. Editora Scipione. SP

Site: http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/celestin-freinet-307897.shtml

Foto: Fernanda Barbosa da Silva

Silmara Rascalha Casadei é Diretora Pedagógica da Unidade Jardim, em Santo André (SP), Mestranda em Educação PUC/SP, e autora de livros infanto-juvenis, entre eles *A menina e seus pontinhos, O que é a Pergunta?,* em coautoria com Mario Sergio Cortella, ambos pela Editora Cortez, e a Coleção Seis Razões – livros de educação ambiental, em coautoria com Nilson José Machado e Michele Rascalha, pela Escrituras Editora. E-mail: silcasadei@uol.com.br

AS FACES DA EDUCAÇÃO

Por Jucineide Santana

A educação é espaço de compartilhar, integrar, interagir, construir, conhecer, aprender... Através da educação nos formamos, tornamos nossos sonhos realidade, sentimos o prazer de descobrir o mundo mágico das palavras e as facetas de ser autor e escritor do livro chamado vida. Com a educação aprendemos a conviver, a superar os obstáculos que são lançados constantemente na difícil arte da aceitação do que você é, aprendemos que não somos sozinhos e que o mundo precisa ser curado das maldades humanas.

Aprendemos que a compreensão e a tolerância são exercícios diários, que requerem atenção para não se magoar com os comportamentos levianos dos outros. Aprendemos que nem todo mundo está disposto para viver e contribuir para a dinâmica educativa de forma tranquila e efetiva. Aprendemos que no meio do caminho existem várias pedras, pedras simbólicas, pedras sutis, pedras frias, pedras coloridas ou simplesmente pedras... Pedras que sutilmente usam a educação como escudo para a prática de uma vida camuflada na vida do outro. Pedras simbólicas que estão na educação porque não sabem fazer outra coisa e temem ao desconhecido, apenas fazem de conta. Pedras frias que usam a educação para descarregar as emoções mal resolvidas, que usam a educação para frustrar a afetividade das pessoas que acreditam na força do abraço. Pedras coloridas! Essas são as bases. Elas revigoram o ambiente educativo, sabem o gosto do aprender juntos, conseguem dialogar com os educandos na sua presença própria e apropriada, não conseguem fingir o seu encantamento pelo ato de educar, reconhecem-se como agentes de transformação social, são impulsionados para um fazer com alteridade que suaviza os obstáculos, sabem que o resultado da sua contribuição é para honra de Deus no mundo, é para a formação de pessoas melhores, pessoas justas, pessoas que vibram com o crescimento do outro, pessoas que acreditam na força do verbo Educar para a concretização do que sabem e do que não sabem. As pedras coloridas dão vida à inteligência, despertam a criatividade, resgatam a felicidade de estudar e olham juntas para várias formas de aprender a conhecer. Essas pedras conseguem ter o olhar de águia, sabem que o caminho pode ser modificado durante o percurso e não temem as paradas para o descanso. Elas reconhecem sua potencialidade intelectual e quão longe podem chegar. Aprimoram sua sensibilidade e não permitem ser afetadas com lamúria.

A Arte de Educar é assim, alguns se encontram, outros desencontram, e todos escorregam no túnel da Alice para a tomada de decisão, já não temos o gato nem a lagarta para questionar quem somos, ou que caminho devemos seguir. Em educação o caminho trilhado deixa marcas na vida do outro, marcas que podem impulsionar e ao mesmo tempo atrofiar. Marcas que são lançadas para além do que os olhos podem ver. Educar é enveredar num labirinto que a vida oferta na plenitude do próprio verbo. É o momento que não se pode mais pensar *"como os nossos pais"*. A postura requer ruptura com as verdades que aprendemos como imutáveis. Viver na seara da Educação é pulsar numa dança de corpos que ecoam vozes silenciosas e entoam música que precisam ser escutadas para servir na vida. Educar não é tarefa fácil, mas o convite é feito para os que amam o desafio de formar **gente**. Também não poderia ser fácil por se tratar de contatos plurais expostos no cotidiano de cada sujeito. Educar é singelo, é desbravador, é significativo... Façamos dessa singeleza uma abertura viva de que a Arte de Educar clama, pois a nossa escolha não pode ser aleatória, ela tem que ser sentida, experimentada, vivida. A Arte de Educar nos dimensiona para o esvaziar-se de si para acolher o outro que é diferente de mim e que muitas vezes me mostra o que sou. Precisamos sentir essa presença marcante de ser educador–educando, de ser professor, mas que não professa uma única verdade, e sim mostra caminhos para a construção de outras verdades, de ser amigo para ouvir o que cada ser é. Educador não é sinônimo de dor, mas de ser companheiro de cada um e, o mais fantástico de tudo, de sermos Educadores de nós mesmos. Que possamos nos esvaziar dos nossos egos carregados de julgamentos para mergulharmos no inusitado e termos uma vivência educativa plena, daí, então, sentiremos o êxtase da passagem de ser substantivo para sujeito ativo na ação do verbo **EDUCAR**.

Para todos os fazedores da arte de Educar com vida, luz, sabedoria, Fé e certeza na nossa atitude significativa na vida de todos que nos são presenteados nos espaços educativos. ■

Ilustração: Hugo Leonardo

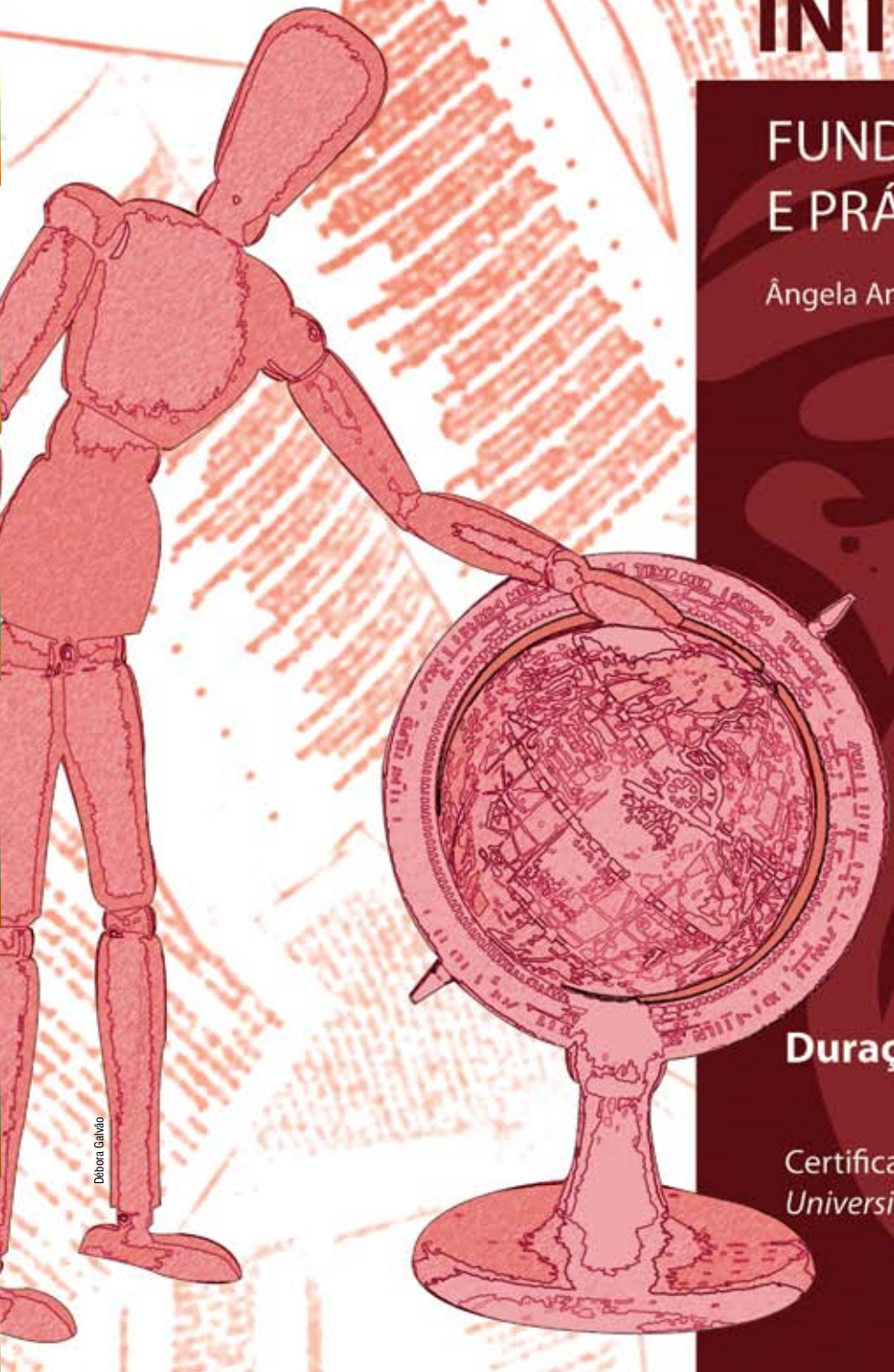
Foto: Jucineide Santana

Jucineide Santana é licenciada em Letras com Língua Inglesa e Espanhola pela Faculdade Jorge Amado, especialista em Metodologia do Ensino Superior, Educação Transdisciplinar e Desenvolvimento Humano (UFBA) e em Psicopedagoga Institucional, Clínica e Hospitalar (FACCEBA). É supervisora do Ensino Fundamental II do Colégio Salesiano do Salvador (Salvador – BA) e atua na área de formação de professores.
E-mail: jucineidesantana@terra.com.br

EDUCAÇÃO CIDADÃ E EDUCAÇÃO INTEGRAL

FUNDAMENTOS E PRÁTICAS

Ângela Antunes e Paulo Roberto Padilha



Débora Galvão

Duração total: 90 horas

Certificação: Instituto Paulo Freire/ *Universitas* Paulo Freire (Unifreire)

Módulo 1
Introdução
I - Educação Cidadã, Educação Integral
II - Educação Integral, Tempo Integral

Módulo 2
III – Sujeitos da Educação Integral e da Educação Cidadã
IV-Somos todos/as educadores/as e trabalhadores/as em educação?

Módulo 3
V – Nova arquitetura da gestão pública: o Município que educa
VI – A escola como gestora social do conhecimento

Módulo 4
VII– Princípios e propostas da Educação Cidadã
VIII – Eixos da Educação Cidadã e Integral

Módulo 5
IX – Fundamentos da Leitura do Mundo
X – Como realizar a Leitura do Mundo? Experiências e processos

Módulo 6
XI - Gestão democrática, comunitária e compartilhada
XII – Fundamentos e práticas da gestão democrática, comunitária e compartilhada

Módulo 7
XIII – Colegiados escolares: coletivos instituintes da Educação Cidadã e Integral
XIV – Como organizar o trabalho dos colegiados escolares: a contribuição dos diferentes segmentos

Módulo 8
XV–Planejamento educacional dialógico: princípios e possibilidades
XVI –Projeto eco-político-pedagógico: esclarecendo o conceito, falando das práticas

Módulo 9
XVII – PDE da Escola e PEPP – distinções e complementaridades
XVIII – Etapas de elaboração do PEPP: sugestões práticas

Módulo 10
XIX – Currículo Intertranscultural como fundamento da Educação Integral
XX – Arte, educação, múltiplas linguagens e qualidade do ensino intertranscultural

Módulo 11
XXI – Avaliação dialógica, formativa e continuada na Educação Cidadã
XXII – Avaliação Institucional

Módulo 12
XXIII – Avaliando e fundamentando a prática
XXIV – Auto-avaliação e avaliação do processo do nosso curso

XV – Planejamento educacional dialógico: princípios e possibilidades

Paulo Freire, há exatamente 50 anos, num trecho de sua primeira obra, intitulada *Educação e atualidade brasileira* - tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife (1959, pg. 8), escreveu o seguinte:

> Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem de responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança. Às vezes, preservando determinadas formas de cultura. Outras, interferindo no processo histórico, instrumentalmente. De qualquer modo, para ser autêntico, é necessário ao processo educativo que se ponha em relação de organicidade com a contextura da sociedade a que se aplica (...) A possibilidade humana de existir – forma acrescida de ser – mais do que viver, faz do homem um ser eminentemente relacional. Estando nele, pode também sair dele. Projetar-se. Discernir. Conhecer. (Freire, 1959, pg. 8).

Vejamos que o autor, ao tratar de planejamento, utiliza palavras e terminologias que, certamente, em outros momentos da história – antes e depois deste seu texto – sequer poderiam ser utilizadas: *valores da sociedade, mudança, processo histórico e educativo, relação, ser mais, ser relacional... discernir, conhecer.* Isso nos faz pensar no planejamento, desde logo, diferentemente de como esta prática foi tratada e, portanto, entendida, na própria história da educação brasileira e latinoamericana: uma ação técnica, a ser realizada apenas por especialistas.

Por muito tempo a educação importou e foi pautada com base em modelos centralizadores de planejamento e, por conta da ambiguidade do próprio termo e do modelo político altamente autoritário, antidemocrático e injusto imposto nos anos de ditadura militar na América Latina, o que ficou na cabeça de muitos educadores foram os modelos empresariais de planejamento, nascidos da lógica da *Administração científica* proposta por Taylor. Isso deu origem à histórica divisão do trabalho e ao nível cada vez maior de especialização, continuada por Fayol, Henry Ford, entre outros teóricos que acabaram influenciando a administração escolar, conforme ainda hoje acontece em muitas de nossas escolas.

Concepções clássicas, transitivas, mayoistas e neoclássicas de administração, de tradições burocráticas, idiossincráticas e integradoras, deram ênfase, respectivamente, a modelos de planejamento hierarquizados, verticais, excessivamente normatizados, visando à eficácia institucional do sistema, à eficiência individual e ao clima organizacional pragmático[1] . Nossa perspectiva de planejamento, ao contrário destas, é dialógica, com ênfase nos valores culturais e políticos, contextualizados,

e com base numa visão interdisciplinar de ação, conforme veremos a seguir.

Toda pessoa faz planos e constrói seu projeto de vida. E, se alguém não o faz, vive meio sem direção, sem sentido... Dependendo do dia, são tantas as nossas atividades, que chegamos a organizar as nossas ações sistematicamente: tomamos notas e registramos a ordem dos nossos compromissos, a sequência dos afazeres do dia, definindo itinerários, horários, pessoas que não podemos deixar de encontrar, contas que precisamos pagar e, melhor ainda, valores que temos a receber! Acabamos por planejar as nossas ações e até contamos com a ajuda de outras pessoas – da família, amigos, colegas de trabalho etc.

Com estes exemplos, pretendemos mostrar que a atividade de planejar é eminentemente humana e acontece quase sempre na nossa vida. E na escola não é diferente, a não ser pelo seu caráter mais formalizado, organizado, intencional e coletivo. O importante, neste âmbito, é não simplificarmos demais e acharmos que, mesmo ficando parados, como se estivéssemos descansando no conforto da nossa casa, o planejamento ou o projeto vai acontecer porque alguém vai acabar fazendo. Nós somos os sujeitos do processo. Nós somos ou podemos ser, ao mesmo tempo, os planejadores, os executores e os avaliadores do que foi planejado e feito. Mas, diferentemente do planejamento tecnocrático sobre o qual nos referimos anteriormente, neste caso quem decide não é um especialista. Quem delibera aqui são várias pessoas, os vários segmentos da escola.

Realizar planos e planejamentos educacionais (ao nível do sistema educacional) e escolares, significa exercer uma atividade engajada, intencional, científica, de caráter político, ideológico e isento de neutralidade. Este processo influencia e provoca transformações nas instâncias e nos níveis educacionais que, historicamente, têm ditado o como, o porquê, o para quê, o quando e o onde planejar. Pensar o **planejamento educacional** e, particularmente, a elaboração do projeto eco-político-pedagógico da escola é, essencialmente, **exercitar nossa capacidade de tomar decisões coletivamente.**

Não há relação pedagógica sem diálogo amoroso e conflitivo, da mesma forma que não há relação amorosa que resista à falta do diálogo e à ausência do conflito. Como nos ensina Paulo Freire, o diálogo é "o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o 'pronunciam', isto é, o transformam, e, transformando-o, humanizam para a humanização de todos." (FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 8. Ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. 1982:43).

No contexto da Educação Cidadã planejar só pode se dar com base na gestão democrática, comunitária e compartilhada e nos seus fundamentos (módulo 6 do nosso curso), cuja organização coletiva cabe à direção escolar e ao colegiado escolar (módulo 7), mas a partir do processo de leitura do mundo participativo. E o planejamento educacional dialógico significa a tomada de decisões democráticas, com base no conhecimento coletivo da realidade, considerados os sonhos da comunidade escolar e visando às aprendizagens dos alunos e das alunas, à garantia de seus direitos e à convivência humana mais pacífica, solidária, cooperativa e sustentável, em todos os sentidos, como veremos a seguir.

XVI – Projeto eco-político-pedagógico: esclarecendo o conceito, falando das práticas

Elaborar o projeto eco-político-pedagógico (PEPP) da escola é um processo pedagógico em si mesmo. Ele amplia a nossa convivência humana e as nossas relações na escola e, potencialmente, aproxima a comunidade cada vez mais da instituição escolar.

Dependendo do envolvimento dos segmentos escolares, consegue-se, nesse processo, melhorar muito a dinâmica escolar e até mesmo se realizar intercâmbios de experiências, saídas a campo, festas e encontros educacionais, escolares, culturais, esportivos, comunitários. Com isso, a escola ganha a vida e a (nossa) vida ganha a escola.

A dimensão "eco" do projeto eco-político-pedagógico sinaliza e enfatiza a indispensável atenção à educação ambiental, ecológica, ecopedagógica em todos os processos educacionais. Com isso, valorizamos a sustentabilidade ambiental, econômica, cultural, sexual, entre outras, as nossas relações com todo o ecossistema (toda forma de vida existente no planeta) e ainda ressignificamos as nossas práticas em relação a tudo aquilo que tem a ver com o processo educacional.

O PEPP, em termos **conceituais**, pode ser entendido como um processo de mudança, com base nas experiências do passado e nas vivências do presente, visando ao futuro sustentável das atividades educacionais que acontecem na localidade, mas que influenciam a vida do próprio planeta.

Falando de **práticas**, na elaboração do PEPP, que é necessariamente coletiva, partimos da organização da escola, de forma democrática e participaiva e, em seguida, estabelecemos princípios, diretrizes e propostas de ação para melhor sistematizar e ressignificar as atividades desenvolvidas pela unidade educacional como um todo. Ao elaborar o PEPP as pessoas ressignificam as suas experiências, refletem as suas práticas, resgatam, reafirmam, atualizam e vivenciam novos valores na troca com os valores de outras pessoas, explicitam os seus sonhos e utopias, demonstram os seus saberes, dão sentido aos seus projetos individuais e coletivos, reafirmam as suas múltiplas identidades, suas diferenças, semelhanças e estabelecem novas relações de convivência, indicando um horizonte de novos caminhos, possibilidades e propostas de ação. Decidem o seu futuro.

É importante, em termos metodológicos, levantar as experiências da escola e refletir sobre elas para, em seguida, fundamentá-las. As ações propostas e executadas no PEPP devem ser objeto de avaliação

permanente para que os vários segmentos escolares possam saber o que já melhorou e o que ainda pode melhorar na escola e na comunidade. E isso exige formação continuada dos trabalhadores em educação e de todos os segmentos representativos da comunidade.

Quem gosta de frequentar uma escola suja, feia, depredada, pichada, cheia de muros e de grades? Sentir-se bem na escola exige cuidado constante com a sua estrutura física, com a conservação das suas dependências. Esta tarefa é do Estado, mas também é da comunidade escolar, a quem interessa contar com espaços que viabilizem melhores condições de aprendizagem e convivência cultural, esportiva, cultural e educacional.

Importância ainda maior devemos dar à qualidade e à beleza das relações pessoais, interpessoais e grupais que lá se estabelecem, nos seus diferentes espaços. E se a escola não conta com esses espaços, razão maior possui para que se dedique a reivindicá-los e, por conseguinte, a conquistá-los. Mas nenhuma conquista ou mudança fundamental acontece gratuitamente, sem esforços e sem conflito. Aí está a **dimensão política** do ato educativo. Daí a necessidade do projeto eco-político-pedagógico, processo no qual registramos tais demandas, criando movimentos favoráveis ao alcance das mudanças desejadas. Daí, também, cada pessoa resgatar o prazer de participar do processo de mudança da UE porque, ao fazê-lo, estará mudando a si mesma e construindo também, de certa forma, o seu projeto eco-político-pedagógico pessoal, o que contribui para o fortalecimento de sua própria identidade.

Mas como fazer isso? Como nos organizarmos para conseguir a participação da comunidade e de todos os segmentos escolares? Na perspectiva da Educação Cidadã temos defendido a **formação continuada dos diversos segmentos** para a participação e para a gestão compartilhada. Isso significa o fortalecimento da gestão democrática, ampliando não apenas a consulta à comunidade, mas, sobretudo, o seu envolvimento cotidiano nas decisões sobre os diversos fazeres educacionais, através, por exemplo, do maior envolvimento – sempre mais prazeroso, dialógico, aprendente e curioso – nas diversas atividades da UE, através dos seus colegiados (conselhos) escolares, grêmio estudantil, na associação de pais e mestres. É importante **potencializar a parceria entre a instituição educativa, a comunidade e suas respectivas associações** para que juntas, possam melhorar o trabalho da escola e, fundamentalmente, a aprendizagem dos alunos.

Muito importante no processo de elaboração do PEPP é também o princípio da **lisura nos processos de definição da gestão e agilização das informações** que circulam na instituição escolar, no âmbito de todas as suas atividades.

O PEPP da escola deverá estabelecer objetivos e metas pensados a curto, médio e longo prazos, o que pode significar uma duração até mesmo superior a 10 anos, dependendo da capacidade de planejamento da própria UE. Normalmente, para se elaborar o PEPP, utiliza-se entre 6 a 12 meses, dependendo muito das experiências prévias da unidade educacional e dos processos de educação continuada da comunidade escolar.

Para finalizar, é importante destacar que o PEPP, num determinado momento de sua (re)construção, transforma-se num documento que pode ter uma estrutura básica, que varia de acordo com o contexto educacional onde se localiza a escola. A este respeito, existe na atualidade ampla bibliografia, como já temos citado em diversas oportunidades. O importante, mesmo, será levar em consideração as orientações específicas de cada rede ou sistema de ensino e respeitar as suas próprias vivências, o seu ritmo, o seu tempo político e institucional, os elementos facilitadores e dificultadores da sua própria construção.

No próximo módulo deste curso continuaremos a discutir este assunto, dando maiores detalhes sobre a elaboração do PEPP e dialogando, inclusive, com o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), proposto pelo MEC. Até lá. ■

1 - Conforme podemos ler, com maior profundidade, no capítulo 2 – Concepções de planejamento - do livro *Planejamento educacional: como elaborar o projeto político pedagógico da escola* (Padilha, Paulo Roberto, 2001, pgs. 45 a 59).

Foto: Thaís Chita

Ângela Antunes é mestre e doutora em Educação pela FE-USP, pedagoga e Diretora Pedagógica do Instituto Paulo Freire. Autora do livro *Aceita um Conselho? Como organizar o colegiado escolar*.(SP, Cortez-IPF, 2002).
E-mail: angela@paulofreire.org

Foto: Thaís Chita

Paulo Roberto Padilha é mestre e doutor em Educação pela FE-USP, pedagogo, músico e Diretor de Desenvolvimento Institucional do Instituto Paulo Freire. Autor dos livros: *Educar em Todos os Cantos* (SP, Cortez-IPF, 2007), *Currículo intertranscultural* (SP, Cortez-IPF, 2004) e *Planejamento dialógico* (SP, Cortez-IPF, 2001). E-mail: padilha@paulofreire.org
Site do IPF: www.paulofreire.org

Ilustração: Hugo Leonardo

Pedagogia Freinet: possibilidades de alfabetização

Por Gláucia de Melo Ferreira

A gente tem um coelho na nossa sala. O nome dele é Tuti-fruti.

Turma do 1º e 2º ano (1984).

Este pequeno texto está impresso e colado numa das páginas de um caderno de capa dura que era a nossa "cartilha" quando eu era professora de uma turma de 1ª série, há muitos anos atrás. Folheei um pouco mais esse caderno precioso e encontrei outro texto:

O Tuti-fruti fugiu para outra chácara.

Turma do 1º e 2º ano (1984).

As memórias dessa turma e do trabalho que realizamos juntos me trazem muitas reflexões sobre a educação e o processo de alfabetização. A primeira delas é sobre uma ideia que tem sido mais difundida ultimamente, de que o aluno deve ser protagonista do seu processo educativo. Nos meus tateios iniciais como professora alfabetizadora, há mais de 25 anos, eu encontrava nas ideias de Célestin Freinet uma inspiração para ajudar aqueles alunos a registrarem, através da **imprensa escolar**, os eventos marcantes de suas vidas e, assim, protagonizarem suas vivências e aprendizados.

Naquele tempo eu usava a imprensa com meus alunos. Era uma grande caixa, cheia de divisões onde ficavam todos os tipos (as letras).

Sempre iniciávamos o dia com uma **Roda de Conversa** (um dos instrumentos da Pedagogia Freinet), na qual as crianças contavam suas novidades, comentavam eventos importantes de suas vidas ou da vida do grupo. Eu registrava aquelas falas e depois decidíamos o que seria impresso. Quando o coelho, logo batizado por nós de Tuti fruti, chegou à nossa sala, é claro que esse foi o assunto mais vivo e interessante para todos. "Esse texto precisa ir para o Jornal!!", diziam todos eles. O processo de composição do texto era muito disputado por todos e, por isso, havia uma escala, cada texto era composto por uma dupla de alunos. Letra por letra, eles iam montando o texto no componedor. Os outros iriam trabalhar nos outros ateliês. Foi alguns anos depois, quando aprofundei um pouco o conhecimento da obra de Jean Piaget, que encontrei nesse autor uma confirmação científica e uma tranquilização para as angústias provocadas por esses "riscos" que corríamos ao trabalhar com as propostas de Freinet. No seu livro *Psicologia e Pedagogia* (Editora Forense, Rio de Janeiro, 1985), Piaget destaca o trabalho de Freinet como um exemplo vivo de uma prática voltada para o desenvolvimento das operações intelectuais. Nas palavras do próprio Piaget: *"Sua célebre ideia da imprensa escolar constitui a esse respeito uma ilustração particular entre outras, mas especialmente*

instrutiva, porque é evidente que uma criança que imprime pequenos textos chegará a ler, a escrever e a ortografar de uma maneira bem diferente do que se não possuísse qualquer ideia sobre a fabricação dos documentos impressos de que se serviu."

Quando a dupla responsável pela composição do texto terminava o trabalho era a hora de fazer a tiragem do texto. Esse trabalho empolgava mais ainda os alunos. Um grupo de quatro crianças se organizava em torno do prelo. Um aluno passava a tinta sobre os tipos, o outro colocava a folha de papel, um terceiro passava o rolo (do prelo) e o quarto retirava a folha impressa para guardá-la dentro de uma lista telefônica onde ela ficaria secando. Como era emocionante ver o nosso texto impresso, tão bonito! A expressão autêntica da vida das crianças ganhava a nobreza da letra impressa. A comunicação com outras pessoas sobre o que se passava naquele grupo tornava-se possível com a organização de um **Jornal Escolar** que os alunos levavam orgulhosos aos pais e mandavam uma cópia para a turma de **correspondentes** (uma escola Freinet em outra cidade).

Mas os tempos mudaram... Os tempos mudaram, sim, mas o interesse da criança em expressar-se e comunicar-se não mudou. O que mudaram foram as ferramentas e hoje, nas nossas salas, utilizamos o computador, a Internet, os textos podem ser fotocopiados para compor um Jornal ou podemos confeccionar um Álbum todo colorido e ilustrado com as descobertas que a turma esteja fazendo sobre determinado assunto. A magia de expressar-se e comunicar-se permanece a mesma.

A aquisição da leitura e escrita faz-se a partir dos interesses dos alunos. Ler e escrever para que? Para compreender as ideias dos outros e para comunicar suas próprias ideias e sentimentos. No processo mesmo de alfabetizar-se pelo Método Natural (Pedagogia Freinet) a criança aprende que a escrita tem uma utilidade significativa na sua vida. Nesse processo estimulamos as crianças a fazerem suas tentativas de escrita, seus tateios, com frases do tipo*: "escreva do jeito que você sabe...".* Os sucessos que ela vai obtendo são ressaltados e a escrita *"que todo mundo poderá ler e entender"* vai sendo apresentada à criança de uma maneira natural. Ao

comparar a sua escrita com os modelos que o professor apresenta ela poderá corroborar (ou não) suas hipóteses. Mas, tudo isso se faz a partir de um contexto vivo e significativo para a criança.

Nas classes Freinet, desde pequena a criança tem a oportunidade de viver os atos de escrita como atividades orgânicas e integradas à sua vida. Mesmo nas classes com crianças a partir de dois anos as crianças já conhecem e vivenciam a função social de ler e escrever. Isso se faz através de um instrumento muito rico da Pedagogia Freinet: o Livro da Vida. Trata-se de um grande caderno (com as folhas brancas, sem pauta) no qual a professora vai registrando os momentos e fatos importantes da vida do grupo, ela atua como escriba da turma. Numa turma de Maternal, por exemplo, as crianças poderão desenhar nesse caderno, ilustrando esse registro. Quanto mais velha é a turma, mais elas irão participar da elaboração desse livro com as suas escritas.

O Livro da Vida favorece aquilo que Freinet destacava como fundamental para o processo educativo: trazer a vida para dentro da sala de aula. É a palavra da criança que ganha importância dentro do grupo. Nosso papel é de desenvolvermos uma escuta atenta a esses interesses manifestos pelas crianças para, a partir daí, organizar o trabalho. Isso quer dizer que a partir dos interesses dos alunos muitos projetos ganharão vida. Então, nosso papel não é o de somente ficar na escuta (embora isso seja fundamental), mas de propor, de perguntar, de estimular os interesses que vão surgindo. Por exemplo, uma criança contou no início do dia, na Roda de Conversa, que o seu dente estava mole. Esse assunto mobilizou o interesse dos outros. Eles levantavam as mãozinhas para contar suas experiências semelhantes. Então, a professora irá escrever essa frase no **Livro da Vida**: O MEU DENTE ESTÁ MOLE. Tantas perguntas poderão surgir a partir daí! "Por que os dentes caem? Nascerá um outro no lugar? É verdade que a fada trará um presente se jogarmos o dente no telhado? O que é dente de leite? Quantos dentes temos na boca? O que é cárie?" Essas e muitas outras questões poderão surgir, e todas elas devem ser anotadas no Livro da Vida. A dúvida mobiliza o pensamento e o desejo de construir respostas. E aí é que o papel da professora é importante, pois ela pode nesse momento

perguntar à turma: *Como vamos achar as respostas a tantas perguntas?* Logo terão início as pesquisas. Vamos trazer de lição de casa aquilo que já sabemos sobre o assunto. Assim, temos uma forma bastante diferente de abordar a questão da lição de casa, pois ela se insere num contexto de aprendizagem motivada. As crianças querem contar o que sabem e encontrar as respostas às suas próprias perguntas.

Continuando o trabalho sobre esse tema, podemos mandar uma carta a um dentista com as nossas perguntas, também vamos procurar nos livros. Uma atividade pode ser organizada para contar os dentes na nossa boca... O processo começou e agora está em andamento! A escrita das descobertas do grupo poderá ser a matéria prima para a elaboração de um álbum. Agora o trabalho não é mais encaminhado para a imprensa (como fazíamos antigamente), usamos o computador para escrever e imprimir os textos que depois serão colados no nosso álbum. A partir de uma simples novidade, surgida numa Roda de Conversa, temos todo um **complexo de interesses** (essa expressão era preferida por Freinet, pois denotava toda a gama de possibilidades de trabalho nas diferentes áreas do conhecimento). A própria sala de aula torna-se uma oficina de trabalho onde o saber, o pensar, o agir, o fazer, o dividir e o viver coletivos são estimulados. Os alunos se percebem como produtores de um conhecimento, sua curiosidade é levada a sério.

Muitas outras possibilidades de exploração da palavra irão surgir nesse processo. Por exemplo, quando a turma já tiver encontrado algumas respostas para suas perguntas, poderemos propor a elaboração de um texto coletivo com as informações obtidas. Este será um rico momento para exploração da escrita. Nesse projeto de pesquisa, o adulto também irá estimular os alunos a trazerem suas histórias e vivências com a troca da dentição. Esses pequenos textos serão lidos na Roda de Conversa e poderemos propor à turma que escolha um deles para fazerem juntos uma Correção Coletiva. Esse é um momento muito rico, no qual os alunos irão discutir a grafia das palavras, a melhor forma de comunicar uma ideia... Nosso papel é permitir que as crianças façam suas hipóteses, que discutam e investiguem esse objeto (a linguagem escrita) do

qual estão se aproximando. A ajuda mútua deve ser estimulada, criando um clima de cooperação.

Em todo esse processo podemos perceber o quanto as crianças se sentem autoras de histórias, de textos e pesquisas e não simplesmente consumidoras de apostilas. Elas são protagonistas do seu processo de aprendizagem.

Esse pequeno artigo teve a intenção de mostrar algumas ideias e possibilidades que a Pedagogia Freinet traz para o processo de alfabetização. Mas é preciso salientar que são proposições baseadas em alguns princípios como o da cooperação, da construção da autonomia, da livre expressão e do trabalho. Nosso fazer pedagógico está impregnado de escolhas sobre qual espaço educativo queremos proporcionar aos nossos alunos, sobre quais experiências queremos priorizar. Não se trata de um conjunto de técnicas aplicáveis de maneira mecânica.

"A vida se prepara pela vida", nos ensina Freinet. É por isso que é tão importante que nós, professores, deixemos essa vida entrar na nossa sala de aula, acolhendo os interesses e necessidades das crianças. Através do estímulo à expressão livre da criança, promovendo na classe um clima de trabalho e cooperação e, em tudo isso favorecendo o tateio experimental e o desenvolvimento da autonomia da criança, buscamos promover uma formação mais integral na criança, favorecendo o desenvolvimento de todos os aspectos da personalidade de nossos educandos. ■

Foto: Rina Kátia Cortez

Gláucia de Melo Ferreira é Pedagoga, Mestre em Educação pela Unicamp e diretora da Escola Curumim, em Campinas (SP). Atuou como professora alfabetizadora e como formadora de professores. Atualmente ministra na Unicamp o curso de Extensão Pedagogia Freinet - vida e cidadania na escola, ao lado da Professora Maria Teresa Mantoan. Foi coordenadora geral da Associação Brasileira para Divulgação, Estudos e Pesquisa da Pedagogia Freinet (ABDEPP/Freinet).
Sites: www.escolacurumim.com.br
www.freinet.org.br

A PSICOPEDAGOGIA E A APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA

Por Isabel Parolin

(...) O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêjo de todo mundo... Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!

Guimarães Rosa[1]

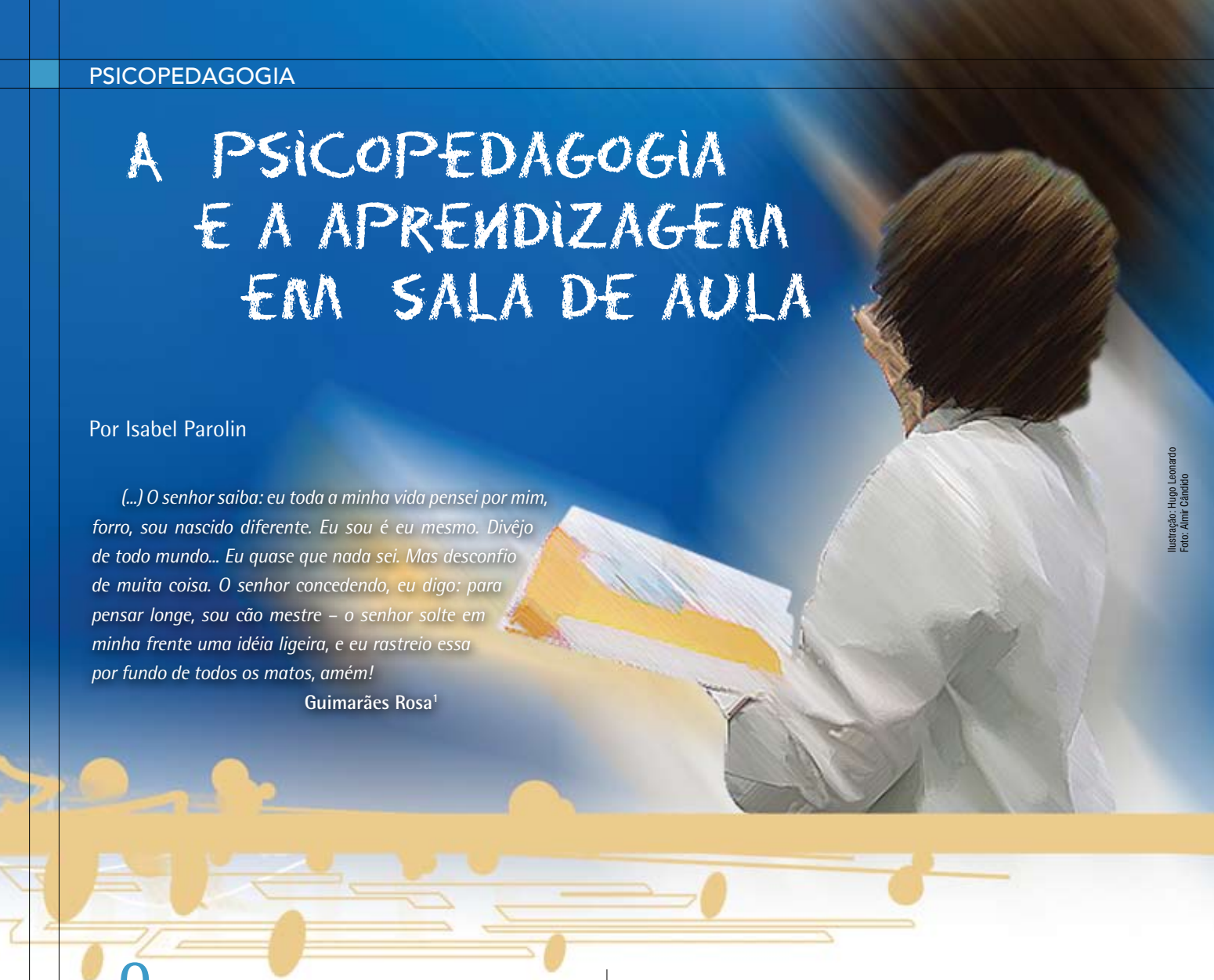


Ilustração: Hugo Leonardo
Foto: Almir Candido

O personagem de Guimarães Rosa, ao expressar-se de forma tão simples e ao mesmo tempo com uma mensagem tão profunda, faz-me pensar em aprendizagens, em sala de aula, em crianças e jovens aprendendo, em professores ensinando e no papel da psicopedagogia nisso tudo. Dizendo de outra forma, penso no que temos feito em nossas salas de aula e o que temos valorizado como conteúdos necessários ao exercício da plena cidadania.

Já esta acordado que as pessoas aprendem sempre que se dispõem a isso e encontrem alguém com competência para ensiná-las, alguém que tenha, além de boa vontade, conhecimento para colocar-se como o mediador nessa empreitada. Portanto, aprendemos sempre, em casa e na escola, desde que tenhamos o espaço material e sócio/afetivo favorável. Vale afirmar que uma pessoa que esteja inserida em um grupo que seja ensinante, aprenderá muitas coisas que ela nem imagina que poderia aprender, ao contrário das crianças inseridas em grupos mais quietos, muito ocupados, apressados e de pouca curiosidade. A essas, faltará um grupo de aprendizagens que elas não conseguem vislumbrar. Valores como respeito, perseverança, assim como espírito de luta, de participação e vontade de pertencer, compõem as aprendizagens que fazem a diferença no desenvolvimento e na vida de um aprendiz. A repercussão da ausência dessas aprendizagens está em comportamentos, como, por exemplo, de um jovem que afirma que não vai ler tal artigo por ser longo, ou ainda, de uma criança que sequer abre a agenda para verificar se tem ou não tarefa de casa, por achar que não é ela que deve ter essa responsabilidade e sim sua mãe. Em contrapartida, saberemos de jovens que pegam um ônibus para ir à biblioteca e ter acesso ao mesmo documento que aquele outro não se predispôs a ler e de crianças que, apesar de não terem um espaço adequado em casa para estudar, fazem seus deveres incondicionalmente.

Interessante ressaltar que muitas crianças e jovens de famílias de classe média e alta vivem solitárias, em frente às suas TVs e computadores, sem um adulto que lhes ensine coisas básicas, tais como cumprimentar as pessoas, agradecer, pedir licença – hábitos que chamamos de humanização. Pouca diferença se nota em uma criança cuja mãe é operária, diarista, vendedora ambulante, de outra em que a mãe é advogada, secretária, gerente. Temos a tendência de achar que somente as crianças pobres e filhas de pais não escolarizados sofrem de privação cultural... Mas não! Essa privação está em todas as camadas sociais cujos pais não estejam presentes, ensinando a seus

filhos as coisas que a família precisa ensinar, principalmente a ser daquela família! Simbolicamente eu explicaria essa expressão como o convívio que faz com que a criança entenda os hábitos, costumes, crenças de seus pais e vá vestindo o seu sobrenome até que ele faça parte dela como pessoa.

A psicopedagoga Laura Monte Serrat Barbosa[2] chamou esse fenômeno de "Sovivência".

Se por um lado a família está tendo dificuldades para bem encaminhar seus filhos, alegando não ter tempo de educar, por outro, a escola não está conseguindo cumprir com seu papel social – instrumentalizar o aprendiz para o exercício da cidadania.

É em família que se espera que a criança se individualize, se humanize e se caracterize como pertencente a um grupo familiar; e é na escola que se espera que todas as crianças aprendam e desenvolvam os instrumentos necessários a sua emancipação como sujeitos e tenham condições de bem viver como cidadãos.

Tem-se produzido muito mais fracasso do que sucesso. Basta lembrar que segundo os dados da Prova Brasil 2007, entre dez alunos avaliados na 4° série do Ensino Fundamental, menos de três tinham os conhecimentos mínimos exigidos em Língua Portuguesa e Matemática. A situação piora, com base nesse mesmo instrumento, se considerarmos que nas 8° séries, para cada 10 alunos, menos de três aprenderam o mínimo em Língua Portuguesa e menos de dois aprenderam o mínimo exigido em Matemática.

Para agravar essa situação, circula entre nós a crença de que se o aluno não aprende, tem um problema de aprendizagem - o problema está nele. Ele é que não é capaz de aprender. Fabricamos, em abundância, desculpas para a terceirização da responsabilidade e com isso nos eximimos de enfrentar e aprender com a situação. A busca de desculpas que parecem justificar o desconhecimento de como se aprende circula com facilidade em nosso contexto, tais como: família desestruturada, criança com problemas de desenvolvimento, de comportamento e com comprometimentos emocionais. Nunca se viu tanta criança tomando remédios, fazendo aulas particulares, frequentando centros de atendimento, enfim... Um grande desencontro, cujo maior prejudicado é a criança.

Por não saber como trabalhar com determinada criança, acaba-se acreditando que ela é que tem dificuldade para aprender e não que o professor está com dificuldade de ensinar.

Como fazer a diferença?

Primeiro entender a situação da criança e de suas dificuldades.

A criança está tendo dificuldades de ou com a aprendizagem?

Na maioria das vezes é com a aprendizagem. É o estilo de ensinar da professora que não contempla o estilo de aprender do aluno. É a família que não consegue oferecer os enquadramentos educativos essenciais para a construção da autonomia e do sujeito que se arrisca a acertar e/ou errar no percurso de aprender.

Para bem ensinar, necessitamos nos dispor ao outro que é nosso aluno, percebê-lo, caminhar com ele, estar junto. Tão importante quanto conhecer o conteúdo que se ensina, é saber o como se pode ensinar e prestar atenção no clima e no tom em que essas aprendizagens acontecem.

Aprender é um processo

(...) individual e coletivo, com conexões entre o que se sabe o que não se sabe, de história pessoal e de grupo, falta e desejo, qualidade da comunicação, natureza do contexto, níveis de relação, deve gerar instrumentos para mudar o contexto e o sujeito – cérebro e funções. (GAE, 2009)[3]

A sala de aula é o espaço privilegiado em que as aprendizagens podem acontecer de forma mais organizada. Dito de outra forma, o que a vida ensina por meio da experimentação e livre reflexão, a escola tem a oportunidade de organizar e sistematizar, tornando essas experiências conhecimento e instrumento do bem viver.

Sobretudo, a sala de aula deveria ser um local de compartilhamento de ideias e de formas diferentes de entender o mundo. Um espaço mágico cujas diferenças se encontrassem nos objetivos comuns – construir os instrumentos necessários à inclusão social. Um lugar encantado em que se encontrassem pessoas com o objetivo de juntas aprenderem a bem viver e conviver.

E o que a Psicopedagogia tem a ver com isso?

O sujeito que aprende é objeto de estudo, de pesquisas e de trabalho da psicopedagogia. Interessa aos psicopedagogos investigar as diferentes formas de aprender de cada sujeito e as causas pelo qual ele não aprende. O psicopedagogo investiga e conhece os motivos, as dinâmicas favoráveis às aprendizagens e, sobretudo, preocupa-se em promover para cada aprendiz a inalienável oportunidade de escolarizar-se e de aprender. ■

1 - ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. P.31
2 - BARBOSA, Laura. In: Diversidade na Aprendizagem – A psicopedagogia agregando formadores. São José dos campos: Pulso, 2008.
3 - Grupo de Pesquisa: Aprendizagem e Conhecimento na Ação Educativa da PUCPR, 2009.

Foto: Sonia Kuster

Isabel Parolin é Pedagoga, Psicopedagoga e Mestre em Psicologia da Educação. Professora em cursos de Pós-graduação na área da Aprendizagem. Membro do grupo de pesquisa Aprendizagem e Conhecimento na Ação Educativa da PUC-PR. Autora de *Pais Educadores – Quem tem tempo de Educar?* (Editora Mediação) e *Aprendendo Sempre! Em casa e na Escola* (com Vicente A. Ferreira, Editora Pulso). Organizadora e co-autora de *Sou Professor: A Formação do Professor Formador* (Editora Positivo).
Contato: www.isabelparolin.com.br

A INTELIGÊNCIA DA AFETIVIDADE:

A COMPLEXIDADE, O PENSAMENTO ECOSSISTÊMICO E A TRANSDISCIPLINARIDADE COMO NUTRIDORES DA HUMANIDADE DO HUMANO[i].

Por Maria Dolores Fortes Alves

"Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto." Paulo Freire

Ilustração: Hugo Leonardo
Fotos: Aimir Cândido

As reflexões aqui apresentadas têm como objetivo demonstrar que a afetividade é uma importante fronteira não só para o desenvolvimento da inteligência, mas, sobretudo, para o desenvolvimento da sabedoria, de valores humanos e uma ética da vida, de uma cidadania planetária na qual faz-se possível a manutenção da vida humana na terra em cooperação com todos os outros seres. Deseja-se demonstrar brevemente, como a afetividade se articula na cognocência, na construção do conhecimento e como o pensamento ecossistêmico e a transdisciplinaridade são colaboradores deste processo na luta contra a corrosão dos valores humanos, da falta de caráter impregnada pela busca do poder acima de qualquer coisa, inclusive da vida.

O conceito de inteligência em muitos dicionários, entre eles o Aurélio, é definido como faculdade de entender, pensar e interpretar; intelecto; compreensão, conhecimento profundo; a capacidade mental de resolver problemas, raciocinar, planejar, abstrair ideias, compreender ideias e linguagens e aprender. Varias são as definições dadas.

Conforme Goleman (1995)[ii], sabendo-se que a maioria das situações de trabalho é envolvida por relacionamentos entre as pessoas, deduz-se que pessoas com qualidades de relacionamento humano, como afabilidade, compreensão, gentileza têm maiores chances de obter o sucesso. Assim, este autor apresenta-nos a inteligência emocional como maior responsável pelo sucesso ou insucesso das pessoas. Enfatiza a importância da inteligência emocional para que haja maior coerência na ação humana.

O acolhimento: abracemos uns aos outros e voemos cada vez mais alto...tornemo-nos cada vez maiores...sejamos cosmos...

No contexto biológico, Maturana e Varela (1995)[iii] partem da premissa de que os seres humanos pertencem a uma espécie de primatas bípedes que insurgem centrados na "conservação" de um modo de "conviver amoroso", num contexto de prazer e bem estar. Trazem consigo a cooperação, a ternura, a sexualidade e o companheirismo.

Para os físicos David Böhm e Gary Zukav (*apud.* MORAES e TORRE, 2004)[iv] cada palavra que pronunciamos contém energia e toda intenção põe energia em movimento. Logo, imagens, sons, cores, cheiros criam no cérebro e no SNC um campo energético e vibracional que impulsionam ou segregam determinados tipos de fluxos de energia e substâncias químicas (neurotransmissores) que circulam no organismo vivo. Portanto, existem emoções que favorecem ou restringem o campo das operações facilitando ou inibindo o domínio da ação, pensamento e reflexão, podendo encorajar-nos para superar desafios ou aprisionar-nos no medo.

Segundo Maturana e Rezepka (2000)[v], educar é um fenômeno holístico com implicações biológicas e ambientais que reverberam em todas as dimensões do humano (mente, corpo, espírito). Educar é configurar espaços de convivência que permitam o enriquecimento da capacidade de ação e reflexão do ser aprendente. É favorecer com que o outro cumpra a finalidade de sua existência formando-se e formando nos caminhos do amor, da compreensão, da solidariedade... (MORAES e TORRE, *ibid*)

Afetividade.

Cunha (2008)[vi] diz-nos que a afetividade é necessária na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca. No ambiente escolar o educador é um facilitador na aquisição, produção, construção do conhecimento. Para tal, é importante aproximar-se do aluno, saber ouvi-lo, valorizá-lo e acreditar nele, dando abertura para a expressão. O carinho e a amorosidade também fazem parte desta trajetória.

O olhar do professor para o seu aluno é indispensável para a construção e sucesso da sua aprendizagem. Através do olhar e escuta sensível, do afeto, o professor auxiliará na formação do psiquismo do educando; possibilitará a comunicação, o desenvolvimento de aprendizagens e expressão criativa e será primoroso para ressignificação de vínculos negativos. Pelo *olhar* do outro, a criança adquire condições de perceber-se como criadora de sua própria história de vida de modo ativo e interativo, tomará consciência das suas ações, reestruturará hipóteses, tornar-se-á autor de si-mesmo.

Como nos diz Brandão (2005 *apud* ALVES, 2009[viii]), somente compreendemos quando amamos e aquilo que verdadeiramente podemos amar porque apenas o amor e os sentimentos que derivam dele favorecem o diálogo entre o sentimento e a inteligência, tornando a sensibilidade humana ilimitada à nossa capacidade de conhecer e compreender.

O trabalho pedagógico mais importante do educador não é ensinar tecnicamente o que sabe, mas criar cenários de respeito pleno pelo outro, favorecendo contextos interativos de aceitação sem limites das diferenças. Sendo um convite fraterno ao trabalho de criação partilhada, plena de amor e sabedoria, em que todos se sintam determinados a conviver-e-saber. Brandão (2005, *p. 100*)[viii].

Pensamento ecossistêmico, caminhos para coerência interna.

Moraes(2005)[ix], ao analisar os desafios da Educação no mundo globalizado, propõe o paradigma construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente como ponto de partida para se repensar a práxis educativa. O novo paradigma sugere que a escola privilegie as relações, dando maior importância ao processo, à autorrealização, à autoestima. Conforme esta autora é importante que a escola promova o desenvolvimento das várias faculdades (e não apenas a intelectual) do aluno. É preciso que o indivíduo perceba o outro como extensão de si mesmo. Perceba que estamos numa jornada individual e coletiva que requer o desenvolvimento de uma consciência ecológica, relacional, pluralista, interdisciplinar, sistêmica, trazendo-nos maior abertura e uma nova visão da realidade a ser transformada. Que este novo olhar seja fundamentado na consciência da inter-relação e da interdependência essenciais que há em meio a todos os fenômenos da natureza. *"Uma educação que favoreça a busca de diferentes alternativas que ajudem as pessoas a aprender a viver e a conviver, a criar um mundo de paz, harmonia, solidariedade, fraternidade e compaixão."* (MORAES, 2005, p. 27) Formar indivíduos menos egoístas resgatando o ser humano como um todo, visando, portanto, humanizar as relações sociais.

Transdisciplinaridade. A inteligência da alma. Abertura ao novo, aos diversos níveis de realidade, o ser como um todo.

Complexidade dos fenômenos se traduz por Edgar Morin (1997)[x] naquilo que é tecido em conjunto. Segundo este autor, reconhecer a complexidade intrínseca aos fenômenos é reconhecer a tessitura da vida. A interdependência é um princípio que alimenta a vida nesse planeta. Rejeitar a interdependência entre Ciência e Cultura (ação do humano no mundo) significa negar o sujeito, desvanecendo o sentido da vida. A transdisciplinaridade é a dissolução dos discursos homogeneizantes na ciência e na cultura.

O predomínio da disciplinaridade arraigou os conhecimentos específicos e produziu condições ao desenvolvimento das ciências e ao avanço tecnológico que hoje usufrutamos. Contudo, refletindo sobre o rumo da humanidade regido pelas ciências disciplinares, iremos perceber muitas vezes o aspecto desumano e a miopia do modo de pensar disciplinar. Nicolescu (1999)[xi]. A história humana está repleta dessa miopia egocêntrica. Por exemplo, temos fenômenos de crianças jogadas por janelas ou em latas de lixo, seres humanos que vivem disputando restos com abutres, comendo o que outros jogam

no lixo, em contrapartida de outros que inflam seu ego pelo consumo desenfreado. Questionamo-nos: as diferentes raças e culturas não têm o mesmo direito de habitar o planeta terra e equanimente viver? Desfrutar um pão, frutos que nascem da terra, um teto que acolhe, não é direito de todos? Não é de responsabilidade da geração humana preservar o planeta para as gerações futuras para que todos tenham água, para que todos tenham pão? Pensamos que sim. Assim, o movimento transdisciplinar busca a coesão do conhecimento para encontrar um significado para a existência da espécie humana, da vida e do Universo.

Sabemos que todos os saberes são igualmente importantes. Contudo, a transdisciplinaridade, hoje, vem sugerir a superação da mentalidade fragmentária, incentivando conexões e criando uma visão contextualizada e articulada do conhecimento, da vida e do mundo. Ela infringe as fronteiras epistemológicas de cada ciência disciplinar e constrói um novo conhecimento "através" das ciências (NICOLESCU, *ibid*). A Transdisciplinaridade propõe-nos um conhecimento integrado em função da humanidade, resgatando as relações de interdependência, pois a vida constitui-se em relações cultivadas pelo indivíduo com o meio ambiente. Traz-nos a compreensão de que valores humanos como solidariedade, não-violência, amorosidade, compaixão, coerência interna são eixos norteadores de uma educação onde haja maior harmonia na relação do homem com a natureza.

Presumimos que, fixados em pensamentos fragmentadores, muitas posturas que o educador adquirira para ensinar a cuidar da vida planetária também foram e serão igualmente fragmentadoras, dualísticas, desarmônicas. Enquanto mutilarmos a autoria, a possibilidade de sincronia, o *religare* (religar), do sentir-se parte do Todo não haverá verdadeira mudança de postura para os cuidados com a natureza e com o outro. Quem se sente mutilado, fragmentado, reduzido, desconexo, ferido, não encontra razões para unir, não aprendeu o sentido do *religare*, da união harmoniosa com todos os seres cósmicos. Alves (2008)[xii]. Acolhamo-nos todos. Acolhamos o Todo!

> *Mais do que ensinar a ler, escrever, explicar matemática e outras matérias, é preciso ouvir os apelos silenciosos que ecoam na alma do educando. Do mesmo jeito, mais que avaliar provas e dar notas, é importante ensinar com amor, mostrando que sempre é possível fazer a diferença.* (Gandhi)

O educando precisa de espaço para criação, de referenciais humanos amorosos que lhe transmitam valores de paz, amor, não-violência, cooperação, coragem para não esmorecer diante dos obstáculos. Precisa de referenciais que lhe mostrem o valor de sonhar e acreditar que após a tempestade virá a calmaria, que no final do arco-íris ou atrás da montanha pode haver um barril e tesouros - tesouros da alma. Ou mesmo, se não houver, que aprendam a apreciar as flores e a relva do caminho, o sabor de um carinho, a força da gratidão, a luz do coração. ■

Referências bibliográficas

[i] - MORIN, Edgard. O método: V *A humanidade da humanidade*: A identidade e humanas, Porto Alegre: Sulina, 2002.

[ii] - GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*: a teoria revolucionaria que redefine o que e ser inteligente; trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

[iii] - MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. . *A árvore do conhecimento*: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas, SP. Editorial Psy II, 1995.

[iv] - MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. *Sentipensar*: Fundamentos e Estratégias para Reencantar a Educação. Vozes, 2004.

[v] - MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. de. *Formação humana e capacitação*. Petrópolis: Vozes, 2000.

[vi] - CUNHA, Antonio Eugênio. *Afeto e aprendizagem* - Relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: WAK, 2008.

[vii] - ALVES, Maria Dolores Fortes. *Favorecendo a Inclusão pelos caminhos do coração*: complexidade, pensamento eco-sistêmico e transdisciplinaridade. Rio de Janeiro, WAK, 2009.

[viii] - BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Aprender o Amor*. Sobre um afeto que se ensina a viver. São Paulo: Papirus, 2005.

[ix] - MORAES, Maria Cândida. *O Paradigma Educacional Emergente*. 11 ed. São Paulo: Papirus, 2005.

[x] - MORIN, Edgard. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

[xi] - NICOLESCU, Basarab.(a) *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.

[xii] - ALVES, Maria Dolores Fortes. *O vôo da águia: uma autobiografia* - Maria, Maria, da dor ao dom, a força, a luz e a magia. Rio de Janeiro: WAK, 2008.

Foto: João Beauclair

Maria Dolores Fortes Alves é Doutoranda e Mestre em Educação: Currículo pela PUC/SP, Mestre em Psicopedagogia pela UNISA, Pós-graduada em Distúrbios de Aprendizagem pela UBA (Universidade de Buenos Aires), graduada em Pedagogia pela UNISA. Atualmente é docente (eventual e convidada) em cursos de pós-graduação na UNASP, UNIFESP, e efetiva da rede pública estadual de São Paulo. É autora de *De Professor a Educador: Contribuições da Psicopedagogia: ressignificar valores e despertar autoria, O Vôo da águia: uma autobiografia* **e** *Favorecendo a Inclusão pelos caminhos do coração: complexidade, pensamento eco-sistêmico e transdisciplinaridade* **(Editora WAK).**

Site pessoal: www.edupsicotrans.net

Relação do teatro com a efervescência juvenil: uma contribuição na formação do sujeito reflexivo

Ilustração: Hugo Leonardo

Por Patrícia Gusmão Maciel*

A arte na educação afeta a invenção, inovação e difusão de novas ideias e tecnologias, encorajando um meio ambiente institucional inovado e inovador. (...) Em geral a ideia é que povo educado atrapalha porque aprende a pensar, a analisar, a julgar. Fica mais difícil manipular um povo pensante.

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa

Ao longo da história da humanidade, o ser humano manifestou a necessidade de expressar-se das mais variadas formas para ser compreendido e aceito na sociedade. Uma dessas formas de expressão, artisticamente falando, foi o teatro.

A apreciação e execução do fazer teatral mostrou-se presente na Grécia Antiga, como nos traz Aristóteles na sua obra "Poética". Passa por Roma, onde o teatro é inspirado nos moldes gregos, mas não tem os mesmos propósitos que tinha na Grécia, onde, entre outros, era valorizado pelo seu efeito catártico. Já no período medieval, as obras teatrais sofreram um desaparecimento em função do domínio da Igreja. Por esta época começa a surgir o teatro religioso, que busca uma espécie de educação moral cristã através de peças teatrais. Na sequência histórica nos deparamos com a Commedia Dell'Arte na Itália, o teatro inglês de William Shakespeare, o teatro francês de Molière, Racine e Corneille no século XVII. Já no século XX, surge o teatro naturalista de Stanislavski, o teatro épico de Bertold Brecht, mais recentemente o teatro antropológico de Grotowski, Eugênio Barba, e o teatro pós-moderno de Peter Brook.

O teatro, durante a sua trajetória, contribuiu para o desenvolvimento do caráter estético e reflexivo a respeito do próprio homem: sua vida, seus anseios, sua relação com a sociedade em que vive, suas concepções artísticas e históricas, colaborando para a formação do sujeito culturalizado e dinâmico, enquanto entendedor da sua posição dentro de determinado grupo. A atividade teatral terá importância artística e social em vários momentos da vida humana, desde a infância, que vivencia o teatro através do lúdico, facilitando o desenvolvimento psicomotor e dos jogos dramáticos, experienciando situações "ilusórias", que não são as suas cotidianas, até a fase adulta, que se permite participar de uma história que é contada por atores e que não é real, mas muitas vezes serve de material de reflexão e de renovação dos pontos de vista.

Considerando a importância de um conhecimento consistente sobre teatro para a contribuição do desenvolvimento reflexivo do sujeito, questiono sobre a lacuna existente em relação ao teatro voltado para os jovens, principalmente no âmbito escolar, que é o formador de cidadãos teoricamente aptos a exercerem um posicionamento dentro da sociedade de reflexão, crítica e de construção de soluções, além da necessidade deste aprender outras linguagens para além da escrita. Estética e socialmente falando: onde está a atenção ao jovem para o desenvolvimento da sua compreensão artística dentro da escola?

Características da adolescência

Segundo Knobel (1981), o termo *adolescência* vem do latim *ad*= a + *olescere* (olere)= crescer, significando condição ou processo de crescimento. Esse processo é compreendido entre a puberdade e o completo desenvolvimento do corpo, que acontece geralmente entre os 12 e 21 anos. Existe uma série de características que permeiam essa fase, entre elas podemos citar algumas, tais como: a busca de si mesmo e da identidade; a tendência grupal; a evolução sexual manifesta; a separação progressiva dos pais, e as constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.

A adolescência é um momento de transformações mil, possibilitando ao jovem o desenvolvimento da sua criatividade.

Nesse momento também desenvolve-se nele o chamado pensamento formal, que dá a oportunidade de raciocinar sobre hipóteses e elaborar conclusões a partir delas. Não é à toa que, neste período, o jovem tenha todas as soluções para os problemas do mundo, mas não tem a solução simples para os seus problemas cotidianos. É interessante perceber nesta fase a tendência à impulsividade, além de uma espécie de caos e desorganização que faz parte da vida dele, promovendo a criatividade que, aos poucos, vai tomando forma e produtividade. Outeiral (2003,p.30), no seu livro *Adolescer*, diz que *"a criatividade na adolescência articula-se necessariamente com a noção de limites". Neste caso, limite "significa a criação de um espaço (e um tempo) protegido, dentro do qual o adolescente poderá exercer sua espontaneidade e criatividade sem receio e riscos, tanto para si quanto para os outros".*

Que lugar melhor poderia desempenhar este papel que a escola e o estudo das artes?

A Escola e o teatro em sintonia com o jovem em formação

É imprescindível na constituição desse sujeito em desenvolvimento, tanto biológico quanto social que é o jovem, a atenção e a educação em arte através da escola. Podemos observar dessa relação do jovem com o teatro várias possibilidades, entre elas: compartilhar descobertas, ideias, sentimentos, observando diversos pontos de vista; o desenvolvimento da socialização;a ampliação da capacidade de dialogar, negociar; o desenvolvimento do conheci-mento teórico e prático a respeito da arte, e o desenvolvimento de atitude crítica e reflexiva.

Quando falamos sobre a educação artística que acontece hoje dentro da escola, sabemos que a teoria contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ainda não é cumprida na maioria das escolas; na prática, as aulas de artes não são aproveitadas na medida em que deveriam ser, ainda servindo de horário recreativo para os alunos, sem o devido aprofundamento a respeito das artes. Acredito que seja em função de uma desvalorização da função artística dentro da nossa sociedade, como, por exemplo, acreditar que não se vive de arte, que arte não dá dinheiro. Nada mais natural que o aluno, principalmente o jovem, sinta-se entediado e desinteressado sobre a arte em geral. O ensino de teatro na escola desperta e estimula no jovem a curiosidade sobre o fazer teatral, a sensibilidade para conhecer e criticar uma peça de teatro, tornando-o um adulto mais consciente a respeito da importância das formas artísticas. Barbosa (1991), pesquisadora na área das artes e educação, nos diz que

> A arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, o fruidor, o decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público.

Vigotski (2001), na sua obra *Psicologia Pedagógica*, no capítulo que fala sobre educação estética, vai nos dizer, como Barbosa, que é de extrema importância o conhecimento técnico desta ou daquela arte para que ela seja compreendida até o fim, pois é impossível esta compreensão sendo totalmente alheio à sua linguagem. E completa dizendo que este conhecimento técnico deve fazer parte sim do sistema educacional, *"e neste sentido agem de forma integralmente pedagógica aquelas escolas nas quais o domínio da técnica de cada arte se torna condição indispensável na formação"* (Vigotski, 2001,p.350).

Quando refleti sobre a metodologia a ser utilizada no ensino das artes na escola, chamou-me muito a atenção a chamada ***metodologia triangular***, denominada assim por Barbosa (1991),

no seu livro *A Imagem no Ensino da Arte*. Ela diz que o ensino da arte deve partir de três eixos principais: A História da Arte, a leitura da obra de Arte e o fazer artístico. Se formos pensar nesta metodologia para o ensino de teatro na escola, ela faz muito sentido, pois nada impede que o jovem saiba a origem do teatro, sua evolução pela história da humanidade, as suas ligações com a história, com a literatura, com a biologia quando trata do corpo do ator (aí se encontra a real interdisciplinaridade), suas técnicas, oferecendo ferramentas para que ele possa então, de forma crítica e reflexiva, fazer a leitura de uma peça teatral, e finalmente, através do fazer artístico, exercitar seu conhecimento sobre teatro através da atuação e dos jogos dramáticos, possibilitando a interação do jovem com a sociedade.

É fascinante quando olhamos para uma obra de arte e ela nos toca, nos provoca, nos emociona, mas decididamente precisamos de instrumentos que nos permitam olhar esta obra de arte e ter condição de alcançá-la. Vigotski (2001), em um trecho do seu livro, nos traz o seguinte posicionamento:

> Uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos, a generalizar e unificar fatos amiúde inteiramente dispersos. É que, como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento. Muitos comparam corretamente a obra de arte a uma bateria ou acumulador de energia, que a dispende posteriormente. De forma idêntica, toda vivência poética parece acumular energia para futuras ações, dá a essas ações um novo sentido e leva a ver o mundo com novos olhos.

O educador em teatro tem muito trabalho pela frente. Um trabalho cheio de boas sementes que, se plantadas com o devido cuidado, só frutificarão. O teatro, na vida do jovem, traz uma série de possibilidades que vão muito além do mero conhecedor de arte, como o sujeito atento aos acontecimentos sociais e políticos, participativo, crítico, preocupado em construir leis mais justas e coerentes, enfim, um cidadão comprometido com a sociedade onde vive. ■

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A Imagem no ensino da arte*: Anos oitenta e novos tempos. Ed. Perspectiva. SP. 1991

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Teoria e prática da Educação Artística*. Ed. Cultrix. SP. 1978

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/ Se-cretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/ SEF. 1998

KNOBEL, Maurício e ABERASTURY, Arminda. *Adolescência Normal*: Um enfoque Psicanalítico. Ed. Artmed. RS. 1981

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. Ed. Perspectiva. SP. 1999

ROUBINE, Jean- Jacques. *Teorias do Teatro*. Ed. Zahar. RJ. 2003

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. *Dicionário de Teatro*. Ed. L&PM. RS. 1987

VIGOTSKI, L.S., *Psicologia Pedagógica*. Ed. Martins Fontes. SP. 2001

*Este artigo foi orientado pelo Prof. Dr. João Pedro Alcantara Gil, professor da disciplina Fundamentos do Ensino do Teatro da UFRGS.

Foto: Luiza Herter

Patrícia Gusmão Maciel é aluna do curso de licenciatura em teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista do programa de extensão da Universidade.

E-mail: patricia.maciel1@bol.com.br

O corpo em movimento e a aprendizagem dos bebês

Por Rosa Maria de Freitas Rogerio

Ilustração: Hugo Leonardo
Fotos: Almir Cândido

Se nós adultos temos dificuldades em aprender a dirigir um automóvel, imaginem a complexidade da tarefa de aprender a dirigir o corpo humano.
André Trindade

O corpo é o nosso referencial mais imediato e concreto. Operar um computador, dirigir carro, jogar futebol, dançar, fazer amor, enfim toda e qualquer iniciativa em toda e qualquer direção parte, invariavelmente, do próprio corpo.
Maria Helena Imbassaí

As aprendizagens que podem ser promovidas na Educação Infantil dizem respeito ao conhecimento e cuidado de si, do outro, do ambiente; ao brincar, ao imaginar; ao desenvolvimento da linguagem verbal e corporal; ao conhecimento da natureza e da cultura; ao conhecimento matemático e à expressividade das linguagens artísticas. Dentre essas aprendizagens a linguagem corporal merece destaque porque é a primeira linguagem que o bebê utiliza para conhecer o mundo que o rodeia e para se relacionar com ele.

A linguagem corporal está diretamente vinculada ao movimento do corpo. Aos poucos o bebê toma consciência do seu corpo e das possibilidades de interagir com o ambiente e com as pessoas através dele. O ato motor assume papel essencial para o desenvolvimento e para a aprendizagem do bebê. O movimento

> *não é apenas uma forma da percepção, mas é a primeira percepção para o aprendizado, isto é, tem um papel importante em estabelecer um suporte para nossos conceitos ou processos de percepção. Esse processo primário, ou primeiro, da percepção então incorpora-se no desenvolvimento de outras formas e desdobramentos da percepção* (SCHÜLLER, p. 229).

Desde os primeiros agrupamentos humanos, na pré-história, o uso do corpo como forma de se comunicar e de explorar o ambiente foi imprescindível para o desenvolvimento da espécie humana. As ferramentas eram poucas ou quase inexistentes, por isso o homem primitivo precisou utilizar a destreza de movimentar o seu corpo para aprender a sobreviver e para conhecer o meio em que vivia. Sobre isso, Wallon (WALLON, 2007, p. 127) coloca que *dentre as maneiras que o ser vivo tem de reagir ao meio, o movimento é o que deve aos progressos de sua organização no reino animal e no homem uma eficácia e uma preponderância* sem precedentes na história. Esse mesmo autor diz que o movimento começa desde a vida fetal e que a mãe só consegue perceber *esses deslocamentos* ativos do bebê por volta do quarto mês.

A entrada do bebê por volta dos quatro meses de idade[1] na instituição de Educação Infantil conduz nossa atenção para a importância de se promover um trabalho pedagógico adequado ao bom desenvolvimento motor da criança.

A primeira forma de o bebê conhecer o mundo que o cerca e se relacionar com ele é através do movimento do seu corpo. Sobre isso o especialista em desenvolvimento psicomotor André Trindade coloca que *para a criança, as informações obtidas pelo corpo em movimento são de máxima importância na construção de sua individualidade* (TRINDADE, Summus, 2007, p. 37). Ao nascer, a criança se movimenta por atos reflexos ou por instinto. Sendo assim, ela vai precisar

> *percorrer um caminho de aprendizagem na interação com os outros e com o mundo para ampliar suas possibilidades de movimento, partindo das reações reflexas rumo ao domínio intencional de um sistema complexo de coordenação de gestos e percepções. Assim, progressivamente a criança é capaz de obter, por meio do ato motor, aquilo que deseja alcançar, segurar ou levar à boca. O ato motor também passa a integrar um sistema compartilhado de símbolos, possibilitando a expressão de um desejo, ou de um medo, por meio de gestos (SÃO PAULO, 2007, p. 61).*

Diante disso, a tarefa do professor da primeira infância não

é nada simples. Primeiro porque a formação para trabalhar com a faixa etária dos zero aos dois anos ainda é muito deficitária na maioria dos cursos de ensino médio – na modalidade normal – e do ensino superior – nas diversas modalidades de formação de professor. Segundo porque a infraestrutura da maioria dos prédios das instituições de Educação Infantil não apresenta espaços apropriados que garantam qualidade e segurança para o trabalho com essa faixa etária.

Para estimular o desenvolvimento do ato motor do bebê o professor precisa saber que *conhecer o corpo abrange o trabalho em diferentes áreas, além da área corporal, tais como as ciências, que investem no corpo humano como objeto de conhecimento, e as artes, que trazem diferentes modos de expressão e representação do corpo* (SÃO PAULO, 2007, p. 61). A motricidade está na base do desenvolvimento infantil para vários autores, entre eles podemos citar Gardner (2002), Piaget (1983), Wallon (2007) e Trindade (2007).

A relação do bebê a partir do movimento do seu corpo com o seu contexto sociocultural é fator determinante para sua aprendizagem. O bebê aprende a se relacionar com o mundo, com os adultos, com suas necessidades; aprende a esboçar vontades e desejos; aprende a significar a realidade que o cerca; aprende a fazer manha; aprende a sorrir; aprende a ser humano. O bebê se desenvolve e passa a conhecer as possibilidades do seu próprio corpo, aprende a controlá-lo e a utilizá-lo. Trindade (2007, p. 61) diz que *cada etapa alcançada no corpo representará uma conquista no plano comportamental.*

Há autores que descrevem fases do desenvolvimento motor da criança atreladas a determinada idade. Essas fases podem servir como informação importante para o estudo do professor e para o planejamento de atividades, mas não devem ser consideradas como 'aplicáveis' a toda e qualquer criança, visto que cada bebê apresenta seu ritmo próprio de desenvolvimento.

Mesmo apresentando ritmo próprio, o bebê de quatro meses que chega à instituição de Educação Infantil, na maioria das vezes, já é

> *capaz de controlar seus movimentos com mais autonomia. A luta contra a força da gravidade ganha uma nova etapa. Agora ela é capaz de afastar-se do solo empurrando os antebraços. A cabeça pode girar para todos os lados, ao passo que os braços serão responsáveis pela manutenção da posição. Iniciam-se os movimentos de rastejar. Alguns bebês rastejam para a frente, enquanto outros rastejam para trás. Uma vez conquistada a capacidade de empurrar os braços contra o solo, o bebê se utilizará da lateralidade do corpo e, impulsionando o chão com um braço, fará seu corpo girar para o lado oposto. Inicia-se o rolamento* (TRINDADE, 2007, p. 70).

Diante disso, cabe aos professores e aos gestores das instituições de Educação Infantil organizar o ambiente para que o bebê seja desafiado a explorá-lo e a ampliar suas competências motoras. Como o desenvolvimento do bebê não pode ser dividido em áreas do conhecimento isoladas e sim trabalhado em contextos significativos de aprendizagem, o ambiente que vai estimular o bebê do ponto de vista motor, também precisa ser estimulante do ponto de vista das sensações, da cognição e da imaginação. É possível organizar o ambiente de forma estimulante utilizando materiais de fácil aquisição, como cordas, bexigas, tecidos, almofadas, pneus, placas de emborrachado atóxico (EVA), bambolês, etc.

Uma questão que precisa ser levada em consideração na hora de organizar o ambiente é que a criança precisa explorar o chão para desenvolver e ampliar suas competências motoras. O ideal é que o piso dos ambientes ofereça segurança para a exploração dos bebês. Se isso não acontecer os professores podem forrar um espaço com placas de EVA, pois essas não escorregam no piso e garantem conforto e segurança e podem ser lavadas. Numa superfície de cerca de 10m2 forrados com placas de EVA, vários objetos podem ser dispostos para que os bebês possam explorá-los com seu corpo.

O professor pode criar uma 'barreira' com almofadas ou travesseiros coloridos para que o bebê possa se deslocar até ela e possa subir nela, chegar do outro lado, passar por baixo, desmanchá-la com o movimento do seu corpo, etc. Um bambolê pendurado a uma altura próxima do teto pode conter diversas tiras de tecidos coloridos amarradas a ele e que proporcionam uma espécie de cortina circular que pode ser tocada e manuseada pelo bebê. Essa cortina costuma chamar muito a atenção das crianças pequenas. Bexigas decoradas e

penduradas a uma altura próxima dos bebês também estimulam os pequenos a quererem se deslocar até elas e tocá-las.

Além do material de fácil aquisição, há ainda brinquedos desenvolvidos especialmente para a estimulação da criança como pirâmides de plástico que trazem obstáculos seguros para a exploração dos bebês, castelinhos com rampas, escorregadores, tapetes com diversos tipos de 'penduricalhos' coloridos, etc.

Por volta do sexto mês o bebê já é capaz de sentar-se com a ajuda do adulto e de um apoio e, depois, por conta própria. Um ambiente estimulante ajuda o bebê a querer explorá-lo e a adquirir outras competências motoras. Conheci casos de crianças de seis meses ou mais que chegaram à instituição de Educação Infantil sem esboçar nenhum movimento autônomo, apenas movimento reflexo. Conversando com os responsáveis sobre o dia a dia dos bebês em casa, alguns relataram que deixavam seus filhos no berço e na cadeirinha ou carrinho com cinto de segurança a maior parte do tempo. Esses pais não ofereciam estímulos naturais ao desenvolvimento motor de seus filhos em nome da segurança dos mesmos.

Há casos de instituições de Educação Infantil onde os bebês permanecem um bom tempo do dia em cercados ou berços por falta de outro espaço seguro para acomodá-los. A segurança do bebê precisa ser item primordial na elaboração de qualquer atividade por parte dos professores, mas estes precisam buscar alternativas para esses dilemas do dia a dia que dificultam o desenvolvimento motor da criança. Por outro lado, há instituições que aboliram berços e cercados, inclusive para a hora do descanso. As crianças dormem em colchonetes ou colchões dispostos ao longo da sala e não convivem com esses tipos de móveis.

Ao conhecer melhor seu próprio corpo, o bebê se expressa e interage com o mundo através do movimento. O ato motor é peça fundamental para o desenvolvimento e para as aprendizagens do bebê. O professor precisa entender e interpretar os gestos e a linguagem corporal dos bebês para avaliar sua prática pedagógica e (re)elaborar atividades que possibilitem novos desafios para eles. Esses desafios podem ajudar o aprimoramento de movimentos básicos como erguer a cabeça, rolar, sentar, apoiar, rastejar, engatinhar; pegar e largar objetos, levá-los à boca, etc. As brincadeiras

> *que envolvem o toque entre as crianças, as práticas de massagem, as atividades cotidianas de troca, banho, pegar no colo, são outros momentos privilegiados para a criança ampliar o conhecimento do próprio corpo, percebendo a pele como limite entre o eu e o mundo* (SÃO PAULO, 2007, p. 70).

Por volta do oitavo mês, muitos bebês se arrastam para se deslocarem no espaço e outros já começam a engatinhar. A partir dessa etapa e durante os próximos quatro meses a criança percorrerá um caminho que a levará a conquistar a posição ereta. *Do arrastar-se até o engatinhar, um grande trabalho motor ocorrerá, promovendo uma intensa atividade cerebral* (TRINDADE, 2007, p. 76).

Muitos adultos, incluindo aí pais e professores, querem ajudar a criança a andar mais rápido e acabam pulando etapas do desenvolvimento motor dela. Oferecer andador para um bebê é um grande equívoco, pois este instrumento não oferece ao bebê as reais condições do deslocamento de forma ereta pelo espaço. Outro equívoco que devemos corrigir

> *é o de segurar os braços das crianças esticados para cima e para trás quando a ajudamos em seus primeiros passos. Isso faz que o centro de equilíbrio do corpo do bebê desloque-se para a frente. Normalmente, nessas condições, a criança acaba correndo ao invés de andar ou passa a andar na ponta dos pés* (TRINDADE, 2007, p. 82).

A posição correta de oferecer apoio ao bebê durante a aprendizagem da marcha é aquela em que o adulto se abaixa confortavelmente e segura o bebê pelas mãos desde que estas estejam à frente do corpo da criança. Alguns adultos querem segurar a criança – durante o treino da marcha – pelos antebraços com medo de machucar seus punhos caso tenham que segurá-las fortemente para evitar uma queda ou algo do tipo. O correto é oferecer apoio ao bebê segurando-o pelas mãos e nunca pelos punhos ou antebraços porque o bebê está aprendendo a lidar com o equilíbrio de seu corpo na forma ereta. *A criança explora*

o espaço. Seu corpo tem de se adaptar às diferentes formas, aos obstáculos e às leis da matéria. Por meio da experiência motora, ela será capaz de criar conceitos sobre o mundo (TRINDADE, 2007, p. 91).

Quando o bebê aprende a andar, ele pode explorar desafios maiores oferecidos pelo espaço por meio de movimentos como correr, saltar, saltitar, pular, subir, chutar, equilibrar-se quando pára em pé, etc. Para além da aprendizagem do movimentar-se e de interagir com o mundo através do movimento, o bebê toma conhecimento do seu próprio corpo.

O uso de espelhos é um recurso importante para a criança se reconhecer e elaborar o referencial de sua própria imagem. Colocar fotos de diversas pessoas no espaço de convivência dos bebês e próximas aos espelhos também ajuda a criança a elaborar a imagem de si e dos outros. Além disso, brincadeiras cantadas que são acompanhadas por gestos que nomeiam partes do corpo são atividades criativas para a aprendizagem da criança. A dança também é uma atividade que pode ser realizada com os bebês. Através dela, eles ampliam suas possibilidades de movimentos e conquistam uma maior aprendizagem da linguagem corporal. *Dançar é trabalhar com transferência de apoios, com a percepção do peso, da direção, com micro e macromovimentos, com alteração de planos, de intenções, de intensidade* (CALAZANS, CASTILHO, GOMES, 2008, p. 34).

Os bebês e as crianças pequenas gostam muito de música e de dança. O professor, ao propor diferentes possibilidades do movimento por meio da dança, estimula as crianças a ampliarem *o domínio que têm do próprio corpo, permitindo não apenas seu uso competente nas várias ações cotidianas, mas também a vivência do corpo humano como um instrumento valioso de expressão artística* (SÃO PAULO, 2007, p. 63). Dançar, mover-se no espaço, alcançar o equilíbrio, saborear o movimento e as sensações produzidas por ele no corpo constituem momentos significativos de aprendizagem para os bebês que estão conhecendo seu corpo e o mundo.

A reflexão que tecemos até aqui nos orienta a continuar um trabalho pedagógico nas instituições de Educação Infantil que valorize a individualidade e o ritmo de cada bebê no que diz respeito ao seu desenvolvimento motor e às aprendizagens advindas através dele. Que o corpo em movimento do bebê lhe garanta experiências, vivências e muita aprendizagem sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo. ■

1 - Geralmente a licença maternidade dura quatro meses e muitas crianças já começam a frequentar uma instituição de educação infantil ao final dela.

Referências bibliográficas

CALAZANS, Julieta, CASTILHO, Jacyan, GOMES, Simone (coords). Dança e educação em movimento. São Paulo: Cortez, 2008.

GARDNER, Howard. Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, Jean. A epistemologia genética. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas. São Paulo: SME/DOT, 2007.

SCHÜLLER, Henrique. Organomáquina movimento-dança-educação. In: CALAZANS, Julieta, CASTILHO, Jacyan, GOMES, Simone (coords). Dança e educação em movimento. São Paulo: Cortez, 2008.

TRINDADE, Andre. Gestos de cuidado, gestos de amor: orientações sobre o desenvolvimento do bebê. São Paulo: Summus, 2007.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Foto: Geralda de Freitas Rogerio

Rosa Maria de Freitas Rogerio é Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP e Professora de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.
E-mail: rosarogerio@yahoo.com.br

Me vejo no que vejo

O OLHAR NA PRÁXIS EDUCATIVA PSICOPEDAGÓGICA

Autor: João Beauclair
Editora: Exclusiva Publicações
Preço: R$ 30,00
Páginas: 88
Com prefácio de Saturnino de La Torre e apresentação de Edimara de Lima.

O livro do psicopedagogo João Beauclair marca a estreia da Exclusiva Publicações, mesma empresa que edita a revista Direcional Educador, no segmento editorial de livros. O autor faz uso de recursos poéticos em um texto psicopedagógico, elaborando "um texto científico que contém o brilho e a arte da literatura", conforme Edimara de Lima. A partir do poema Blanco, de Octavio Paz, o autor propõe diversos olhares para a prática educativa psicopedagógica.

Compre já
(11)5573-8110
www.direcionalescolas.com.br

LIMITE:

ISTO É REALMENTE NECESSÁRIO?

Ilustração: Hugo Leonardo
Fotos: Almir Cândido

Por Alice Mattos Machado

"A falta de disciplina é um mal pior do que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo que não se pode abolir um estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina." (Kant, p.16).

A todo instante escutamos nos noticiários um bombardeio de histórias decorrentes de excessos humanos. Mas, o que está acontecendo para o surgimento de tanta atrocidade no mundo? Será que elas já existiam e não tínhamos acesso? Qual a causa desta terrível doença que assola cada dia mais as sociedades?

Muita polêmica, sem dúvida, se insere neste contexto de violência e daí a importância de se repensar nas regras, nos limites, nos valores.

Mas, o que são limites? De que forma a sociedade ou as instituições os estabelecem? Como as crianças e os adolescentes os adquirem ou de que forma desviam-se deles? Como aplicá-los? A violência que está nos noticiários diariamente passa por esta questão? Os pais ou a família têm responsabilidade sobre eles?

Num tempo não muito distante, ao homem cabia a responsabilidade do trabalho. Competia à mulher os cuidados com a casa e a educação dos filhos, educação esta que era baseada em valores sólidos, respeito mútuo e verdades únicas. Havia uma estruturação no ambiente familiar com regras "sustentadas".

Verdades e valores se perderam. Todo o respeito foi perdido. Não se sabe mais quem é a autoridade.

A globalização e os avanços tecnológicos trouxeram as informações com mais rapidez e mais precisão, fazendo com que, progressivamente, nos acostumássemos com as catástrofes, tanto as naturais quanto as humanas. Fomos, sem perceber, nos moldando a um novo paradigma onde o estímulo do consumo de uma sociedade capitalista fortalece a ideia de que o ter deve prevalecer ao ser.

Intermináveis são os questionamentos, reflexões e estudos relativos aos limites humanos. A sociedade está a cada momento clamando por eles. Os perdemos em todos os âmbitos: no familiar, no escolar, na ciência, nos territórios, nas fronteiras... Perdemos a capacidade de discernir o que de fato é relevante, de discernir até onde podemos ir, onde inicia um espaço que não é nosso, que é do outro.

Mas, quando devemos começar a dar limites a uma criança? Toda criança precisa de limites?

Ao pensar na criança fazemos uma associação imediata às suas características mais primárias: inocência, liberdade, pureza... Ao pensar na vida da criança com toda sua plenitude pensamos em crescimento, em desenvolvimento, em conquistas e aprendizagens dentro de todos os âmbitos que envolvem a complexidade humana.

Desde o nascimento, a conduta da criança é observada. Em meio à formação das suas estruturas cerebrais, a criança vai sendo moldada, influenciada, ao mesmo passo que também vai influenciando, interagindo sobre o outro e sobre o ambiente/contexto ao qual está inserida.

É inerente ao desenvolvimento infantil testar, experimentar, vivenciar. A criança, em geral, inicia estas habilidades no contexto familiar ou no ambiente onde convive com seus cuidadores. Utiliza-se de choramingos, birras e chiliques para manipular o outro e assim passa, gradativamente, a determinar as suas vontades, a invadir o espaço do outro, a perder a noção do "até onde deve ir".

Muitas vezes, o adulto se submete aos caprichos infantis, por diversos motivos, não dando conta de que, aos poucos, a criança assume o controle das situações. Dar limites não é tarefa fácil. Envolve sustentação de regras e combinados, envolve valores que permeiam o seio familiar, envolve afetividade, rigor, autoridade.

Os consultórios psicopedagógicos e psicológicos enumeram

os mais variados casos de conduta infantil inadequada. A criança sem limites não exercita seus sentimentos. Ódio, raiva, tristeza são sentimentos opostos ao amor, ao carinho, ao afeto e também precisam ser trabalhados, precisam ser equilibrados ao longo do desenvolvimento.

O não, recebido como resposta a um desejo imediatista da criança, a ajudará na reflexão de suas atitudes, permitindo que lide com a frustração e assim possa equilibrar seus sentimentos e emoções.

De forma simplória, buscamos uma causa para tais acontecimentos. Entretanto, diversos fatores podem ser determinantes ou estimulantes. Entre eles podemos destacar a incapacidade dos pais em lidar com a negação. Permissividade em excesso não ajuda a criança a refletir sobre seus limites e possibilidades, pelo contrário, a leva ao entendimento de que seus desejos e vontades serão sempre atendidos.

Grandes estudiosos do tema reforçam a necessidade de determinar limites à criança. É o respeito às regras e combinados que ajudará a criança a tornar-se um adulto bem inserido socialmente.

Os adultos devem servir de exemplo para as crianças. São constantemente observados pelos pequenos. Quantas vezes já não os vimos, em momentos lúdicos, repetirem expressões e comportamentos dos pais com a mesma entonação?

Os bons modos devem ser aprendidos no ambiente familiar: a postura ao sentar, o tom de voz ao falar, o hábito de pedir licença, a forma de comer, entre outros, são valores primordiais e devem ser cultivados e estimulados.

A criança que cumpre regras no ambiente em que vive, facilmente se adequará às regras do ambiente escolar ou outro. Dificilmente transgredirá seu comportamento com atitudes impulsivas ou agressivas.

O filósofo alemão Immanuel Kant (1724–1804), em sua obra *Sobre a Pedagogia*, oferece uma ampla reflexão a respeito da educação de crianças e adolescentes, tendo como base a formação integral do ser humano.

Acredita que só a disciplina tornará o indivíduo humanizado, civilizado. Entende que a criança precisa ter noção de limite, para que tenha noção de lei, e que, através da lei, possa inserir-se socialmente. Afinal, as leis regem as sociedades.

Faz ainda um paralelo entre a educação física e a educação prática. A primeira envolve os cuidados básicos de sobrevivência (alimentação, higiene...), a segunda, refere-se às ações do indivíduo (habilidades, prudência e moralidade) que são formadas a partir das orientações dadas pelos cuidadores.

O cumprimento de normas e regulamentos é assunto que nunca sairá de moda. Permeará sempre os limites da humanização. Já dizia Kant.(1786): *Entre as descobertas humanas há duas dificílimas, e são: a arte de governar os homens e a arte de educar.*

Foto: Eduardo Mattos Machado

Alice Mattos Machado é Pedagoga, Psicopedagoga, Neuropsicóloga em formação, Coordenadora do 1º. Ano do Ensino Fundamental do Colégio Antônio Vieira (Salvador - BA).
E-mail: alicemmachado@gmail.com

"ALFA, BETA, ÔMEGA"

(Ùltima Parte)

Por Cassiano Zeferino de Carvalho Neto e Maria Taís de Melo

Ilustração: Bno Moreira

Nota do Autor: nesta série de três artigos inter-relacionados, convidamos alguns pensadores para assentarem-se conosco, no sofá de nossa sala, e dialogarem a respeito de suas ideias principais, na perspectiva de algumas de nossas indagações fundamentais.

ÔMEGA

O papel da cultura e da linguagem na educação: dialogando com Bakhtin

Em cada meio social, as palavras e os gestos dos sujeitos são dotados de significados simbólicos. Desta forma se estabelece uma relação dinâmica entre o sujeito e a cultura.

Neste caminho que busca desvendar significados os diálogos têm um papel fundamental. Para Bakhtin (1990), o diálogo é entendido no sentido mais amplo do termo *"(...) não apenas a comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, mas em toda comunicação verbal de qualquer tipo, que seja" (BAKHTIN,1990:123).* Dois enunciados distantes um do outro no tempo e no espaço, quando confrontados em relação ao seu sentido, podem revelar relações dialógicas. Bakhtin afirma que o domínio do signo coincide com o domínio da ideologia, que estes são mutuamente correspondentes e que tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo.

Diante destas reflexões entende-se que na produção de conhecimento na área da educação há necessidade de se seguir um referencial que contemple o contexto histórico-cultural, pois os sujeitos constituem-se nas e pelas relações sociais, através da apropriação das significações de suas ações e inter-relações nos contextos onde estão inseridos. Estes conteúdos apropriados são resultantes de um processo de produção cultural.

Neste processo a linguagem tem um papel fundamental como instrumento de comunicação e transmissão de significações. Para Bakhtin (1990:66) *"A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das relações sociais. É assim que o psiquismo e a ideologia se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais".*

Cada época e cada grupo social têm seu próprio repertório de formas de discurso que funciona como um espelho que reflete e refrata o cotidiano. A palavra é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma dada sociedade se exprimem e se confrontam. O texto da criança coloca-nos frente a frente com o mundo tal qual idealizado e construído por nós, quer ser nos seus aspectos perversos ou estigmatizantes quer seja na sua dimensão crítica e transformadora da ordem estabelecida. Portanto escutar a criança é uma oportunidade de retomarmos, a partir do ângulo dela, um olhar crítico sobre o mal-estar de nossa cultura.

"As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios." (BAKHTIN, 1981:41)

Pensamento e Linguagem: Um convite para Vygotsky

Para Vygotsky o que ocorre no processo de ensino e aprendizagem não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre ser humano e o meio social e cultural que se insere.

Para o autor, as ideias são decorrência da interação do homem com a natureza e o conhecimento é determinado pela matéria, pela realidade objetiva. O homem faz parte da natureza e a recria em suas ideias, a partir de sua interação com ela. Sendo assim o desenvolvimento das funções psíquicas humanas (a produção de ideias, das representações, do pensamento, enfim da consciência) está intimamente relacionada à atividade material e ao intercâmbio entre os homens. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem.

A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie do sujeito, forma o funcionamento psicológico do homem.

O autor chama a atenção para o fato de que a escola, por oferecer conteúdos e desenvolver modalidades de pensamento bastante específicas tem um papel diferente e insubstituível, na apropriação pelo sujeito da experiência culturalmente acumulada. Ela representa o elemento imprescindível para a realização plena do desenvolvimento dos sujeitos (que vivem em sociedades escolarizadas) já que promove um modo mais sofisticado de analisar e generalizar os elementos da realidade: o pensamento conceitual.

Na escola, as atividades educativas, diferentes daquelas que ocorrem no cotidiano extra-escolar, são sistemáticas, têm uma intencionalidade deliberada e compromisso explícito (legitimado historicamente) em tornar acessível o conhecimento formalmente

organizado. Nesse contexto, as crianças são desafiadas a entender as bases dos sistemas de concepções científicas e a tomar consciência de seus próprios processos mentais.

Ao interagir com esses conhecimentos o ser humano se transforma: aprender a ler e a escrever, obter o domínio de formas complexas de cálculos, construírem significados a partir das informações descontextualizadas, ampliar seus conhecimentos, lidar com conceitos científicos hierarquicamente relacionados, são atividades extremamente importantes e complexas, que possibilitam novas formas de pensamento, de inserção e atuação em seu meio. Isto quer dizer que as atividades desenvolvidas e os conceitos aprendidos na escola introduzem novos modos de operação intelectual: abstrações e generalizações mais amplas acerca da realidade. Como consequência, na medida em que a criança expande seus conhecimentos, modifica sua relação cognitiva com o mundo.

A escola não deve se restringir a transmissão de conteúdos, mas principalmente, ensinar o aluno a pensar, ensinar formas de acesso à apropriação do conhecimento elaborado, de modo que a criança possa praticá-las automaticamente ao longo de sua vida, além de sua permanência na escola.

Para que a criança possa dominar conhecimentos é fundamental a mediação de sujeitos, sobretudo dos mais experientes de seu grupo cultural. Mas para que haja apropriação é necessário também que haja internalização, que implica na transformação dos processos externos (caracterizado nas atividades entre as pessoas), em um processo intrapsíquico (onde a atividade é reconstruída internamente). O longo caminho de desenvolvimento humano segue, portanto, a direção do social para o individual. Portanto, construir conhecimentos implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas.

A função do professor no contexto escolar é de extrema relevância, pois ele é o elemento mediador das interações entre os alunos e das crianças com os objetos de conhecimento.

Para que o professor possa intervir e planejar estratégias que permitam avanços, reestruturação e ampliação do conhecimento já estabelecido pelo grupo de alunos é necessário que conheça o nível efetivo das crianças, ou melhor, as suas descobertas, hipóteses, informações, crenças, opiniões, enfim, suas "teorias" acerca do mundo circundante. Este deve ser considerado o ponto de partida. Para tanto, é necessário que no cotidiano, o professor estabeleça uma relação de diálogo com as crianças e que crie situações onde elas possam expressar aquilo que já sabem. Enfim, é necessário que o professor se disponha a ouvir e notar as manifestações infantis.

Finalizando, é de suma importância que desde o início do processo de entrada na escola, seja explorada a livre expressão da criança, preconizando-se o seu texto-livre. O professor, através da linguagem oral da criança ou de seus desenhos, pode captar seu pensamento-linguagem. Ou melhor, captar temas de seu interesse que se transformarão em temas geradores para o aprendizado. ■

1 - CARVALHO NETO, C. Z. & MELO, M. T. Uma nova cultura docente. São Paulo: Laborciencia Editora, 2007.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Hucitec,1981.

CARVALHO NETO, C. Z. E agora, Professor?. São Paulo, Laborciencia, 1997.

FREINET, Celestin. O método natural. Lisboa. Editora Estampa.

MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SAMPAIO, Rosa Maria Ferreira. Freinet: Evolução histórica e atualidade. São Paulo, Scipione.

THOMPSON, J.B. Ideologia e cultura moderna. Petrópolis:Vozes,1995.

VYGOTSKI, L.S. Obras Escogidas II: Problemas de psicologia general. Madrid: Visor distribuiciones S.A, 1991.

Foto: Almir Cândido

Cassiano Zeferino de Carvalho Neto é escritor, pesquisador e professor-palestrante. Drdo. Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC/UFSC) e Mestre em Educação Científica e Tecnológica (ECT/UFSC). É fundador e atual presidente do Instituto Galileo Galilei para a Educação (www.igge.org.br). E-mail: master@engeducc.com

Foto: C.Neto

Maria Taís de Melo é Pós-Doutoranda do Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC), Doutora em Mídia e Conhecimento (UFSC), Mestre e Bacharel em Psicologia (UFSC). Diretora do Instituto para a Formação Continuada em Educação (IFCE). E-mail: diretoria@ifce.com.br

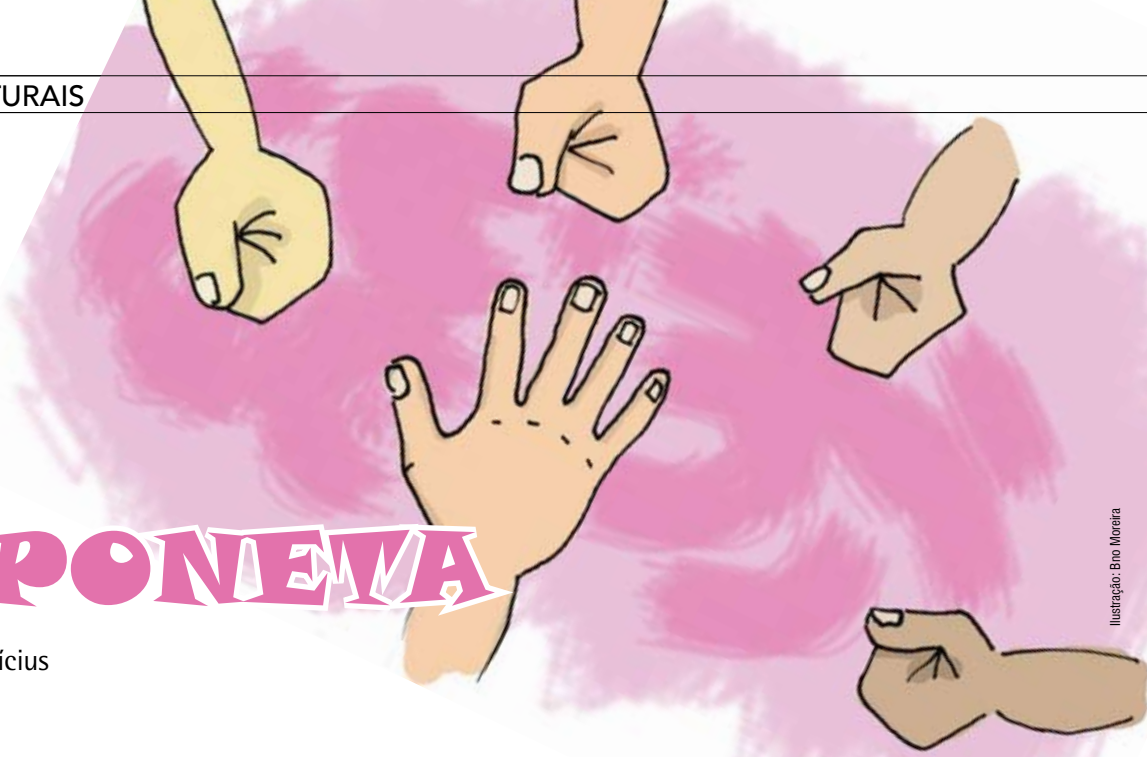


Ilustração: Bno Moreira

POMPONETA

Por Érika Ratkevícius

Essa proposta de trabalho se encaixa especialmente com o tema "poesia", pois oferece um encontro da brincadeira que tanto as crianças gostam com a infinidade de possibilidades de aprendizagens que o trabalho com a poesia pode proporcionar.

É uma forma atraente de ensinar e abordar posteriormente alguns aspectos da leitura e da literatura.

Segundo Huizinga, *"As qualidades do jogo são próprias da criação poética: entusiasmo pode ser sagrado ou festivo, de acordo com as circunstâncias. A ação é acompanhada por um estado de alegria e de distenção. (...) A afinidade entre poesia e jogo se manifesta na própria estrutura da imaginação criadora."* (HUIZINGA, 1971, p.147).

Outras letras, além da tradicional "pomponeta", podem ser utilizadas na brincadeira. Experiências e produções com cantigas já conhecidas, poemas, poesias e até pequenas histórias podem ser usadas com melodia tradicional.

Na Educação Infantil assim como no ciclo I do Ensino Fundamental, valorizar essa prática é uma alternativa metodológica para o trabalho em conjunto com outras áreas do saber, descobrindo como a criança pensa e desenvolvendo atividades para que a escola consiga promover práticas educacionais inovadoras e benéficas.

Diante dessas observações, a proposta é oferecer aos alunos uma maneira prazerosa e diferente de aprender e brincar. Mesmo porque, resgatar essa brincadeira antiga é dar ênfase à cultura e priorizar a pesquisa dentro e fora do ambiente escolar.

A "pomponeta" possui dois recursos principais que são a dinamicidade e a musicalidade que ela proporciona. Além disso, podemos incluir a questão do desenvolvimento motor (linguagem corporal), os valores, a socialização e muitos outros conceitos, que podem estar atrelados com os objetivos planejados pelo educador.

O reencontro com as brincadeiras antigas traz valores vivenciais históricos e sociais que permeavam as atividades em grupo das crianças em uma determinada época, e que, hoje, incentiva os alunos a pesquisarem em sua família/comunidade outras brincadeiras que norteavam o universo infantil de anos passados.

Os educadores interessados em poesia podem pesquisar um pouco mais em grandes autores como: Olavo Bilac, Zalina Rolim, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Sidónio Muralha e outros.

Essa brincadeira também pode ser conhecida como "lenga lenga". A música original da "pomponeta" diz assim:

"Pomponeta peta peta" - "Petá perruge"

"Pomponeta peta peta" - "Peta petrim"

Em roda, mãos fechadas e insinuadas para frente, uma criança (o organizador) começa cantando e batendo com uma de suas mãos aberta, primeiro em sua boca e em seguida nas mãos fechadas dos amigos, que também cantam a melodia.

O punho da criança que ficou, no final da canção, encostado na mão do organizador, deverá ser colocado para trás do corpo, ficando apenas com uma das mãos na brincadeira. Assim se segue, até que todas as mãos saiam e permaneça apenas uma, que iniciará uma nova rodada sendo a organizadora. ■

Referência bibliográfica

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.* São Paulo: Perspectiva, 1971.

Foto: Almir Cândido

Érika Ratkevícius é Pedagoga, Educadora especializada em Educação Infantil, habilitada em Gestão Educacional, atuante na Rede Municipal de Ensino. Participou da formação em Educação Ambiental, Políticas Educacionais, Gênero na Educação e Geociências (extensão - USP). Desenvolve oficinas periodicamente.
E-mail: ratkev@ig.com.br

Assine já a revista do Educador

Assine e ganhe um presente exclusivo

CD-Rom com 47 edições

2005 · 2006 · 2007 · 2008

Os principais especialistas estão aqui!

Celso Antunes · Divani Albuquerque Nunes · Érika Ratkevicius · José Arrabal
Laura Monte Serrat Barbosa · Mario Sergio Cortella · Maria Irene Maluf
Mercedes Carvalho · Moacir Gadotti · Rosita Edler Carvalho · Silvia Colello

DIRECIONAL
EDUCADOR

Exclusiva Publicações Ltda.
Tel.: (11) 5573.8110 · Fax: (11) 5084.3807
faleconosco@direcionalescolas.com.br
Rua Vergueiro, 2556 - 8º andar - Vila Mariana - São Paulo - SP
CEP 04102-000 - www.direcionalescolas.com.br

2º CONGRESSO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Tema: "Impactos Sociais da Tecnologia Educacional".
Data: 19 e 20 de outubro de 2009
* dia 21 – Cursos de Aperfeiçoamento Profissional
Local: Palácio Gustavo Capanema – Rua Imprensa, 16 – Centro – RJ
Realização: ABT Associação Brasileira de Tecnologia Educacional
Informações: Fone (21) 2551 9242
Site: www.abt-br.org.br
Email: abt-br@abt-br.org.br

I SEMINÁRIO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E EDUCACIONAL

Tema: Diálogo entre Orientador Profissional e Educacional: uniformizando a linguagem entre a academia e o mercado de trabalho.
Data: 23 e 24 de outubro de 2009
Local: Unipli – Universidade Plínio Leite - Niteroi – RJ
Realização: Unipli – Universidade Plínio Leite - Niteroi – RJ
Informações: Fone (21) 2199 1470 (Paula Alexandrisky) – (21) 9415 7126 (Ana Paula Menezes)
Site: www.unipli.com.br - www.seminariodeorientacao.kit.net
Email: seminariofilosofico@gmail.com - menezes-freitas@uol.com.br

IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE

III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA - ESBP – ABPp
Tema: "Políticas e práticas educativas: desáFios da aprendizagem"
Data: 26 e 29 de outubro de 2009
Local: Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba - PR
Realização: PUC – PR e Associação Brasileira de Psicopedagogia
Informações: Fone (41) 3271 1655 – 3271 2506
Site: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009
Email: educere.congresso@pucpr.br

IV BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS

Data: 30 de outubro a 8 de novembro de 2009
Local: Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso – Jaraguá -
Realização: Universidade Federal de Alagoas – Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL
Apoio: Associação Brasileira dos Editores Universitários – Câmara Brasileira do Livro – Governo de Alagoas
Informações: Fone (82) 3214 1111 - 3214-1113 - 9321-4754
Site: www.edufal.com.br/bienal2009
Email: ivbienal@edufal.com.br

V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO SEDIN 2009

Tema: "A Educação Infantil "numa" viagem pela Língua Portuguesa"
Data: 4 a 6 de novembro de 2009
Local: Teatro Gazeta – Av Paulista, 900 – São Paulo - SP
Realização: Sedin – Sindicato da Educação Infantil
Informações: Fone (11) 3258 3878
Inscrições pelo Site: www.sedin.com.br
Email: sedin@sedin.com.br

SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

Tema: "Inclusão pra valer! Teoria e Prática"
Data: 11 a 13 de novembro de 2009
Local: Centro de Convenções Serra Negra - SP
Realização: Didática Consultoria & Eventos
Informações: Fone (19) 3704 4291 -9747-9174 - 8143-1616
Site: www.adidatica.com.br
Email: ivanilde@adidatica.com.br

III ENCONTRO NORDESTE DE PSICOPEDAGOGIA

I FÓRUM INTERNACIONAL DE PSICOPEDAGOGIA DE SERGIPE
Tema: "APRENDENDO COM O ADOLESCENTE: um desafio a cada instante".
Data: 13 a 15 de novembro de 2009
Local: Auditório da Faculdade Pio Décimo – Aracaju - Sergipe.
Realização: ABPp – Associação Brasileira de Psicopedagogia – Seção Sergipe
Informações: Fone (079) 211-8668 - 211-7890 - 211-2371 - 9981-9185
Site: www.abpp.com.br/abppse
Email: auredite@hotmail.com

CURSOS

CURSO – PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM NEUROPEDAGOGIA E PSICANÁLISE

Coordenação: Profª Maria Irene Maluf
Datas: um final de semana mês, às Sextas Feiras – das 18:30 às 22h30, Sábados das 8h00 às 18:30
Carga horária: 420 horas em 21 meses consecutivos.
Início do Curso: Turma SP2: fevereiro de 2010 (inscrições abertas)
Local do Curso: Transamérica Flat Higienópolis – SP
Informações e Inscrições: Fone Fax (11) 3258 5715
Email: irenemaluf@uol.com.br – neuropedagogiasp@bol.com.br

CURSOS - INTERATIVA ASSESSORIA PEDAGÓGICA

Alguns temas;
Datas: 20-21-22 Outubro
A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: DAS LETRAS AOS TEXTOS
Data: 03-04-05 Novembro
AS RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE/ EDUCAÇÃO / ESCOLA
Data: 24-25-26 Novembro
A TEORIA PSICOGENÉTICA DE PIAGET- O PROC. DE CONSTR. DO CONHECIMENTO
Data: 01-02-03 Dezembro
A POESIA FAZENDO PARTE DO DIA-A-DIA ESCOLAR
Data: 08-09-10 Dezembro
PROJETO PEDAGÓGICO: UMA PERSPECTIVA DE IDENT. NO EXERC. DA AUTONOMIA
Data: 15-16-17 dezembro
PRIMEIROS SOCORROS NA ESCOLA: PREVENÇÃO E ATENDIMENTO
Horários: Manhã, Tarde e Noite
Realização: Interativa Assessoria Pedagógica
Informações: Fone (11) 3926 3616 – (11) 2864 3616
Site: www.interativavirtual.com.br
Email: contato@interativavirtual.com.br

CURSO – A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Revele o contador de histórias que está em você!
Conteúdo;
- a experiência de narrar.
- brincadeiras de imaginação e memória
- expressão corporal e vocal
- criação de contos
- leitura expressiva
- experimento de contação

Data: 05 de outubro de 2009 – 19h às 21h
Local: Livraria Panapaná
Coordenação:Giuliano Tierno
Informações: Fone (11) 5082 2132
Site: www.giulianotierno.blogspot.com
Email: giulianotierno@yahoo.com.br – panapana@livrariapanapana.com.br

CURSOS DE EXTENSÃO – CEFAC SAÚDE E EDUCAÇÃO

01- Babás, Monitores e Cuidadores Infantis = 20 horas
- à partir de 07 de Outubro de 2009 – Unidade São Paulo
Docente: Ana Maria Hernandez, fonoaudióloga formada pela PUC/SP em 1981, Mestre em Distúrbios da Comunicação pela PUC/SP em 1996.
02- Dislexia e outros distúrbios de aprendizagem = 10 horas
- dia 14 de novembro de 2009 – das 8h:30 às 17h:30 horas - Unidade Campinas
Docente: Dr Jaime Zorzi, doutor em educação pela Unicampo, Especialista em linguagem pelo CFFa.
Realização: CEFAC Saúde e Educação - Rua Caiowaá, 664 – Perdizes – SP.
Informações e inscrições: Fone (11) 3868 0818
Site: www.cefac.br
Email: cefac@cefac.br

CURSOS - EDUCAÇÃO E PSICOPEDAGOGIA

INSTITUTO PIERON
VEJA ALGUNS TEMAS;
- O Jogo e o Aprender
- Distúrbios de Aprendizagem
- Diagnóstico Psicopedagógico
- Psicólogo Escolar e Orientador Educacional
- Intervenção Psicopedagógica
- Psicanálise da Criança e do Adolescente
- PEI – Programa de Enriquecimento Instrumental – nível I e II
- Orientação Profissional

Informações: FONE/FAX: (11) 5573-9688 / 5549-6064
Rua Alice de Castro, 106 - Vila Mariana - Cep 04015-040 - São Paulo – SP.I
Site: www.pieron.com.br
Email: cursos@pieron.com.br

Inclusão pra valer!

Teoria e prática

Seminário de Educação

LOCAL: Centro de Convenções
Serra Negra - SP
DATA: 11, 12 e 13 de novembro 2009

Vagas limitadas

Carga Horária de 40h.

Organização:

Didática consultoria & eventos

Dia 11 de novembro

8h30 – Cerimônia de Abertura
9h – 11h Palestrante: Arimar Martins Campos - Mestre em Educação Inclusiva – Membro do Fórum permanente de educação inclusiva - MEC
Tema: "Inclusão: tecendo caminhos práticos na sala de aula"

11h – 11h30 Café e Visita à Feira

11h30 – 13h MESA REDONDA
Palestrantes: Herb Carlini – Secr. Municipal de Educação de Santa Bárbara d'Oeste -
Nicola Fosco – Secr. Municipal de Educação de Santo Antônio de Posse – SP
Mediadora: Ivanilde Moreira - Unicamp
Temas: "Inclusão escolar em tempos de Escola integral. Os centros integrados de educação pública (CIEPs)"
"A educação inclusiva e os desafios da formação docente"

14h – 16h RELATO DE EXPERIÊNCIAS - (Rede infantil ao 5º ano)
Palestrantes: Elaine Cristina Bortolotti, Maria José Zanatta Cavalmoretti, Silmara Elena Pires de Moraes dos Reis - Docentes da rede municipal de educação de Santa Cruz das Palmeiras (SP), Pós-graduadas e Educação Inclusiva - (FATECE)
Tema: "Inclusão de Surdos: uma experiência de buscas e conquistas".

16h – 17h30 Café e visita à feira de exposições

17h30 – Encerramento do dia

Dia 13 de novembro

8h – 10h Palestrante: Tania Wolkoff Giorgi - Advogada Mestre em Direito (PUC/SP)
Tema: "Inclusão na educação – marcos legais"

10h - Café e Visita à Feira de exposições

10h – 12h Palestrante: Dr Jobair Ubiratan Aurélio da Silva - Médico Neuropediatra Especialista em distúrbios da aprendizagem
Tema: "Aspectos neurológicos nos distúrbios de aprendizagem"

12h - 14h – Almoço e Visita à Feira de exposições

14h -15h30 Palestrante: Rosa Maria de Freitas Rogerio - Mestre em educação (USP)
Tema: "Quando o trabalho coletivo garante a inclusão"

15h30 – 16h Café e visita à feira de exposições

16h às 18h Palestrantes: Maria Del Carmen Prada Holler - Psicopedagoga Especialista em distúrbios de aprendizagem
Patrícia Gouveia Ferraz - Médica Psiquiatra (USP)
Tema: "Inclusão Escolar de Alunos com Transtorno Invasivo do Desenvolvimento - Espectro Autista"

18h - Encerramento

Dia 12 de novembro de 2009

8h – 10h Palestrante: Rosita Edler Carvalho - Doutora em Educação (UFRJ) Consultora em Educação Especial
Tema: "Educação Inclusiva: Com os pingos nos is"

10h – Café e visita à Feira de exposições

10h – 12h Palestrante: Fabiana Damas - Especialista em Educação Especial (Deficiências Visuais) Mestre em Ciências da Saúde (Faculdade Medicina do ABC)
Tema: "Visopedagogia" Psicopedagoga

12h - 14h – Almoço e visita à Feira de exposições

14h – 15h30h Palestrante: Morgana Agostini - Doutora em educação Especial (Ufscar)
Tema: "Competências e habilidades na escola inclusiva"

15h30 – 16h Café e visita à feira de exposições

16h – 17h30 RELATO DE EXPERIÊNCIA (ENSINO MÉDIO)
Palestrante: Rodrigo Medeiros - Professor de Física - Pós-graduado em Educação Inclusiva (FATECE)
Tema: "O ensino de física para alunos surdos, possibilidades e desafios".

Informações: (19) 37044291 www.adidatica.com.br

V Congresso de Educação Infantil

SEDIN

SINDICATO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A EDUCAÇÃO INFANTIL "NUMA" VIAGEM PELA LÍNGUA PORTUGUESA

4, 5 e 6 de novembro de 2009

Teatro Gazeta
Av. Paulista, 900
São Paulo - SP

Liberação de Ponto: Portaria nº 1589 de 20 de fevereiro de 2009.

INSCRIÇÕES ABERTAS (vagas limitadas)

(11) 3258-3878

Rua Xavier de Toledo, 316 - 9º andar - Conj. 90 - Centro - São Paulo - SP - www.sedin.com.br